

**Autores brasileiros
em terras portuguesas:
relação entre Brasil e Portugal
no mercado editorial na
atualidade**

Estudo de caso: Edições
Tinta da China

Taís Facina

Dissertação de mestrado
em Edição de Texto

Maio de 2018

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Edição de Texto, realizada sob a orientação científica do professor Dr. Rui Zink.

Nota: esta dissertação foi escrita conforme as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em 1990.

Dedicatória

Ao meu pai, que desde que eu era miúda incentivou-me a gostar de livros e, se ainda fosse vivo, estaria agora muito orgulhoso por essa conquista.

À minha cunhada Jane Pitrowsky Facina, que nos deixou precocemente este ano e fará muita falta.

Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer ao professor Rui Zink, por aceitar ser meu orientador e por todas as preciosas dicas que deu não só durante a realização deste trabalho, mas também durante todo o curso.

À Bárbara Bulhosa, que em meio a todas as multitarefas que um editor tem que cumprir em seu dia a dia, mais ainda em época próxima às festas de Natal, dispôs de um tempo para atender-me pessoalmente e fornecer todas as informações que necessitava para a realização desta dissertação. Tem minha admiração profunda pelo incrível trabalho que faz à frente da Tinta da China, com determinação, ousadia, inovação e perspicácia.

A Ruy Castro, Heloísa Seixas, Raquel Menezes e Ricardo Anaia, pelas entrevistas gentilmente concedidas.

À Letícia Casado, Ailse Bittencourt e Helena Rossi, por todo o apoio que me deram para a realização desse mestrado e minha vinda para Portugal e por estarem sempre disponíveis para me apoiarem, mesmo a distância. Minha admiração e amizade eterna por vocês.

À Adriana Pasini, pela torcida constante, pela amizade e pela ajuda fundamental concedida na reta final.

A Rebeca Wanderley, Ana Carina Pereira, Bárbara Ribeiro, Sara Mourato, Inês Bernardo e todos os meus novos amigos em terras lusitanas.

À minha família maravilhosa que está sempre ao meu lado. Meu querido irmão Rafael Facina, que mesmo a passar por um momento grave e conturbado de sua vida, não só deu opinião sempre que solicitei, como ainda ajudou com o raciocínio matemático. Minha amada mãe, sempre pronta a ajudar com o que for preciso, a suportar qualquer tipo de situação e amparar em todos os momentos, a acompanhar-me nesta jornada. Ao meu pequeno sobrinho Alex, pela fofura e alegria de viver. Amo vocês!

E, principalmente, ao meu filho querido, que muitas vezes foi privado de minha companhia, mas foi sempre compreensivo e amigo, e que até mudou de país para me acompanhar. Amo-te e tenho muito orgulho de quem és!

AUTORES BRASILEIROS EM TERRAS PORTUGUESAS: RELAÇÃO ENTRE BRASIL E PORTUGAL NO MERCADO EDITORIAL NA ATUALIDADE

Estudo de caso: Edições Tinta da China

Taís Facina

RESUMO

Esta dissertação é um estudo exploratório sobre a publicação de autores brasileiros em Portugal, com breve panorama sobre o início das relações editoriais entre os dois países, desde os tempos da colonização; os fatores de aproximação que permitiram e permitem um intercâmbio de culturas; uma sucinta avaliação sobre o mercado editorial português na atualidade e as iniciativas de casas editoriais que se destacaram e se destacam em relação à literatura brasileira. O foco principal foi a Edições Tinta da China, por ser uma editora portuguesa que há seis anos mantém a constância em publicar autores contemporâneos brasileiros e, por meio de diversas iniciativas, promove uma verdadeira “ponte” entre as duas culturas.

Palavras-chave: mercado editorial português; relações editoriais luso-brasileiras; edição de livros; autores brasileiros em Portugal.

BRAZILIAN AUTHORS ON PORTUGUESE TERRITORIES: RELATIONSHIP BETWEEN BRAZIL AND PORTUGAL IN THE EDITORIAL MARKET IN THE CURRENT

Case study: Edições Tinta da China

Taís Facina

ABSTRACT

This dissertation is an exploratory study about the publishing of Brazilian authors in Portugal, with a brief overview of the beginning of the editorial relations between the two countries, from the time of colonization; the factors that allowed and allows an exchange of cultures; a succinct evaluation of the Portuguese publishing market today and the initiatives of publishing houses that have stood out and stand out in relation to the Brazilian literature. The main focus was the Edições Tinta da China, as a Portuguese publisher who, in six years, maintains the constancy in publishing contemporary Brazilian authors and, through various initiatives, promotes a true "bridge" between the two cultures.

Keywords: Portuguese publishing market; Portuguese-Brazilian editorial relations; book publishing; Brazilian authors in Portugal.

Índice

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| CAPÍTULO 1 – BREVE HISTÓRICO SOBRE A EDIÇÃO NO BRASIL E EM PORTUGAL E OS REVESES DESSA RELAÇÃO AO LONGO DO TEMPO | 12 |
| 1.1 Os livros e o poder | 13 |
| 1.2 A Imprensa Régia no Brasil | 17 |
| 1.3 Fim do monopólio de impressão e inversão dos papéis | 18 |
| CAPÍTULO 2 – FATORES E INICIATIVAS DE APROXIMAÇÃO QUE FAVORECERAM O INTERCÂMBIO EDITORIAL ENTRE BRASIL E PORTUGAL | 22 |
| 2.1 Acordos e iniciativas governamentais..... | 23 |
| 2.1.1 Acordo Cultural Luso-Brasileiro de 1941 | 23 |
| 2.1.2 Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa – 1990..... | 24 |
| 2.1.3 Tratado da Amizade – 2000 | 30 |
| 2.1.4 Ano Brasil-Portugal – 2012 | 311 |
| 2.1.5 Programa de Apoio à Tradução e à Publicação de Autores Brasileiros no Exterior - 2015..... | 34 |
| 2.2 Prémios literários e feiras do livro..... | 35 |
| 2.2.1 Prémio José Lins do Rego - 1961..... | 35 |
| 2.2.2 Primeira Feira do Livro Brasileiro em Lisboa - 1966 | 36 |
| 2.2.3 Prémio Camões - 1988 | 37 |
| 2.2.4 Prémio Oceanos - 2017 | 37 |
| 2.3 Plano Nacional de Leitura | 40 |
| CAPÍTULO 3 – BREVE PANORAMA SOBRE O MERCADO EDITORIAL PORTUGUÊS E AS INICIATIVAS EM RELAÇÃO À LITERATURA BRASILEIRA | 44 |
| 3.1 País onde não se lê tanto quanto se escreve | 45 |

| | |
|--|------------|
| 3.2 Iniciativas pioneiras para o livro brasileiro em Portugal | 49 |
| 3.3 Paulo Coelho, <i>Curso Breve de Literatura Brasileira</i> e o avanço das obras literárias brasileiras em Portugal..... | 53 |
| 3.4 Iniciativas recentes | 566 |
| CAPÍTULO 4 – ESTUDO DE CASO: EDIÇÕES TINTA DA CHINA | 59 |
| 4.1 Literatura com sotaque | 60 |
| 4.2 Escolha de autores, contratos e a língua única | 63 |
| 4.3 Receção dos leitores e vendas | 65 |
| 4.4 Uma ponte entre Brasil e Portugal..... | 69 |
| 4.5 Perspetivas para o futuro | 711 |
| CONCLUSÃO | 75 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OUTRAS | 799 |
| APÊNDICES..... | 866 |
| APÊNDICE I – Linha do tempo com os principais fatores de aproximação e iniciativas pioneiras | 87 |
| APÊNDICE II – Quadro de autores brasileiros publicados em Portugal, conforme catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal – autor, livro, ano, editora e edições/reimpressões | 89 |
| APÊNDICE III – Guião das entrevistas realizadas | 109 |
| ANEXOS | 112 |
| ANEXO I – Artigos e críticas nos meios de comunicação portugueses sobre autores e livros brasileiros | 113 |
| ANEXO II – Anúncio da Editora Livros do Brasil na Revista <i>Livros de Portugal</i> , editada pelo Grémio Nacional de Editores e Livreiros (GNEL) - agosto de 1945 (nº 42, p. 137) | 128 |
| ANEXO III – Exemplos de capas de livros de autores brasileiros ao longo dos anos (em editoras portuguesas) | 129 |

Lista de ilustrações

FIGURAS

- Figura 1** – Exemplo de texto nos *media* com informação sobre o uso ou não do acordo ortográfico 25
- Figura 2** – Programa do LeYa no Rossio – Festival Literário 33
- Figura 3** – Capa do livro escolar do 9º ano e texto de Carlos Drummond de Andrade no interior 43
- Figura 4** – Capa da primeira *Granta Língua Portuguesa*, com o tema Fronteiras 70

GRÁFICOS

- Gráfico 1** – Venda de livros, em unidades, nos anos 2015 a 2017 47
- Gráfico 2** – Venda de livros, total em euros, nos anos 2015 a 2017 48

Lista de quadros

- Quadro 1** – Listagem de alguns dos principais prémios para escritores lusófonos 39
- Quadro 2** – Autores brasileiros indicados no Plano Nacional de Leitura 2017, segundo ano escolar e orientação 41
- Quadro 3** – Autores e obras da coleção *Breve Curso de Literatura Brasileira*, conforme registo na base de dados da BNP 54
- Quadro 4** – Autores e obras da coleção *Sabiá*, conforme registo na base de dados da BNP 55
- Quadro 5** – Editoras, livros e valores contemplados pelo *Programa de Apoio à Tradução e à Publicação de Autores Brasileiros no Exterior*, da Biblioteca Nacional do Brasil, de 2015 até dezembro de 2017 62
- Quadro 6** – Autores brasileiros publicados pela Tinta da China, por data de publicação, até março de 2018 73

Introdução

As relações editoriais entre Brasil e Portugal remontam à época da colonização e passaram por períodos que vão desde uma escassez total de impressos no Brasil, por conta da política colonial portuguesa, até ao que podemos chamar hoje de uma entrada copiosa de autores brasileiros em Portugal.

O país vive atualmente uma espécie de “colonização reversa”, por estar a receber uma grande quantidade de imigrantes brasileiros, e não só publica autores clássicos e contemporâneos de sua antiga colônia, como também vê suas casas editoriais a estreitarem as relações entre os dois países, com abertura de filiais e lançamentos simultâneos.

A escolha do tema, *Autores brasileiros em terras portuguesas: relação entre Brasil e Portugal no mercado editorial na atualidade*, foi realizada a partir de minha observação, numa perspectiva pessoal, sobre o aumento no número de escritores brasileiros publicados em Portugal, uma grande recepção por parte dos *media* e a abertura de filiais brasileiras ou novas editoras.

A partir daí, neste estudo exploratório, pretendi analisar a realidade da publicação de autores brasileiros em Portugal, na busca pelo esclarecimento de algumas questões, tais como:

- ❖ Que editoras vendem livros de autores brasileiros em Portugal? Qual o volume de vendas? Que tipo de livros?
- ❖ É feita adaptação na linguagem? São acrescentadas notas de rodapé explicativas? Que tipo de trabalho editorial é feito no livro?
- ❖ Quais são as estratégias de venda, de marketing e de distribuição?
- ❖ Como é feita a escolha dos autores e dos livros?
- ❖ Que tipo de contrato é feito? Diretamente com o autor ou através de uma editora brasileira?
- ❖ Que fatores contribuíram e/ou contribuem como elementos de aproximação entre as duas culturas?

O foco do trabalho foi o aspeto editorial da questão. Com base em pesquisa e análise dos dados obtidos, a metodologia fundamentou-se nos seguintes procedimentos:

- ❖ análise de livros, artigos e reportagens relacionados com o assunto em investigação;
- ❖ busca de estatísticas de autores brasileiros editados em Portugal;
- ❖ entrevistas com os responsáveis das editoras que publicam esses autores em Portugal;
- ❖ busca por fatores de aproximação entre as duas culturas (prémios, temáticas em feiras do livro, novo acordo ortográfico, crítica literária etc.);
- ❖ pesquisa sobre a história da edição no Brasil e em Portugal;
- ❖ pesquisa sobre as editoras que publicam autores brasileiros em Portugal.

Por questões de limitação de espaço e tempo, foi feita uma análise a partir do estudo de caso da Edições Tinta da China, por ser uma editora “jovem” no mercado, de origem portuguesa, mas que, nos últimos seis anos, tem investido fortemente em autores brasileiros, a maior parte deles contemporâneos – o que foge da antiga fórmula de editoras lusitanas de só publicarem os autores brasileiros considerados clássicos, como Machado de Assis e Jorge Amado.

Outras iniciativas também foram abordadas, assim como alguns acontecimentos considerados marcantes para a aproximação cultural, mas sem a intenção de esgotar o assunto ou fazer um levantamento histórico fiel e detalhado sobre a questão. Os conteúdos aqui narrados foram feitos a partir de uma investigação profunda, mas selecionados sob a minha perspetiva do que seria importante para dar um panorama sobre os fatores que permitiram uma aproximação da literatura entre os dois países, um histórico sobre as primeiras e as principais editoras a publicar autores brasileiros em Portugal e encontrar padrões e elementos comuns da edição desses escritores no país.

Também foi incluído neste estudo um breve histórico panorâmico sobre os mercados editoriais no Brasil e em Portugal, desde a época da colonização, a fim de permitir o entendimento e uma contextualização sobre essa relação ao longo dos anos

e como isso influenciou e influencia até os dias atuais a conexão editorial entre os dois países.

Sendo assim, os capítulos foram estruturados da seguinte forma:

- ❖ **Capítulo 1:** *Breve histórico sobre a edição no Brasil e em Portugal e os reveses dessa relação ao longo do tempo.* Neste capítulo, relatei um pouco da história do livro em Portugal e no Brasil, mas apenas destacando os momentos em que essas histórias entrecruzaram-se e tiveram influência para o desenvolvimento do mercado editorial no Brasil e de sua literatura, assim como do avanço dessa literatura em Portugal.
- ❖ **Capítulo 2:** *Fatores e iniciativas de aproximação que favoreceram o intercâmbio editorial entre Brasil e Portugal.* Neste capítulo destaquei algumas das iniciativas, tanto governamentais como privadas, que, sob meu ponto de vista, influenciaram positivamente a divulgação da literatura brasileira em Portugal.
- ❖ **Capítulo 3:** *Breve panorama sobre o mercado editorial português e as iniciativas em relação à literatura brasileira.* Nesta parte da dissertação, tracei um curto panorama sobre o mercado editorial português na atualidade (número de editoras, quantidade de livros produzidos e vendidos etc.) e um histórico sobre as algumas das editoras que primeiro destacaram-se com a venda de autores brasileiros em Portugal e as iniciativas mais atuais.
- ❖ **Capítulo 4:** *Estudo de caso: a Tinta da China.* Neste último capítulo, descrevi, por meio do estudo da Tinta da China, alguns pormenores sobre os aspetos editoriais de se publicar autores brasileiros em Portugal.

Espero que a dissertação possa ser útil para futuros estudos sobre as relações editoriais entre os dois países, seja em termos mais abrangentes, aprofundados ou de aspetos diferenciados, que certamente seriam de grande interesse para profissionais e pesquisadores do livro e do mercado editorial de ambos os países.

Capítulo 1

Breve histórico sobre a edição no Brasil
e em Portugal e os reveses dessa
relação ao longo do tempo



*Se um livro é mau, nada o pode desculpar; sendo bom,
nem todos os reis o conseguem esmagar.*
Voltaire

1.1 Os livros e o poder

A tipografia em Portugal começou como um ofício exclusivo de judeus que produziam obras religiosas para o mercado hebraico no país e no exterior, em 1487, algumas décadas após Gutenberg¹ dar impulso aos trabalhos de impressão com a invenção dos tipos móveis (Hallewell, 2005, p. 53). Foi nesse ano, na oficina do judeu Samuel Gacon, localizada em Faro, que foi impresso o primeiro livro em Portugal de que se tem notícia, o *Pentateuco*, em hebraico. Durante quase uma década, até 1496, a produção dos prelos judaicos prosperou, mas teve um fim abrupto a partir do decreto que expulsou os judeus de Portugal naquele ano e proibiu a impressão de livros em hebraico (Anselmo, 1991, p. 97).

O primeiro documento impresso em língua portuguesa nas oficinas nacionais de que se tem registro é a tradução de *Vita Christi*, realizada em 1495, em Lisboa, pelos impressores alemães Valentim Fernandes de Morávia e Nicolau de Saxónia.

A mais completa obra existente sobre história do livro no Brasil, com 810 páginas, foi escrita por Laurence Hallewell, que descreve essa primeira impressão sendo:

[...] quando a rainha Leonor pediu a seu primo, o sacro imperador romano Maximiliano, que lhe mandasse seus dois impressores (Valentim da Morávia e Nicolau da Saxónia) para produzir a tradução de Bernardo de Alcobça da *Vita Christi*, de Ludolfo, o Saxão, obra do século XIII. Ela queria um exemplar para presentear o marido, D. João II, em seu leito de morte. (Hallewell, 2005, p. 53).

O presidente da Academia das Ciências de Lisboa, professor universitário e autor de livros sobre história do livro, língua e literatura, Artur Anselmo (1991, pp. 98-99), confirma esse registro oficial, embora cite um documento encontrado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, uma impressão da obra *Sacramental*, de Clemente Sanchez de Vercial, que se conjectura ter sido impressa em 1488. Porém não há provas materiais suficientes para comprovar o facto, já que o colofão da obra

¹ O alemão Johann Gutenberg foi o inventor da máquina de impressão tipográfica, na década de 1430.

atualmente está em falta no único exemplar conhecido do livro e há apenas um testemunho autorizado de Francisco Freire de Carvalho, de 1845.

Em 1501, com o aumento da reprodução de textos através dos novos meios mecânicos desenvolvidos por Gutenberg, alastrou-se um temor entre as autoridades em relação ao conhecimento difundido, principalmente sobre o aspeto religioso. Com a disseminação da impressão, cresceram também os hábitos de leitura e escrita, permitindo que o conhecimento chegasse a novas classes sociais, e não mais ficasse restrito à classe religiosa (antes da invenção de Gutenberg, eram os monges que copiavam os livros escritos à mão e, portanto, tinham o domínio sobre o que era redigido). “O papa Alexandre VI, da família Bórgia, recomendou a todos os príncipes cristãos que garantissem a ortodoxia religiosa de tudo que estava sendo publicado em seus domínios” (Hallewell, 2005, p. 60).

Assim, em plena “Era dos Descobrimentos”, quando Portugal e Espanha fizeram os primeiros contactos com a África e as Américas, esse era o cenário do comércio de livros na Europa. No início, movidos pelo estímulo religioso, houve grande interesse em despachar livros. E isso durou muito anos, ficando a leitura restrita a grupos religiosos ou famílias abastadas que levavam os livros da Europa para o Brasil.

Porém, ao contrário da Espanha, que autorizava a abertura de tipografias em suas colónias na América, Portugal, temendo uma “possível propagação de ideias políticas progressistas e revolucionárias” (El Far, 2006, p. 12) proibia expressamente qualquer tipo de reprodução impressa nas suas.

Por isso, durante o período colonial, os habitantes do Brasil precisavam importar os livros da metrópole, o que além de ser custoso e lento, passava pela censura portuguesa (primeiro pela Inquisição e depois, a partir de 1769, pela Real Mesa Censória). Assim, o acesso aos livros e à educação era um privilégio de poucos.

Algumas iniciativas independentes, como os prelos² recém-instalados pelo governador de Pernambuco, em 1703, e pelo governador do Rio de Janeiro, em 1747,

² Máquina tipográfica manual; prensa. (Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico. Porto: Porto Editora, 2003-2018. [consult. 2018-01-14]. Disponível na internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/prelo>.

assim que descobertos receberam ordem de fechamento de Portugal, que receava que os funcionários locais adquirissem algum grau de independência.

Cabe ressaltar aqui um importante nome que figura na história da impressão tanto do Brasil como de Portugal: o português António Isidoro da Fonseca. Seu nome é referenciado como “patriarca da imprensa no Brasil”, conforme endossa o historiador Aníbal Bragança (2010, p. 27) ao título concedido por José Veríssimo em estudo pioneiro³ datado de 1900. Porém, essa designação nem sempre é lembrada, até mesmo por ele ter exercido tal ofício durante um curto espaço de tempo no Brasil. O que se sabe é que as poucas obras que chegou a produzir são os livros impressos mais antigos encontrados no país, pois do impressor instalado em Pernambuco em 1703 não há nenhum registro.

Em Lisboa, Isidoro da Fonseca publicou importantes obras entre 1735 e 1745, emigrando para o Brasil em 1747. Não se sabe ao certo que motivos o levaram a emigrar. Há especulações sobre possíveis problemas financeiros e políticos e de um convite feito pelo então governador do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade, mas sem a autorização prévia de sua metrópole. Bragança (2010, p. 26) também relata a possível vinculação à ida para a colônia do bispo D. António do Desterro Malheyro, em 1746, tendo em vista que algumas obras obtiveram “licença do Senhor Bispo” para serem impressas (Verri, 2006, p. 208).

Entretanto, em 10 de maio do mesmo ano, a Corte expediu uma Resolução do Conselho Ultramarino e uma Ordem Régia que acabou por fechar a tipografia e enviar Isidoro da Fonseca de volta a Lisboa. Para Verri (2006, p. 208), um dos motivos dessa proibição foi a transgressão da autoridade eclesiástica local, que não tinha os poderes inquisitoriais da Corte para permitir a impressão de livros. Bragança (2010, p. 27) cita o estudo de José Marques de Melo, *Sociologia da imprensa brasileira*⁴, que considera que a extinção da tipografia de Isidoro da Fonseca foi uma ação isolada de confisco, em razão de ter sido montada sem a autorização dos governantes metropolitanos, já que não há uma ordem direta que vede taxativamente a instalação e o funcionamento

³ Veríssimo, J. (1900). *Livro do centenário (1500-1900), Seção IV*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.

⁴ Mello, J. M. de. (1973). *Sociologia da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Vozes.

de tipografias no Brasil. Há ainda os motivos económicos, pelo facto de ser muito mais caro produzir na colónia.

Hallewell (2005), porém, é mais crítico em relação a Portugal ao analisar os motivos da censura:

Era compreensível, portanto, que, por conveniência da administração para fins de censura, toda a produção de livros e impressos ficasse restrita a Portugal. Mas não se faz menção alguma à verdadeira razão: a suposição mercantilista básica de que a única função das colónias era fornecer matérias-primas (e consumir, em troca, uma quantidade mínima de manufaturas europeias). (p. 95)

O autor afirma ainda que, ao estudar a atitude dos portugueses em relação à impressão na colónia, é preciso considerar a importância que eles atribuíam a seu isolamento de todas as influências externas, “uma obsessão que parece ter-se agravado à medida que avançava o século XVIII (e o poder económico do Brasil aumentava)” (2005, p. 95).

Sejam quais foram os reais motivos, o que se sabe de Isidoro da Fonseca é que três anos depois de ter saído do Brasil por exigência de Portugal, ele tentou obter permissão para retornar, com licença para exercer a atividade de impressão, mas o pedido foi negado pela Corte e não se teve mais notícia sua.

Somente pouco tempo antes da Independência é que foi aceito que um governo moderno precisava de um prelo. Enquanto outras colónias pelas Américas já tinham prelos desde 1760, o Brasil teve o seu primeiro em 1808, no Rio de Janeiro, com a chegada da família Real Portuguesa, quando as populações “europeizadas” das novas colónias tinham crescido o suficiente para criar mercados que pudessem sustentar a edição como um negócio. A partir do momento em que havia um poder colonial sendo criado, com a necessidade do ensino, era também necessário produzir localmente os livros, em vez de serem encomendados e embarcados da Europa (Hallewell, 2005).

Desde então, as relações editoriais entre os dois países viveram uma série de avanços e retrocessos, com momentos de intensa troca e outros de censura total.

1.2 A Imprensa Régia no Brasil

Inicialmente, a Imprensa Régia no Brasil visava apenas à publicação dos atos oficiais, mas seu desenvolvimento foi muito rápido e, em um curto espaço de tempo, já havia publicação de obras em quase todos os campos do conhecimento (Mindlin, 2010, p. 19). Além de aumentar substancialmente a população do Rio de Janeiro⁵, a vinda da Corte portuguesa também trouxe um grande progresso para a cidade, com abertura de portos e criação de diversas instituições financeiras e culturais, como o primeiro banco do Brasil, a Casa da Moeda, escolas, museus e a Biblioteca Real. As livrarias passaram de apenas duas, em 1808, para cinco em 1809 e doze em 1816 (Hallewell, 2005, pp. 107-108).

Todavia, até 1822, a Imprensa Régia deteve o monopólio da impressão no Rio de Janeiro e todas as publicações sofriam censura prévia, a fim de garantir que nenhum atentado à religião, ao governo ou à moral ganhasse forma impressa (Abreu, 2010, p. 43). Além de produzir materiais para o governo, como cartazes, panfletos, sermões e outros documentos oficiais, também realizava trabalhos para livrarias (principalmente a de Paulo Martin) e encomendas diretas de autores, todos com pedido prévio de autorização e análise da junta de censores que foi estipulada.

Neste momento, entre 1808 e 1821, período em que o governo de Portugal esteve instalado no Brasil, aconteceu a primeira inversão de papéis entre os dois países na questão editorial.

A partir da instalação da Imprensa Régia no Rio de Janeiro, coube aos moradores de Lisboa ter de esperar para receber e ler obras impressas do outro lado do Atlântico, invertendo uma condição secular, que forçava os habitantes do Brasil a aguardar pelos impressos produzidos na Europa. O interesse do livreiro lisboeta em fazer, transportar e vender títulos dados à luz no Rio de Janeiro revela que os livros saídos dos prelos cariocas pareciam atrativos, mesmo para aqueles que tinham à disposição diversas tipografias e casas impressoras, como era o caso dos que viviam em Lisboa. (Abreu, 2010, p. 58)

⁵ Não há um cálculo exato e as estimativas vão desde um aumento de 2 mil habitantes até 15 mil. Mas, segundo Hallewell (2005), mesmo 2 mil habitantes já causaria um grande impacto na cidade, com aumento também da circulação de servidores civis bem pagos e toda elite portuguesa, com seus gostos e cultura europeus.

1.3 Fim do monopólio de impressão e inversão dos papéis

Em 1821, com a volta de dom João VI para Portugal, encerrou-se a censura prévia e o monopólio da Impressão Régia (que foi renomeada para Real Oficina Tipográfica em 1815 e Imprensa Nacional em 1822, com a independência do Brasil), possibilitando a diversificação de editores e impressores. Foram criadas seis novas tipografias em apenas um ano, abrangendo também outros estados do país. E, a partir da independência, diversas outras.

Mas os laços comerciais com a antiga metrópole continuaram e, na análise de Alessandra El Far (2010), o Brasil beneficiou-se muito dos avanços conquistados no mercado editorial português. “Não só importou os volumes vendidos em Lisboa e na cidade do Porto, como ampliou suas atividades a partir da intensa comunicação com aquele comércio livreiro, repleto de autores, ideias novas e de tecnologias avançadas de impressão e edição” (p. 93).

Pouco a pouco, o livro tornou-se um item popular e fundamental no processo de civilização do país e essa valorização da cultura impressa atraiu a atenção de livreiros e tipógrafos estrangeiros, não só portugueses, mas também franceses e alemães (El Far, 2006). Primeiro, eles traziam da Europa as obras de autores de renome e de reconhecido mérito, e depois começaram a instalar livrarias e tipografias no Brasil.

Os editores portugueses, desde o princípio, estavam habituados a uma situação de relativa “dependência e incipiência” do mercado do livro no Brasil, e posicionavam-se como provedores de um público e de um sistema livreiro que lhe eram fiéis. O espaço brasileiro do livro era considerado apenas um mercado recetor. Mas com o surto de desenvolvimento do setor livreiro e editorial brasileiro, as relações de influência, no que diz respeito ao livro, mudaram e, na análise de Nuno Medeiros (2011, pp. 1-2), chegaram mesmo a se inverter.

E o auge dessa inversão foi em 3 de setembro de 1948, quando o Decreto nº 25.442 (que depois foi incluído na Lei nº 842, de 4 de outubro de 1949), impediu a importação de “obras redigidas em língua estrangeira, assim como as obras impressas

em Portugal, em português, quando escritas por autores portugueses”⁶, visando à ampliação do mercado nacional (Medeiros, 2011, p. 3). Assim, durante oito anos, ficou proibido aos editores portugueses exportar para o país que até então era o seu maior recetáculo de livros.

Para entender tal medida é preciso avaliar o contexto em que ela surgiu. Para Medeiros (2011, p. 4), é “consequência de uma política de perpetuação de dependência posta em prática pelos mecanismos do sistema colonial”, o que fez com que o desenvolvimento da indústria editorial fosse tardio no Brasil. A autonomia veio apenas a partir dos anos 1920, juntamente com o aparecimento da literatura nacional, fazendo com que o campo da edição e da impressão atingisse um patamar competitivo na década de 1930.

Assim, a partir da década de 1940, era crescente a preocupação, entre os editores portugueses, com a perda do seu maior e mais seguro mercado para o livro. “O conjunto de argumentos estabelece-se a partir do reconhecimento da estagnação da edição portuguesa, ultrapassada pelo dinamismo e arrojo inovador que o sector experimentava além-Atlântico” (Medeiros, 2001, p. 5).

Em seu artigo, Medeiros (2011) relata uma série de depoimentos de editores portugueses preocupados com a expansão da indústria editorial no Brasil e o consequente encolhimento do mercado em Portugal, na década de 1940:

“É constrangedor ver como o livro português está quase banido do Brasil, sobretudo o livro moderno, e como o livro brasileiro se tem espalhado em Portugal” (*Lobo Vilela, diretor literário da Editorial Gleba*)(Lisboa, 1944, apud Medeiros, 2011, p. 5)

“[...]Há cinquenta anos invadíamos nós o mercado brasileiro com os nossos livros, hoje voltou-se o feitiço contra o feitiçeiro [...]. Hoje as oficinas tipográficas brasileiras são notáveis. E notáveis as suas casas editoras! Este país está magnificamente apetrechado para nos bater e até nos esquecer: quanto à sua indústria, à expansão do livro, à

⁶ Senado Federal do Brasil. *Decreto nº 25.442/48* de 3 de setembro (1948). Consultado em 20 jan. 2018. Disponível em: <http://legis.senado.leg.br/legislacao/ListaTextoSigen.action?norma=448114&id=14228890&idBinario=15772147&mime=application/rtf>

selecção e tradução deste, etc.” (*Arménio Amado, sócio-fundador da Coimbra Editora*) (Lisboa, 1944, apud em Medeiros, 2011, p. 6)

“Convém pormos de parte, e definitivamente, a ideia de que o Brasil ainda é um vasto campo de operações coloniais para o livro português. [...] Criaram-se assim as condições necessárias para o Brasil pensar que chegou o momento de se invertermos os papéis e a sua produção editorial desempenhar no nosso país o papel que outrora as nossas edições representavam para o leitor brasileiro, sendo, portanto, necessário não esquecer a emancipação cultural do Brasil.” (*Irmãos Lyon de Castro, fundadores das Publicações Europa-América*) (Castro e Castro, 1952, apud Medeiros, 2011, pp. 6-7)

Em 1956, com a abolição da legislação que proibia a exportação das traduções feitas em Portugal e com a instabilidade financeira que tomou conta do país, voltou a haver o incremento das exportações dos editores portugueses para o Brasil. Porém, a crise económica também gerou muitas perdas para os editores portugueses, em razão da inconstância cambial e do congelamento do pagamento de livros importados ordenado pelo banco central brasileiro.

Em 1966, a revista *Livros de Portugal*, um boletim mensal produzido pelo Grémio Nacional de Editores e Livreiros (GNEL), trazia uma extensa reportagem sobre o assunto, o que demonstra a preocupação do setor editorial português. No editorial, informava-se que o livro português enfrentava duas grandes dificuldades no Brasil: a taxa incidente sobre ele e a demora, embora para esta última haja o *mea culpa* a dizer ser devido “aos nossos editores e livreiros”. O artigo comunicava que essas dificuldades já existiam há muitos anos e que resultavam de uma ainda maior: a situação financeira do Brasil, com falta de divisas em moeda estrangeira e déficit orçamental.

A taxa sobre o livro português é uma exigência do Governo Brasileiro para o aumento das receitas públicas. (...) Conseqüência de uma tal situação foi um acentuado decréscimo de exportações que noutros tempos encontrava as maiores facilidades. (...) E o caso impressiona ainda mais quando se sabe que os livros de outros países inundam o mercado brasileiro e que os livros brasileiros não encontram em Portugal quaisquer dificuldades. (...)

Todavia, ao mesmo tempo que surgiam as dificuldades para a venda do livro português no Brasil, este grande país começou a ter a sua literatura própria, opulenta e variada, actualmente das mais representativas do Mundo. (GNEL, fev. 1966, pp. 3-4)

E foi a partir dessas mudanças, que afetaram os mercados de ambos os países, que se iniciaram as verdadeiras transformações para um entendimento coletivo. Os agentes do setor do livro em Portugal começaram a construir uma nova imagem da produção editorial brasileira, baseada no reconhecimento de sua evolução e amadurecimento.

No próximo capítulo serão analisados alguns dos fatores de aproximação e iniciativas que favoreceram o intercâmbio de livros e autores entre os dois países e, principalmente, a chegada de autores brasileiros em Portugal.

Capítulo 2

Fatores e iniciativas de aproximação
que favoreceram o intercâmbio editorial
entre Brasil e Portugal



*O mar foi ontem o que o idioma pode
ser hoje – basta vencer alguns Adãmastores.*
Mia Couto

A partir do momento em que começou a haver um desenvolvimento da indústria editorial brasileira, de sua literatura e de suas relações comerciais, e a forma como tudo isso afetou o setor editorial português, conforme relatado no Capítulo 1, aconteceu também uma série de iniciativas que tiveram o intuito de promover a aproximação cultural e comercial entre os dois países. São ações tanto de entidades privadas como governamentais. Neste capítulo, irei descrever algumas das quais considere mais importantes.

2.1 Acordos e iniciativas governamentais

2.1.1 Acordo Cultural Luso-Brasileiro de 1941

Uma importante medida firmada entre Brasil e Portugal no início do século foi o Acordo Cultural Luso-Brasileiro, assinado em 4 de setembro de 1941, celebrado entre o Estado Novo de Getúlio Vargas e o Estado Novo de Salazar, representados pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e o Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), respetivamente (Hallewell, 2005, p. 358; Bispo, 2007). O acordo estabelecia uma seção especial brasileira na SPN e uma seção especial portuguesa no DIP, com o objetivo de divulgar a cultura de um país para outro e vice-versa. Abarcava todas as áreas da cultura, como cinema, artes e até mesmo a imprensa. Em relação à literatura, estabelecia que caberia ao SPN a divulgação, em Portugal, das publicações brasileiras, e ao DIP a divulgação, no Brasil, das publicações portuguesas (Bispo, 2007). Sendo assim, foram lançados e distribuídos em Portugal, na época, livros de cerca de 25 dos principais autores brasileiros, entre os quais Gilberto Freyre, Cecília Meireles, Graciliano Ramos e José Lins do Rego (Hallewell, 2005, p. 358).

Por trás dessa intenção cultural, existia o objetivo de, além de “demonstrar a unidade ideológica luso-brasileira no mundo já destroçado pela guerra” (Hallewell, 2005, p. 358), reforçar os ideais e traços em comum do regime de Estado Novo

estabelecido em ambos os países⁷. Mas, para esta dissertação, o aspecto que interessa diz respeito à difusão da literatura brasileira em Portugal, por isso não foi feito um aprofundamento sobre esta questão, das reais intenções por trás do acordo.

O acordo perdeu força após 1945, com a saída de Getúlio Vargas do poder no Brasil.

2.1.2 Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa – 1990

Outra medida que, embora muito criticada, principalmente em Portugal, teve como objetivo a aproximação entre os dois países foi o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em 16 de dezembro de 1990, em Lisboa. Firmado por Brasil, Portugal, Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e, em 2004, por Timor-Leste, após sua independência, o acordo tem por objetivo instituir normas comuns para a ortografia oficial de todos os países de língua portuguesa (Tufano, 2008, p. 3; Portal da Língua Portuguesa, 2018).

No Brasil, o acordo foi aprovado pelo Decreto Legislativo nº 54, de 18 de abril de 1995, e entrou em vigor em 2009, com um prazo de três anos para completa adaptação (entre as quais, a mudança nos manuais escolares). Em Portugal, foi aprovado pela Resolução da Assembleia da República nº 26, de 1991, ratificado pelo Decreto do Presidente da República nº 43, também de 1991, e entrou em vigor em 2009, por ordem jurídica interna, com prazo de seis anos para completa adaptação. Em 2011, a Resolução do Conselho de Ministros nº 8 determinou a aplicação do acordo no sistema educativo, já para o ano letivo de 2011-2012, e em todos os serviços do Governo.

Na prática, a questão é um pouco mais complicada. No Brasil, o acordo é usado por todas as editoras de livros, jornais, revistas, órgãos oficiais do governo e manuais escolares. Mas em Portugal muitos veículos de notícias inserem uma nota para

⁷ Essas questões políticas mascaradas pelo acordo são muito bem tratadas na tese de doutoramento “Caravelas de papel: a política editorial do Acordo Cultural de 1941 e o pan-lusitanismo (1941-1949)”, escrita por Gisella de Amorim Serrano e vencedora do Prémio Fernão Mendes Pinto em 2014.

informar se usam ou não o acordo, e, mesmo os que usam, podem ter colunistas que não o utilizam (Figura 1). O mesmo acontece com as editoras de livros. O que, é claro, torna tudo ainda mais confuso para os leitores, principalmente aqueles que já não frequentam mais a escola e precisam aprender as novas regras por conta própria.



Figura 1 – Exemplo de texto nos *media* com informação sobre o uso ou não do acordo ortográfico.

Mas esse acordo ortográfico (AO) não foi o primeiro a tentar aproximar as variantes da língua portuguesa – e, pelo visto, não vai ser o último. Em 27 de janeiro de 2018, a Academia das Ciências de Lisboa (ACL) divulgou um estudo⁸ com sugestões para o aperfeiçoamento do AO e, durante a última semana de fevereiro, passou por plenário uma proposta do Partido Comunista Português (PCP) para desvincular Portugal do acordo⁹ (proposta que não foi aceita, mas que mostra como o debate ainda está acalorado no país).

A principal questão é que a Língua Portuguesa é o único idioma que possui duas grafias oficiais: a do Brasil e a de Portugal. Sendo assim, o objetivo desses acordos é a “unificação da ortografia da Língua Portuguesa na Norma Culta” (Arruda, 2011, p. 11), para acabar com as duas ortografias oficiais, e possibilitar uma identidade

⁸ Academia de Ciências de Lisboa (2018). Disponível em: <http://www.acad-ciencias.pt/noticias/detalhe/7>

⁹ Público (2018, fevereiro 21). Disponível em: <https://www.publico.pt/2018/02/21/politica/noticia/pcp-e-peticionarios-ficam-a-falar-sozinhos-sobre-reversao-do-acordo-ortografico-1804046>

internacional que traga mais prestígio para o idioma. Segundo a nota explicativa do acordo, publicada no Diário Oficial da União [Brasil] em 30 de setembro de 2008: “A existência de duas ortografias oficiais da língua portuguesa, a lusitana e a brasileira, tem sido considerada como largamente prejudicial para a unidade intercontinental do português e para o seu prestígio no Mundo” (Moreno, 2018).

Seria Brasil e Portugal, parodiando Bernard Shaw, dois países separados por uma língua comum?¹⁰ Ou dois países unidos por uma língua diferente?

As opiniões dos especialistas são bem variadas, com verdadeiras “equipas” contra e a favor. Mas, seguindo a linha de raciocínio acima, o perito Mauro Villar, coautor do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* e diretor do Instituto Houaiss de Lexicografia, faz um comparação com outros idiomas:

A ortografia é uma convenção, mas somos a única língua no mundo com dois cânones oficiais ortográficos, um europeu e um brasileiro. O árabe é a língua de 250 milhões de pessoas em 21 países do mundo. Claro que elas não se expressam no mesmo árabe. Mas a língua oficial dos meios de comunicação de massa em todo o mundo árabe é escrita do mesmo jeito (o árabe moderno unificado ou comum), compreensível em todos os países islamitas ou onde o árabe seja falado.

O espanhol é usado por cerca de 450 milhões de pessoas em 19 países. Quarta língua mais falada do mundo, são inúmeras as suas variantes, mas aqueles que a utilizam seguem um padrão escrito comum, uniforme: só há uma forma oficial de grafá-la.

O francês é língua de 125 milhões de pessoas na Europa, África, América Central e Oceania. É língua de 26 países. Sua ortografia complicada e arcaizante é baseada na grafia legal do francês medieval, codificado no século 17 pela Academia Francesa. É extensa a lista das suas variedades dialetais, mas só há uma forma de escrever o francês padrão em todo o mundo. É o caso também do inglês, primeira língua de 1 bilhão de pessoas: seu padrão ortográfico é basicamente o mesmo para todos, com pequenas divergências. Por que Portugal e Brasil seriam dois países separados pela mesma língua, quando outras línguas do mundo com muito maiores óbices resolveram seu problema ortográfico? (Villar, 2007).

No ambiente dos livros, o argumento favorável ao AO diz respeito ao aspeto económico, tendo em vista que a utilização de uma ortografia única facilitaria a

¹⁰ A famosa citação de Bernard Shaw diz: *England and America are two countries separated by a common language* (Inglaterra e Estados Unidos são dois países separados por uma língua comum – tradução livre).

impressão de livros, diminuindo os custos editoriais, na medida em que a mesma obra pode circular em todos os territórios falantes da Língua Portuguesa (Lima, 2013, p. 94). E o que se tem observado, entre as editoras que foram analisadas para esta dissertação, é que realmente elas passaram, nos últimos anos, a considerar o idioma como único. Sendo assim, tanto os livros de autores brasileiros publicados em Portugal como os livros de autores portugueses publicados no Brasil em geral não sofrem nenhuma alteração ortográfica ou gramatical durante o processo editorial. Ou seja, são publicados da mesma forma aqui e lá. Eventuais diferenças podem ocorrer em relação a escolhas editoriais com base no contexto, conforme será visto mais adiante no estudo de caso da editora Tinta da China (Capítulo 4), ou diferenças lexicais, que, mesmo assim, raramente merecem uma adaptação ou nota de rodapé.

Na Oca Editorial, por exemplo, editora recentemente aberta em Lisboa e dedicada exclusivamente a publicar autores brasileiros, conforme será visto mais a frente (Capítulo 3), não há qualquer adaptação na linguagem. “Como nossa linha é de poesia, não achamos que faça sentido a ‘tradução’. O mesmo para o pensamento. Eventuais notas podem resolver a questão”, revela Raquel Menezes, editora da Oca¹¹.

Na Cotovia, editora que já lançou importantes obras da literatura brasileira, embora a atual editora, Fernanda Mira Barros, não tenha tido disponibilidade para participar desta dissertação a responder algumas perguntas, está indicado no site, em alguns livros de autores brasileiros, a seguinte frase junto à sinopse: “Mantivemos a ortografia brasileira”.

Seu fundador e antigo editor, André Jorge, falecido em 2016, revelou, durante uma entrevista a um jornal brasileiro, em 2011, que questionava se “os autores lusófonos tinham mais espaço hoje nas livrarias e se o estreitamento das relações culturais entre os países que falam o idioma, o acordo ortográfico incluído, aumentou o interesse dos leitores portugueses por livros brasileiros”, respondeu:

Confesso não gostar da expressão ‘lusofonia’, e o acordo ortográfico é apenas isso mesmo. [...] As grandes diferenças entre o português de Portugal e o português do Brasil não se resolvem com um acordo ortográfico. Nem há nada para resolver: são já

¹¹ R. Menezes, comunicação pessoal, 2 de março de 2018.

duas línguas portuguesas e sabe bem descobrir essas diferenças que só nos enriquecem a uns e a outros. (Aguiar, 2011)

Assim, grande parte das editoras defende que não é necessária uma adaptação do texto em relação à língua portuguesa. Se considerarmos que o acordo ortográfico foi instituído exatamente com esta finalidade, sim, pode-se dizer que é a mesma língua, e que, embora com diferenças lexicais e de uso gramatical, pode ser entendida pelos leitores de ambos os países.

Entre autores, principalmente os que já apostaram na divulgação de sua obra além-mar (seja no Brasil ou em Portugal), também parece haver um consenso de que se trata da mesma língua e que as diferenças existentes não são suficientes para criar uma barreira na leitura. “Em adolescente, li inúmeros livros publicados em Portugal, principalmente os da fabulosa Coleção Argonauta, de *science-fiction*. Se uma quase criança brasileira podia ler livros em português de Portugal, é porque se trata sem dúvida da mesma língua”, revelou o escritor Ruy Castro em entrevista exclusiva para esta dissertação¹².

Isso faz parte, também, da cultura globalizada em que vivemos hoje e dos recursos tecnológicos que temos. Portugal é grande consumidor de novelas e músicas brasileiras, o que faz com que os leitores lusitanos estejam mais ambientados à forma de se expressar dos brasileiros, assim como de seu vocabulário próprio.

Desde *Gabriela, Cravo e Canela*, a primeira telenovela brasileira a estrear em Portugal, em 1977, que esse produto de entretenimento da indústria cultural faz sucesso no país. Transmitida pela RTP pouco tempo depois do fim de quatro décadas de regime ditatorial, rapidamente influenciou a população, tanto na moda como na linguagem (Silveira, 2017).

Lima (2013) reproduz uma série de depoimentos sobre o assunto. Para Duarte Azinheira, diretor editorial da Imprensa Nacional e Casa da Moeda em 2013, por exemplo, “os portugueses estão habituados às telenovelas e às músicas brasileiras. E antigamente os livros do Walt Disney eram ‘traduzidos’ e editados no Brasil e exportados para Portugal” (apud Lima, 2013, p. 99). Na opinião de um dos diretores da

¹² R. Castro, comunicação pessoal, 27 de março de 2018.

Porto Editora, Manuel Valente, “Portugal habituou-se muito ao brasileiro. [...] Há uma geração inteira que já cresceu a ver telenovela, já nasceu a ouvir falar ‘brasileiro’, digamos assim. A música brasileira foi sempre popular em Portugal. E, portanto, o português está acostumado com o brasileiro” (apud Lima, 2013, p. 99).

Em relação à música, a história é antiga, mas, nos tempos atuais, os exemplos são inúmeros. Num dos eventos de música mais populares de Lisboa, o Rock in Rio, duas das atrações principais do ano de 2018 serão as cantoras brasileiras Anitta e Ivete Sangalo. Cantores como Gal Costa, Gilberto Gil, Seu Jorge, Maria Gadú, Paula Fernandes, Alceu Valença, Adriana Calcanhoto, Gabriel o Pensador, Caetano Veloso, Daniel, Elza Soares, Ana Carolina e até Roberto Carlos são alguns dos que fizeram concertos em Portugal em 2017.

Segundo o *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo – 2016* (SEF, 2017), o mais recente publicado pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), em junho de 2017, a nacionalidade brasileira é a maior comunidade estrangeira residente em Portugal (20,4%), com 81.251 pessoas.

Mas essa é uma situação diferente do que acontecia no início do século XX, em que os livros passavam por um processo de adaptação antes de serem publicados. Na década de 1930, por exemplo, alguns autores nordestinos brasileiros, como José Lins do Rego, começaram a fazer sucesso em Portugal, com seus romances exóticos que atraíam os leitores lusitanos.

Pode ser que as expressões regionais lhes tenham causado alguma dificuldade de linguagem, mas dificilmente foram maiores do que as enfrentadas por leitores de outras regiões do Brasil. Isso não impediu, porém, que os editores portugueses de obras brasileiras continuassem com seu hábito de substituir brasileirismos: vocabulário, ortografia ou gramática. (Hallewell, 2005, p. 357)

Facto esse que gerou uma reação entre alguns escritores brasileiros, como Rachel de Queiroz, que incluiu uma abordagem ao seu editor português, em junho de 1955, em suas obras completas, na qual afirmava:

[...] não haver nenhum problema real de compreensão, mas apenas um mal orientado orgulho nacional. Afinal, o Brasil não é um filho bastardo de Portugal. É seu filho legítimo e, mais que isso, é o seu morgado – com todos os direitos e privilégios que

estão inerentes à primogenitura. (Rachel de Queiroz, “Carta de um Editor Português”, em Seleta, Rio de Janeiro, José Olympio, 1973, pp. 56-59, apud Hallewell, 2005, p. 357)

Os editores da atualidade parecem concordar com o despropósito que era essa adaptação. Bárbara Bulhosa, editora da Tinta da China, cuja opinião sobre o assunto será vista com mais detalhes no Capítulo 4, afirmou: “Mesmo os escritores brasileiros que eram mais conhecidos e lidos há 30 anos, como Jorge Amado, eram adaptados para português de Portugal, o que é um disparate, achar que os leitores não vão entender” (Porto Canal, 2017).

2.1.3 Tratado da Amizade – 2000

Outro relevante acordo assinado foi o *Tratado de Amizade, Cooperação e Consulta entre a República Portuguesa e a República Federativa do Brasil*, também conhecido como Tratado de Porto Seguro, em razão do sítio onde foi celebrado, em 22 de abril de 2000. Foi ratificado por Portugal em 28 de setembro de 2000, por meio da Resolução da Assembleia da República nº 83, e pelo Brasil em 30 de maio de 2001, pelo Decreto Legislativo nº 165.

O tratado teve como objetivo selar a “amizade secular existente entre os dois países”, estabelecendo princípios e objetivos como a consolidação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, o estreitamento do vínculo entre os dois povos e o desenvolvimento econômico, social e cultural de ambas as nações.

Entre outras definições, o tratado estabeleceu o Estatuto de Igualdade entre Brasileiros e Portugueses, que permite que os beneficiários do estatuto gozem dos mesmos direitos e deveres de um cidadão nacional, desde que tenham fixado residência no país em que é requerido. Assim, permite, por exemplo, que brasileiros residentes legalmente em Portugal possuam o mesmo cartão de cidadão ou bilhete de identidade dos portugueses, que paguem propinas nacionais nas universidades (e não as diferenciadas para estrangeiros), que possam concorrer a bolsas de estudo, que tenham seus graus e títulos acadêmicos reconhecidos no país e que possam exercer suas profissões, entre outras medidas.

Em relação à indústria editorial, tem todo o Artigo 27:

1. Cada Parte Contratante promoverá, através de instituições públicas ou privadas, especialmente institutos científicos, sociedades de escritores e artistas, câmaras e institutos de livros, o envio regular de suas publicações e demais meios de difusão cultural com destino às instituições referidas no parágrafo 2º do Artigo 23.
2. Cada Parte Contratante estimulará a edição, a co-edição e a importação das obras literárias, artísticas, científicas e técnicas de autores nacionais da outra Parte.
3. As Partes Contratantes estimularão entendimentos entre as instituições representativas da indústria do livro, com vista à realização de acordos sobre a tradução de obras estrangeiras para a língua portuguesa e sua edição.
4. As Partes Contratantes organizarão, através de seus serviços competentes, a distribuição coordenada das reedições de obras clássicas e das edições de obras originais feitas em seu território, em número suficiente para a divulgação regular das respectivas culturas entre instituições e pessoas interessadas da outra Parte.

A partir deste tratado, foram feitas diversas iniciativas para favorecer o intercâmbio cultural entre os dois países, como a apoio financeiro oferecido pela Biblioteca Nacional do Brasil, que será visto mais adiante, no item 2.1.5, e o ano Brasil-Portugal, a seguir, no item 2.1.4.

2.1.4 Ano Brasil-Portugal – 2012

Entre o dia 7 de setembro de 2012 e o dia 10 de junho de 2013, datas que marcam o Dia da Independência do Brasil e o Dia Nacional de Portugal, respetivamente, foi o período conhecido como Ano do Brasil em Portugal (ABP) e Ano de Portugal no Brasil (APB). A temporada reuniu uma série de iniciativas com o intuito de promover o intercâmbio cultural, empresarial, tecnológico e científico entre os dois países.

A promoção oficial do evento o descrevia da seguinte forma:

O Ano de Portugal no Brasil (APB) e o Ano do Brasil em Portugal (ABP) têm o objetivo comum de promover encontros que estimulem a criatividade e a diversidade do pensamento, das manifestações artísticas e culturais dos dois países, além de intensificar o intercâmbio científico e tecnológico e estreitar as relações económicas entre as duas margens (CM-Lisboa, 2012).

Foram diversos concertos musicais, exposições, mostras de teatro e dança, *workshops*, gastronomia, totalizando cerca de 300 iniciativas em Portugal, com a participação de 3 mil artistas e técnicos brasileiros. Ao final do evento, seu comissário-geral, António Grassi, afirmou: “Mesmo com todo o investimento e planeamento que foi feito, nunca imaginámos um resultado tão interessante na receptividade do público em Portugal” (Agência Lusa, 2013).

Em relação à literatura, uma das atividades que merece ser destacada foi o *LeYa no Rossio – Festival Literário*, que aconteceu de 21 a 23 de setembro de 2012. O grupo editorial português, que possui uma chancela no Brasil, promoveu um evento com mesas-redondas com autores brasileiros e portugueses, uma Feira do Livro do Brasil e de Portugal, concertos musicais e oficinas. Entre os escritores brasileiros que estiveram presentes estão Luís Fernando Veríssimo, Zuenir Ventura e Eduardo Bueno, entre outros.

LEYA NO ROSSIO Festival Literário

Lisboa, 21 a 23 de setembro de 2012

LeYa

Sexta-feira
21 de Setembro

- 18h • Mesa redonda LeYa – A Minha Pátria é a Língua Portuguesa** [Escrever (e editar) hoje, em português]
Participantes: *Inês Pedrosa, José Eduardo Agualusa, Luís Fernando Veríssimo e Miguel Sousa Tavares*
Moderador: *Zeferino Coelho (LeYa/Caminho)*
- 19h • Show cooking** com Carlos Braz Lopes (O Melhor Livro de Chocolate do Mundo)
- 21h • Tertúlia MPB – Música Portuguesa Brasileira n.º 1**
A LeYa e o músico Pierre Aderne convidam Viviane, Luanda Cozetti, Susana Félix, Susana Travassos, Luiz Caracol, João Afonso, Paulo Lins e José Eduardo Agualusa para uma conversa musicada em torno da literatura e da música em língua portuguesa

Sábado
22 de Setembro

- 15h • Mesa redonda LeYa – Filosofia, Política e Incorreção** (Política)
Participantes: *Luís Felipe Pondé (autor de "Guia politicamente incorreto da Filosofia", LeYa/Texto) e Francisco Assis*
Moderador: *Ricardo Costa*
- 16h30 • Teatro de rua "Gigantes pela Própria Natureza"**
– uma iniciativa do Comissariado do Ano do Brasil em Portugal
- 17h30 • Concerto "Conversas com versos"**, de Eugénia Melo e Castro que cantará poemas de Maria Alberta Menéres. Com Eduardo Queiroz, Camilo Carrara e Nath Calan
- 18h30 • Mesa redonda LeYa – Conversas no Tempo**
[A vida, o mundo, a literatura, a política, a economia, a crise, o futuro & etc.]
Participantes: *Luís Fernando Veríssimo, Manuel Alegre e Zuenir Ventura*
Moderador: *Pascoal Soto (LeYa/Brasil)*
- 20h • Concerto: Clube do Choro** – uma iniciativa do Comissariado do Ano do Brasil em Portugal

Domingo
23 de Setembro

- 11h • Teatro: apresentação do grupo cénico "Caixa de Imagem"**
– uma iniciativa do Comissariado do Ano do Brasil em Portugal
- 11h30 • Mesa redonda LeYa – História e Estórias de Portugal e Brasil** [Uma língua e um passado comum, na história e na ficção]
Participantes: *Eduardo Bueno e Miguel Real*
Moderador: *Jorge Pedreira (Unileya)*
- 14h • Teatro de rua "Gigantes pela Própria Natureza"** – uma iniciativa do Comissariado do Ano do Brasil em Portugal
- 15h • Concerto "Conversas com versos"**, de Eugénia Melo e Castro
- 16h • Concerto: Clube do Choro** – uma iniciativa do Comissariado do Ano do Brasil em Portugal
- 18h • Show cooking** com o chef Vitor Sobral
- 18h30 • Mesa redonda LeYa – Os Desafios da Nova Literatura de Língua Portuguesa** [Problemas e expectativas dos novos autores (e editores) de língua portuguesa]
Participantes: *Amílcar Bettega, João Paulo Cuenca, João Ricardo Pedro, João Tordo, Paulo Lins*
Moderadoras: *Maria do Rosário Pedreira (LeYa/Portugal) e Maria João Costa (LeYa/Brasil)*
- 21h • Tertúlia MPB – Música Portuguesa Brasileira n.º 2**
– uma conversa musicada em torno da literatura e da música em língua portuguesa com Pierre Aderne, Júlio Resende (piano), Norton Daliello (baixo), Bruno Pedrosa (bateria), Participação especial: *Gisela João, Paulo Praça, Couple Coffee, Jorge Palma e JP Simões*

Todos os dias...

Feira do Livro do Brasil e de Portugal (sex. e sáb. das 10h às 24h; dom. das 10h às 23h)

Seleção de livros de autores lusófonos com especial destaque para obras de autores brasileiros. DESCONTOS ATE 40%

Escrita Literária Criativa (sex., sáb. e dom. das 10h às 22h)

"Quem conta um conto..." – uma iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa em que os visitantes serão convidados a participar na criação de um conto. Saiba como participar junto da tenda da C.M.L.

Animação infantil

(sex. das 15h às 19h; sáb. e dom. das 11h às 19h)

Oficinas, contos, teatrinhos e jogos tradicionais no espaço infantil da LeYa no Rossio (animadores: Rita Osório e Barbara Magal). Visite também o espaço Meo Kids onde haverá mais animação

Música – Poesia – Performance

(sex. das 17h30 às 24h, sáb. e dom. das 11h30 às 24h)

As artistas Marias Medeiros, Sofia Leitão e Ana Paula Medeiros apresentam três propostas cénicas de rua – "Vínculos na Bateria", "Mulheres do Brasil" e "Roda Chico" – que acontecerão diversas vezes ao longo do fim-de-semana (Músicos convidados: Abidula e Mano). No campo da poesia, António Poppe apresenta "Recital no Rossio", um recital móvel com palavras de Manuel Zimbro (ao som da Kora de Ibu Galissá), Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Raduan Nassar, entre tantos outros



Co-organizadores: Câmara Municipal de Lisboa, Comissariado do Ano do Brasil em Portugal
Parcerias LeYa no Rossio: Casa da América Latina, Eugénia Melo e Castro/Conversas com Versos, Pierre Aderne/Projeto MPB, MEO Kids, Caixa Geral de Depósitos, Central de Cervejas, Boutique do Chocolate, Go Natural, Hostel Good Morning, Fagor, O Alfaiste, Lisboaeta, Pestana Palace, Renault, Telheiras e Budget Rent a Car
Produção LeYa no Rossio: LeYa, Brandcorp, Action 4 Activism, Out of the blue – Difusão Cultural
Parcerias Media: Antena 1 e Antena 2
Mais informações em: www.leya.com | www.cm-lisboa.pt | www.anobrasilportugal.com.br

Figura 2 – Programa do LeYa no Rossio – Festival Literário.

Fonte: site LeYa (<http://www.leya.com/pt/noticias/leya-no-rossio-festival-literario/>).

O Ano do Brasil em Portugal foi financiado pelo governo brasileiro por meio da Fundação Nacional das Artes do Governo Brasileiro (Funarte), do Ministério da Cultura, do Ministério das Relações Exteriores e do Instituto Brasileiro do Turismo (Embratur), com cerca de cinco milhões de euros para os dez meses (Agência Lusa, 2013).

2.1.5 Programa de Apoio à Tradução e à Publicação de Autores Brasileiros no Exterior - 2015

A Fundação Biblioteca Nacional (FBN), instituição vinculada ao Ministério da Cultura do Brasil, em 2015, por meio da Decisão Executiva nº 44/FBN (11/06/2015), lançou o *Programa de Apoio à Tradução e à Publicação de Autores Brasileiros do Exterior*. O programa tem como objetivo difundir a cultura e a literatura brasileira no exterior e oferece apoio financeiro para edição de obras de escritores brasileiros no estrangeiro. É oferecido a editoras estrangeiras que desejam traduzir, publicar e distribuir, no exterior, obras de autores brasileiros já publicadas em português no Brasil. Também é estendido a editoras da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP).

O produto final pode ser um livro impresso ou *e-book*, a partir de traduções inéditas, novas traduções ou realização de obras já traduzidas no país e que estejam esgotadas e fora de mercado há pelo menos três anos. O edital para concorrência é lançado a cada dois anos, com valor máximo de apoio, por obra, de 8 mil dólares. Os projetos são avaliados por um comitê de consultores e devem incluir um plano de *marketing* e distribuição, currículo do tradutor e contrato de direito autoral assinado pelo autor ou seus representantes (se a obra não estiver em domínio público). O comitê é constituído por dois representantes da FBN, um representante do Ministério da Cultura, um representante do Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores e um especialista em literatura e/ou tradução.

Conforme explicitado no edital, disponível no site da FBN¹³, dentre os critérios de seleção para escolha das obras a receberem o apoio financeiro estão a relevância da publicação da obra para a promoção e divulgação da cultura e da literatura brasileira no exterior e a consistência da proposta, que leva em consideração o currículo do tradutor, o projeto de distribuição e venda, o catálogo da editora e sua capacidade de execução do projeto.

No Capítulo 4 há um quadro (Quadro 5) com os projetos já contemplados até o momento.

¹³ <https://www.bn.gov.br/edital/2015/edital-apoio-traducao-publicacao-2015-2017>

2.2 Prémios literários e feiras do livro

Outras iniciativas que contribuem muito para uma aproximação cultural são os prémios literários e as feiras de livro. George (2002, p. 15), num estudo sobre os prémios literários em Portugal, escreveu: “Os prémios literários são instrumentos fundamentais para o reconhecimento social dos escritores”.

2.2.1 Prémio José Lins do Rego - 1961

Um dos primeiros prémios literários a laurear escritores lusófonos sem distinção geográfica foi o Prémio José Lins do Rego, instituído em 1961 pela editora Livros do Brasil. Como será visto mais adiante, no Capítulo 3, a Livros do Brasil foi uma editora que atuou com muito afinco para a difusão da literatura brasileira em Portugal e da literatura portuguesa no Brasil. Além do referido prémio, também lançou o boletim bibliográfico *LBL*, de periodicidade bimestral, cujo editorial explica que seu objetivo é fornecer informações críticas para seus leitores, abrindo um canal para o diálogo entre eles e a casa editorial (Medeiros, 2010, p. 174; Livros do Brasil, jan-fev 1961, p. 1).

Embora o prémio tenha tido apenas uma única edição, é representativo pela iniciativa como elemento de aproximação. Foi concedido ao escritor português Fernando Namora, pela obra *Domingo à tarde*, no valor de 40 mil escudos¹⁴, mais igual quantia referente ao ano anterior, em que o Júri decidiu por não atribuir o prémio, conforme reportagem no *LBL* nº 4, de jul-ago de 1961. Além disso, a obra seria editada em livro no Brasil e em Portugal, em uma edição comemorativa simbólica (Livros do Brasil, jul-ago 1961, p. 16). Segundo o editor António de Souza-Pinto, a decisão de fazer apenas uma edição comemorativa seria para que “outros editores meus colegas, e sobretudo aqueles a quem o vencedor do concurso eventualmente esteja ligado, possam também aproveitar o prestígio do prémio, reeditando-o” (Livros do Brasil, set-out 1961, p.12).

¹⁴ Aproximadamente 200 euros nos valores atuais.

O prêmio foi criado com o objetivo de “distinguir as obras que contribuíram para o prestígio e expansão no estrangeiro da literatura portuguesa” (George, 2002, p. 57). A reportagem citada no LBL informava que vários editores europeus já haviam reservado o direito de tradução do romance e que esta primeira edição teria uma tiragem limitada, com aspecto gráfico diferenciado, com exemplares encadernados, numerados e rubricados pelo autor (Livros do Brasil, jul-ago 1961, p. 16). O motivo pelo qual não foi adiante, não se sabe. George (2002, p. 57) faz uma crítica à composição do júri, com membros que já pertenciam a outros prêmios, mas não necessariamente este foi o motivo, tendo em vista que vários prêmios existentes na época apresentavam esta mesma característica.

2.2.2 Primeira Feira do Livro Brasileiro em Lisboa - 1966

Cinco anos depois, em 11 de outubro de 1966, uma iniciativa do Grémio Nacional do Editores e Livreiros (GNEL), de Portugal, e do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), do Brasil, organizou, simultaneamente, a 1ª Feira do Livro Brasileiro em Lisboa e a 1ª Feira do Livro Português no Rio de Janeiro.

Durante todo o ano de 1966, a feira foi citada nas edições mensais da revista *Livros de Portugal*, do GNEL, demonstrando uma forte esperança de que ela servisse como elemento de aproximação entre os países e, assim, contribuísse para a superação dos problemas, principalmente em relação à distribuição de livros portugueses no Brasil.

Como prévia ao evento, durante a 36ª Feira do Livro de Lisboa, foi criado um dia comemorativo, o Dia do Livro Brasileiro, em 3 de junho de 1966, que contou com a presença do Embaixador do Brasil e do Adido Cultural, que durante seus discursos, “puseram em relevo o grande papel a desempenhar pelos editores portugueses e brasileiros em prol de uma cada vez maior aproximação e compreensão entre ambos os povos” (GNEL, jun 1966, p. 7).

O editorial da revista do GNEL de outubro de 1966 discorria sobre o evento e a importância das feiras, mas frisava que, a fim de se resolver os problemas prementes, não poderiam ser um ato isolado.

Estas Feiras, pela sua importância e pela necessidade que criam no público de ambos os países, não poderão ser nunca mais uma realização isolada, levada a efeito só na base de esforço e transigências mútuas, mas sim o certame conseguido, aceite, que se imponha na sequência lógica que integra outras realizações e outros acordos perfeita e plenamente conseguidos. (GNEL, out 1966a, p. 1)

2.2.3 Prémio Camões - 1988

Outra iniciativa que atuou como fator de aproximação cultural foi o Prémio Camões, instituído em 1988, por um protocolo adicional ao Acordo Cultural entre o Governo da República Portuguesa e o Governo da República Federativa do Brasil (de 1966). É considerado um dos mais importantes prémios da literatura de língua portuguesa e visa, conforme texto descrito no protocolo, a “consagrar um autor de língua portuguesa que, pelo valor intrínseco da sua obra, tenha contribuído para o enriquecimento do património literário e cultural da língua comum”.

A premiação é realizada anualmente, com alternância no local da cerimónia entre os dois países, e atribui um valor de 100 mil euros (em 2017) ao autor consagrado – valor esse financiado em partes iguais pelas duas nações. Concorrem autores de toda a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e a comissão julgadora é composta, a cada ano, por diferentes representantes do Brasil, de Portugal e de países africanos de língua oficial portuguesa. Em toda sua história, o prémio já foi atribuído a 12 autores de origem portuguesa, 11 do Brasil, 2 de Moçambique, 2 de Angola e 1 de Cabo Verde.

Para George (2002, p. 47), em seu estudo sobre prémios literários, desde o início o Prémio Camões assumiu, pela sua natureza, uma posição central em relação às outras condecorações existentes até então, procurando reforçar o português como língua e influência dominantes nos países lusófonos.

2.2.4 Prémio Oceanos - 2017

Outro prémio muito importante que recebeu uma dimensão ainda maior em 2017 foi o Oceanos – Prémio de Literatura em Língua Portuguesa, concedido pelo Itaú Cultural, no Brasil. A edição de 2017 foi um marco histórico porque passou a

contemplar obras publicadas em todos os países lusófonos. Segundo informações oficiais no site do Itaú Cultural, “tornou-se um radar da produção contemporânea dos países unidos pelo idioma, proporcionando conhecimento recíproco e promovendo o intercâmbio literário e editorial”. E a vencedora foi mesmo uma autora portuguesa, Ana Teresa Pereira, que recebeu R\$ 100 mil (cerca de € 24,5 mil¹⁵) pelo romance *Karen*. Entre os 51 livros finalistas, 31 eram de autores brasileiros, 19 portugueses e 1 angolano (Itaú Cultural, 2017).

Segundo a organização, dentre os 31 livros semifinalistas publicados no Brasil, 30 ainda não têm edição em Portugal, sendo que 21 deles são autores inéditos no país. Assim como os 19 livros de autores portugueses publicados em Portugal não haviam sido publicados no Brasil e 11 deles nunca tiveram obras lançadas no país – “o que mostra como as sucessivas fases do Oceanos contribuem para difundir as obras dos escritores para além das fronteiras nacionais” (Itaú Cultural, 2017).

O prémio foi criado em 2003, como Prémio Portugal Telecom, e, desde 2015, passou a se chamar Oceanos. Portanto, já foram 15 edições até o momento e podem concorrer obras nos géneros de poesia, romance, conto, crónica e dramaturgia.

Para a editora Bárbara Bulhosa, da Edições Tinta da China, é um sinal importante de um movimento de aproximação que está a acontecer. “O Prémio Oceanos agora abriu a Portugal. Isso é ótimo. Estão no júri portugueses, brasileiros, moçambicanos. Estão a acontecer várias coisas ao mesmo tempo. Vários agentes estão no mesmo caminho, na mesma linha, cada um com sua estratégia”, revelou¹⁶.

No Quadro 1, a seguir, há uma listagem com os principais prémios que laureiam escritores lusófonos.

¹⁵ Câmbio referência do dia 2 de abril de 2018.

¹⁶ B. Bulhosa, comunicação pessoal, 19 de dezembro de 2017.

Quadro 1 – Listagem de alguns dos principais prémios para escritores lusófonos.

| ENTIDADE PROMOTORA | CARACTERÍSTICA | VALOR DO PRÉMIO | VENCEDOR EM 2017 |
|---|--|--|--|
| PRÉMIO JOSÉ LINS DO REGO (1961 – única edição) | | | |
| Editora Livros do Brasil | Obras que contribuíram para prestígio e expansão no estrangeiro da literatura portuguesa | 40 mil escudos ^a | Fernando Namora, pela obra <i>Domingo à tarde</i> (Portugal) |
| PRÉMIO CAMÕES (1ª edição em 1988/periodicidade: anual) | | | |
| Acordo entre governos do Brasil e de Portugal | Escritor cuja obra contribua para a projeção e o reconhecimento da língua portuguesa | 100 mil euros | Manuel Alegre (Portugal) |
| PRÉMIO LITERÁRIO JOSÉ SARAMAGO (1ª edição em 1998/periodicidade: bienal) | | | |
| Fundação Círculo de Leitores (Grupo Bertrand Círculo) | Obra literária no domínio da ficção, romance ou novela, de escritor com idade até 35 anos, com primeira edição publicada em qualquer país da lusofonia | 25 mil euros | <i>A Resistência</i> , de Julián Fuks (Brasil) |
| PRÉMIO LEYA (1ª edição em 2008/periodicidade: anual) | | | |
| Grupo Editorial LeYa | Obra inédita de ficção literária, na área do romance, que não tenha sido premiada em nenhum outro concurso | 100 mil euros | <i>Os Loucos da Rua Mazur</i> , João Pinto Coelho (Portugal) |
| PRÉMIO FERNÃO MENDES PINTO (1ª edição em 2008/periodicidade: anual) | | | |
| AULP ^b , em parceria com CPLP e Instituto Camões | Dissertação de mestrado ou doutoramento que contribua para a aproximação das comunidades de língua portuguesa | 8 mil euros e publicação pelo Instituto Camões | <i>Ociosos e sedicionários. Populações indígenas e os tempos do trabalho nos Campos de Piratininga (século XVII)</i> , Gustavo Velloso (Universidade de São Paulo, Brasil) |
| CONCURSO LUSÓFONO DA TROFA – PRÉMIO MATILDE ROSA ARAÚJO (1ª edição em 2010^c/periodicidade: anual) | | | |

(Continuação)

| | | | |
|---|---|---|---|
| Câmara da Trofa, com o apoio do Instituto Camões | Literatura infantojuvenil | 2.000 euros (engloba ainda o Prémio Lusofonia - 1.000 euros - e o Prémio Ilustração - 1.500 euros) | Conto <i>O Senhor Rimas</i> , de Sandra Maria Cabral dos Santos (Portugal) Melhor Ilustração Original para Dina Verónica dos Santos Lopes Sachse, e Prémio Lusofonia para o conto <i>Menino de Água e Sal</i> , de Roberto Luiz dos Santos Cardoso (Brasil) |
| PRÉMIO LITERÁRIO UCCLA – NOVOS TALENTOS, NOVAS OBRAS EM LÍNGUA PORTUGUESA (1ª edição em 2016/periodicidade: anual) | | | |
| UCCLA ^d , Editora A Bela e o Monstro e Movimento 2014 (e apoio da Câmara Municipal de Lisboa) | Para novos talentos nas áreas de prosa de ficção (romance, novela e conto) e poesia | Contrato para edição do livro e participação no Encontro de Escritores de Língua Portuguesa (EELP), com todas as despesas pagas | <i>Diário de Cão</i> , de Thiago Rodrigues Braga (Brasil) |
| OCEANOS – PRÉMIO DE LITERATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA (1ª edição em 2017^e/periodicidade: anual) | | | |
| Itáu Cultural | Obras dos géneros poesia, romance, conto, crónica e dramaturgia | R\$ 100 mil (cerca de 24,5 mil euros) | <i>Karen</i> , Ana Teresa Pereira (Portugal) |

^a Cerca de 200 euros nos valores atuais.

^b AULP: Associação das Universidades de Língua Portuguesa.

^c Foi criado em 2002, mas passou a ser internacional a partir de 2010.

^d UCCLA: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa.

^e Foi criado em 2003, mas em 2017 passou a contemplar autores lusófonos.

2.3 Plano Nacional de Leitura

Enquanto no Brasil sempre se estudou a literatura portuguesa na escola, seja no Ensino Fundamental (equivalente ao Ensino Básico) ou no Ensino Médio (equivalente ao Ensino Secundário), em Portugal, até há bem pouco tempo, não se estudava literatura brasileira. Na opinião de Bárbara Bulhosa, da Tinta da China, este é um grande equívoco nacional:

Enquanto os brasileiros na escola ainda estudam ou leem algum autor português, não me lembro de nunca ter lido um autor brasileiro na escola e isso faz-me alguma confusão, porque é a mesma língua. Ter lido Eça e não saber que existia Machado de

Assis é uma coisa que me faz alguma confusão. Os brasileiros na escola, pelo menos, sabem que existe Eça de Queirós. Acho um erro tremendo. (Porto Canal, 2017)

Mas essa é uma realidade que está a mudar. No Plano Nacional de Leitura (PNL), que foi implementado pelo governo português a partir de 2006, já há várias indicações de escritores do Brasil. O PNL é uma iniciativa que, segundo sua descrição oficial, tem como objetivo elevar o nível de literacia da população portuguesa, promovendo hábitos de leitura entre crianças e jovens em idade escolar, mas também nas famílias. No Quadro 2 pode ser vista a indicação de escritores brasileiros para o ano de 2017.

Quadro 2 – Autores brasileiros indicados no Plano Nacional de Leitura 2017, segundo ano escolar e orientação.

| ANO ESCOLAR | AUTOR | OBRA | INDICAÇÃO |
|-------------|--------------------|---|-----------------------------------|
| 2º ano | Cecília Meireles | <i>Ou isto ou aquilo</i> | Leitura orientada na sala de aula |
| 3º ano | Rubem Alves | <i>As mais belas histórias de Rubem Alves</i> | Leitura autónoma |
| 4º ano | Clarice Lispector | <i>A vida íntima de Laura</i> | Leitura orientada na sala de aula |
| | | <i>O mistério do coelho pensante</i> | |
| | Ana Maria Machado | <i>O pavão do abre-e-fecha</i> | |
| 5º ano | Clarice Lispector | <i>A mulher que matou os peixes</i> | Leitura orientada na sala de aula |
| 6º ano | Marina Colasanti | <i>A moça tecelã</i> | Leitura orientada na sala de aula |
| 7º ano | Vinicius de Moraes | <i>O poeta aprendiz</i> | Leitura orientada na sala de aula |
| 8º ano | Jorge Amado | <i>O gato malhado e a andorinha Sinhá</i> | Leitura orientada na sala de aula |
| 9º ano | Machado de Assis | <i>O alienista</i> | Leitura orientada na sala de aula |
| 3º ciclo | Jorge Amado | <i>Capitães de areia</i> | Leitura autónoma |

(Continuação)

| | | | |
|---------------------|-------------------------------|---|----------------------|
| | Machado de Assis | <i>Casa Velha</i> | |
| | Érico Veríssimo | <i>Olhai os lírios do campo</i> | |
| Ensino Secundário | Jorge Amado | <i>Gabriela Cravo e Canela</i> | Sugestões de leitura |
| | Carlos Drummond de Andrade | <i>Carlos Drummond de Andrade – Antologia poética</i> | |
| | Ruy Castro | <i>Chega de saudade</i> | |
| | Machado de Assis | <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i> | |
| | | <i>Quincas Borba</i> | |
| | Cecília Meireles | <i>Cecília Meireles – Antologia poética</i> | |
| Nelson Rodrigues | <i>A menina sem estrela</i> | | |
| Formação de adultos | Jorge Amado | <i>Capitães de areia</i> | Sugestões de leitura |
| | Machado de Assis | <i>Dom Casmurro</i> | |
| | | <i>A chinela turca</i> | |
| | | <i>A mão e a luva</i> | |
| | Paulo Coelho | <i>O alquimista</i> | |
| | Laurentino Gomes | <i>1808</i> | |
| Vinicius de Moraes | <i>Operário em construção</i> | | |

Fonte: <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/>

Outra forma de se constatar isso é ver os textos introduzidos nos próprios livros escolares. Aqui, dois exemplos:

❖ *Diálogos* – Português 9º ano, das autoras Fernanda Costa, Olga Magalhães e Vera Magalhães, editado pela Porto Editora:

- ◆ Felicidade clandestina – Clarice Lispector
- ◆ Meu pé de laranja lima – José Mauro de Vasconcelos
- ◆ Receita de Ano Novo – Carlos Drummond de Andrade

❖ *Diálogos* – Português 8º ano, das autoras Fernanda Costa e Vera Magalhães, editado pela Porto Editora:

◆ A espada – Luís Fernando Veríssimo

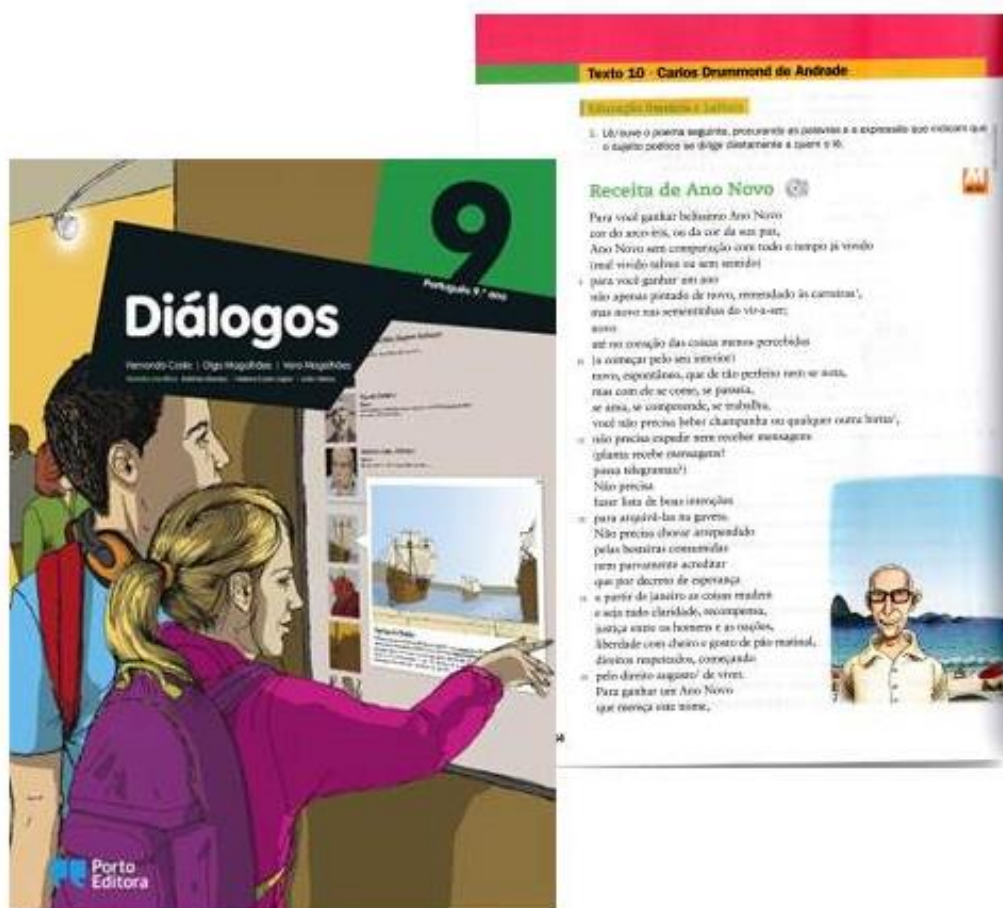


Figura 3 – Capa do livro escolar do 9º ano e texto de Carlos Drummond de Andrade no interior.

Capítulo 3

Breve panorama sobre o mercado editorial
português e as iniciativas em relação
à literatura brasileira



*Não há melhor fragata do que um livro
para nos levar a terras distantes.*
Emily Dickinson

3.1 País onde não se lê tanto quanto se escreve

Uma breve análise sobre o mercado de edição em Portugal no momento atual mostra que este é um setor reduzido, principalmente se comparado a outros países europeus. Obviamente, em parte devido ao tamanho e à população do país – cerca de 10 milhões de habitantes para uma área total de 92 mil km² –¹⁷, mas, principalmente, por ser a nação que menos lê entre seus vizinhos da Europa. Segundo reportagem em vídeo publicada no portal do *Expresso* (Carita, 2017), apenas 32% da população lê – abaixo de Grécia e Espanha, com 45% e 47%, respetivamente –, enquanto na Suécia 72% dos habitantes possuem o hábito da leitura.

É importante ressaltar a grande dificuldade em se obter diagnósticos fiéis sobre a indústria do livro em Portugal, tendo em vista que não há um órgão oficial que faça análises ou produza estatísticas sobre esse mercado. A Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL) já realizou um trabalho nesse sentido, de 1986 a 1999, quando produzia um inquérito com dados físicos e financeiros sobre o setor, que também tinha partes incorporadas e divulgadas pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) em sua publicação anual sobre estatísticas da cultura. Porém, após a rutura entre os associados da APEL, em 1999, da qual resultou uma associação apenas de editores, a União dos Editores Portugueses (UEP), a produção desses dados foi interrompida, após muitas críticas e constatação das limitações. Mesmo após as duas entidades terem se associado novamente, em 2009, não houve mais uma produção sistemática de estatísticas (Lima, 2013, p. 24; Neves, 2012, p. 21).

Sendo assim, para oferecer uma noção sobre o mercado editorial português, foram analisados os seguintes dados:

¹⁷ Segundo o relatório *Portugal em números – 2016*, publicado pelo Instituto Nacional de Estatística de Portugal (INE, 2018), a população do país em 2016 era de 10.309.573 habitantes, para uma área total de territórios, incluindo as ilhas, de 92.225,60 km², o que mostra uma densidade populacional de 111,8 habitantes por km².

- ❖ Quantidade de *International Standard Book Number* (ISBN) publicados (estatística fornecida pela APEL). O ISBN é um sistema numérico internacional padronizado que tem por objetivo identificar e individualizar os livros conforme título, autor, editora e país. É gerido pela Agência Internacional do ISBN, sediada em Londres, na Inglaterra, e aplicado em Portugal, desde 1988, pela APEL. Não é obrigatório por lei, mas é essencial para o comércio livreiro e bibliotecas, pois facilita a recuperação e transmissão de dados em sistemas automatizados. Cada editor cadastrado possui um prefixo próprio para identificação.
- ❖ Instituto Nacional de Estatística (INE) de Portugal. Cadastro de empresas com a Classificação das Atividades Económicas (CAE) 5811 – Edição de livros, ou seja, as empresas cuja atividade principal é a edição de livros. E também os números referentes à população.

De acordo com o relatório mais recente do INE, publicado em 2017 (referente a 2016), atualmente há 430 editoras no país. Número esse, como explicado, obtido a partir do cadastro de empresas com *CAE 5811 – Edição de Livros*.

Porém, este é um número bruto, e não revela, dentre essas editoras, quais estão a publicar. Teoricamente, uma editora pode ter se cadastrado e editado apenas um livro. A Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (DGLAB), por sua vez, informa existirem 335 casas editoriais no país, ressaltando, em sua página na internet¹⁸, que essas informações são sistematicamente atualizadas e que envolvem tanto editoras associadas como não associadas da APEL. Já a APEL possui 193 editoras associadas.

Numa rápida comparação com o Brasil, proporcionalmente, esse é um número muito elevado de editoras, que equivale a uma editora a cada 215 km², enquanto no Brasil há uma editora a cada 6.230 km² (cálculos aproximados).¹⁹ Apesar de apresentar uma população 20 vezes maior²⁰, o Brasil mostra ter muito menos editoras. E mesmo

¹⁸ Site da DGLAB: <http://livro.dglab.gov.pt>

¹⁹ Segundo site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a extensão territorial do Brasil é de 8.515.759,090 km², em 30/06/2017. Disponível em: https://ww2.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/default_territ_area.shtm

²⁰ Segundo o IBGE, no dia 14 de janeiro de 2018, às 20h45, a população brasileira era de 208.506.619 habitantes. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>

assim se levarmos em consideração os prefixos editoriais cadastrados na Agência Brasileira do ISBN²¹: 1.365 editoras em 2014. Pois os números do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) são bem mais modestos: 401 editoras associadas.

Em relação aos títulos publicados, é possível rastrear por meio do número de *International Standard Book Number* (ISBN) atribuídos: cada novo livro ou nova edição recebe um número de ISBN. Apesar de não ser obrigatório por lei em Portugal, é essencial para a comercialização e distribuição do livro, pois é o número que identifica e individualiza o livro por título, autor, país, editora e edição, sendo reconhecido internacionalmente para catalogação e indexação. Dados da APEL, responsável pela Agência Nacional de ISBN de Portugal, revelam 18.367 números fornecidos em 2016. Ou seja, dois livros produzidos para cada mil habitantes. Produção oito vezes maior que a brasileira, de 0,25 livro para cada mil habitantes²².

Pesquisas realizadas pela GfK, uma empresa de estudos de mercado, aponta uma venda de aproximadamente um livro por habitante em 2017. Número que teve um ligeiro declínio nos últimos três anos, conforme mostra o Gráfico 1:

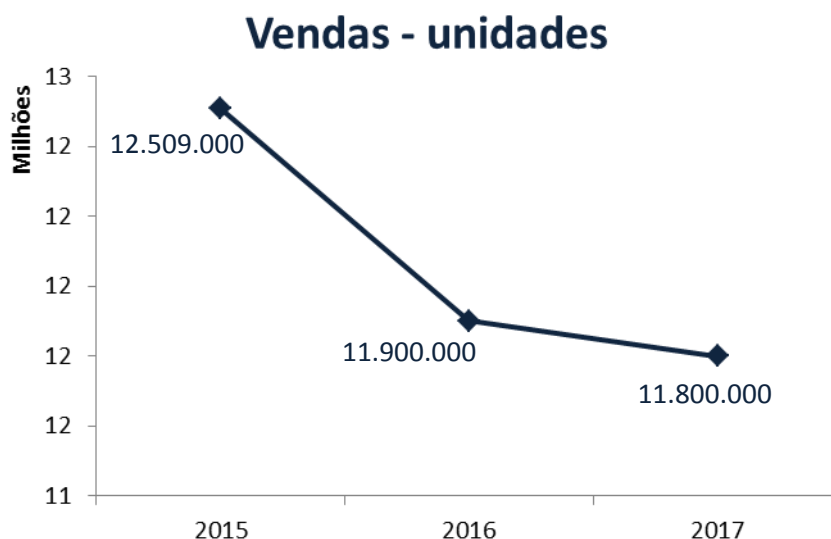


Gráfico 1 – Venda de livros, em unidades, nos anos 2015 a 2017.

Fonte: GfK Portugal (Ricardo Anaia, comunicação pessoal, 22 de março de 2018).

²¹ Agência Brasileira do ISBN:

<http://www.isbn.bn.br/website/site/relatorio/estatistica/relatorioProducao>

²² Pesquisa da SNEL revela que foram concedidos 51.819 números de ISBN em 2016, sendo 17.373 de novos números e 34.446 de reimpressões (SNEL, 2018a).

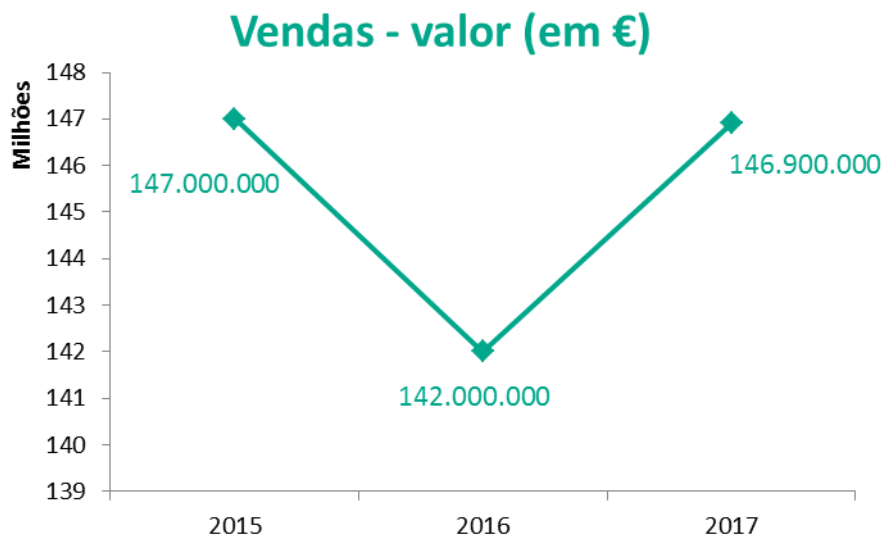


Gráfico 2 – Venda de livros, total em euros, nos anos 2015 a 2017*.

Fonte: GfK Portugal (R. Anaia, comunicação pessoal, 22 de março de 2018).

* O painel retalhista de livros utilizado monitoriza o *sell-out* dos retalhistas presentes na amostra, com cobertura do mercado do livro não escolar acima dos 80%, segundo informações da própria GfK.

Essa, na verdade, pode ser uma boa pista sobre as razões para o aumento do interesse em publicar autores brasileiros em Portugal. Primeiramente há a vontade dos próprios escritores, já que publicar em outro país representa uma internacionalização de sua carreira. Mas há também aí outros fatores a serem considerados. Com um número proporcionalmente maior de editoras e de exemplares publicados, o mercado editorial português pode ser uma boa alternativa tanto para autores contemporâneos que ainda não conseguiram uma projeção nacional no Brasil como para autores consagrados que desejam expandir seu alcance. Para as editoras lusitanas, é uma forma de aumentar e internacionalizar seu catálogo, com a vantagem de não ter os custos de tradução, conforme será visto mais adiante, no Capítulo 4. Como há muitas casas editoriais em Portugal, talvez seja difícil encontrar tantos bons autores nacionais, tendo em vista a proporção em relação ao número de habitantes.

3.2 Iniciativas pioneiras para o livro brasileiro em Portugal

Nesse universo abordado de autores brasileiros em Portugal, após a fase de importações que eram feitas no período colonial, na época em que a Imprensa Régia estava instalada no Brasil, conforme descrito no Capítulo 1, podemos citar casos tanto de casas editoriais portuguesas que produzem e vendem livros de autores brasileiros, como de editoras brasileiras que se instalaram em Portugal.

O crédito de pioneirismo na difusão da literatura brasileira em Portugal pode ser conferido tanto à Livraria Lello & Irmão como à Livraria Chardron, da qual a primeira originou-se. O consagrado autor português Camilo Castelo Branco referiu-se ao facto, na época:

O mercado dos livros brasileiros abriu-se, há poucos meses, em Portugal. Devemo-lo à atividade inteligente do Sr. Ernest Chardron. Foi ele quem primeiro divulgou um catálogo de variada literatura, em que realçam os nomes de mais voga naquele fluentíssimo país. [...] Falta dizer que os preços dos livros oferecidos no catálogo das casas Chardron, no Porto e em Braga, são módicos, reduzidos, e inferiores ao preço corrente das obras portuguesas de igual tomo. E, pois que estou agradavelmente recomendando livros de brasileiros [...] (Castelo Branco, 1874, pp. 50 e 52 apud Salla, 2016, p. 1.121).

O autor Coelho Neto, fundador da cadeira nº 2 da Academia Brasileira de Letras, foi o primeiro escritor brasileiro a conseguir popularidade em Portugal, por meio da Livraria citada. Sua primeira publicação no país data de 1903, o livro *Sertão*, e, em 1907, cedeu à Lello os direitos exclusivos de toda a sua obra. A Lello também editou, no período, autores como Vicente de Carvalho, Euclides da Cunha e Paulo Barreto (João do Rio) (Hallewell, 2005, p. 357; Salla, 2016, p. 1.121).

Segundo Salla (2016, p. 1.123), de acordo com levantamento feito pelo próprio autor na Biblioteca Nacional de Portugal e na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro, assim como em obras bibliográficas de Coelho Neto, foram encontradas 90 edições de obras desse autor publicadas na Lello & Irmão entre 1903 e 1951, das quais 71 foram entre os anos 1910 e 1920.

Após Coelho Neto, um autor brasileiro só voltou a causar impacto em Portugal na década de 1930, com José Américo de Almeida e José Lins do Rego, entre outros.

Dois fatores foram importantes para esse crescimento: 1) a fase escassa pela qual estava a passar a literatura portuguesa, após a morte de grandes escritores, como Eça de Queirós, Herculano e Ramalho Ortigão; 2) a concorrência possibilitada pela taxa de câmbio, em razão da queda do valor do escudo perante os mil-réis, moedas de Portugal e Brasil na época, respetivamente (Hallewell, 2005, p. 357).

E uma das primeiras editoras a perceber a situação e aventurar-se em terras lusitanas foi a Civilização Brasileira, fundada em 1929 e comprada por Octalles Marcondes Ferreira em 1932, passando a fazer parte da Companhia Editora Nacional. Em 1933, Octalles abriu uma filial em Lisboa e abarrotou o mercado português com livros brasileiros. As capas coloridas, em contraste com a sobriedade das capas portuguesas da época, atraíram muitos leitores. Porém, é preciso ressaltar que não eram vendidos apenas autores brasileiros, mas também muitas traduções de autores estrangeiros feitas por brasileiros.

Mas o sucesso durou pouco, pois as casas editoriais portuguesas reagiram baixando os preços e o editor chegou à conclusão de que o resultado comercial não valia o esforço. Em 1940, vendeu a Civilização Brasileira a um gerente local, António Augusto de Souza-Pinto Júnior (Lima & Mariz, 2010, p. 254; Hallewell, 2005, p. 356-357).

Souza-Pinto, natural da cidade do Porto, mudou-se para o Brasil no final da década de 1930, para instalar a editora Livros de Portugal, com o propósito de divulgar a literatura portuguesa na antiga colónia (Medeiros, 2010, pp. 172-173). Assim, ao comprar a empresa, mudou o nome da Civilização Brasileira para Livros do Brasil, para fazer correspondência com a sede brasileira, e tornou-a uma das pioneiras em termos de forte atuação para um verdadeiro intercâmbio cultural entre os dois países.

Fundada em 9 de junho de 1944, a Livros do Brasil foi inaugurada com o objetivo inicial de distribuir livros brasileiros em Portugal, mas rapidamente estendendo-se para o ramo editorial, com oficinas próprias (Medeiros, 2010, p. 173).

Pode-se dizer que Souza-Pinto atuou nas duas frentes, tanto a difundir a literatura portuguesa no Brasil como a brasileira em Portugal. Em anúncio publicado em agosto de 1945 na revista *Livros de Portugal*, do GNEL (GNEL, ago 1945, p. 137), a

empresa apresenta-se como representante exclusiva para Portugal e colónias de várias editoras brasileiras, classificando-se como importadora do livro brasileiro, além de exportadora do livro português e editora. Segundo Medeiros (2010, p. 173), durante décadas foi a única no panorama editorial integralmente dedicada a escritores brasileiros, com o lançamento da “Coleção Livros do Brasil”. Entre os grandes escritores brasileiros que foram publicados pela casa estão Érico Veríssimo, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado e Euclides da Cunha, por exemplo (Beja, 2011, p. 15).

A editora também atuou em diversas frentes para a promoção do intercâmbio cultural entre os dois países, como ao lançar o Prémio José Lins do Rêgo de Literatura, conforme visto no Capítulo 2. Em 2014, passou a fazer parte do Grupo Porto Editora.

Um dos grandes autores brasileiros lançados pela editora em Portugal foi Machado de Assis, com um livro intitulado *Contos*, em 1948. Mas, segundo a base de dados da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), há um registo anterior, de 1941, do livro *O alienista*, publicado por uma gráfica chamada Tipologia Maurício e Monteiro, que não foi aqui considerado por ser uma gráfica, e não uma editora, e ainda alguns livros sem data de publicação, como *Missa do galo*, pela Fomento Publicações, e *Memórias póstumas de Brás Cubas*, pela Bertrand, mas que provavelmente são de datas posteriores, pois os outros livros de autores brasileiros dessas editoras são de períodos subsequentes. Machado de Assis, aliás, é um dos autores brasileiros com mais registos na BNP: 120 edições, por diferentes editoras.

Da década de 1950 até a de 1970, além da Livros do Brasil, há algumas outras editoras portuguesas que também publicaram escritores brasileiros, como a Publicações Europa-América, Portugália (Lisboa), Bertrand e Inquérito, por exemplo, embora em número muito menor.

A revista *Livros de Portugal*, do GNEL, em junho de 1969, publicou um artigo sobre os 25 anos da editora:

(...) A única, em Portugal, que detém, no seu catálogo, uma coleção exclusivamente destinada a autores brasileiros. O trabalho dedicado e entusiástico a que se devotou o sr. Souza-Pinto para a divulgação da literatura brasileira no nosso meio começou com a publicação de Erico Verissimo (*Olhai os Lírios do Campo*), seguindo-se Jorge Amado,

José Lins do Rego, Guimarães Rosa, Gilberto Freyre, Machado de Assis, Ribeiro Couto, Otto Lara Resende e tantos outros destacados nomes que compõem o património cultural e literário do Brasil. (GNEL, jun 1969, pp. 10-11)

O artigo ressaltava ainda a condecoração recebida por Souza-Pinto pelo governo brasileiro, a Ordem do Cruzeiro do Sul, pelos relevantes serviços prestados à cultura brasileira e sua atuação em prol do intercâmbio cultural luso-brasileiro.

Entre a década de 1970 e 1990, a Livros do Brasil ainda era a principal editora de escritores brasileiros, mas outras começam a fortalecer sua atuação nesse campo, como a Publicações Europa-América, assim como começam a surgir novos autores. É o caso de escritores como Jorge Amado, cujo livro de estreia por essa editora foi *ABC de Castro Alves*, em 1972; e Rubem Fonseca, com *O caso Morel*, em 1976, pela Bertrand.

No programa *Ler +, Ler melhor*, da RTP, que ouve a opinião de especialistas do mundo do livro, o escritor e professor universitário Rui Zink, meu orientador nesta dissertação, ao dar depoimento sobre o qual foi o “livro da sua vida”, em entrevista concedida em 9 de março de 2012, citou a obra *Feliz Ano Novo*, de Rubem Fonseca, editada pela Contexto em 1980²³: “O Rubem Fonseca é um dos maiores escritores brasileiros, é, sem dúvida, um dos maiores escritores vivos de língua portuguesa. É um grande estilista, inovador, que depois foi muito imitado, seja no Brasil, seja em Portugal.”

No Apêndice I, há um levantamento sobre os livros de autores brasileiros publicados por editoras portuguesas, desde a década de 1930, com base nos registos da BNP. Mas é claro que seria preciso um estudo bem mais aprofundado e detalhado para descrever com precisão as datas e as edições das obras. Porém, como o objeto principal de estudo desta dissertação não é resgatar toda a história da publicação de autores brasileiros em Portugal, e sim o aumento e a diversificação dessas obras nos últimos 10 anos, principalmente a partir do estudo de caso da Edições Tinta da China, esta listagem é uma amostra que serve como base para ilustrar e fazer um panorama sobre algumas iniciativas pioneiras.

²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KSCrKwmdiGM>.

3.3 Paulo Coelho, *Curso Breve de Literatura Brasileira* e o avanço das obras literárias brasileiras em Portugal

A partir do início da década de 1990 começou a haver mais diversificação, tanto de editoras a publicarem autores brasileiros como de novos autores. E uma que merece destaque é a Pergaminho, fundada em 1991 (desde 2008 integrada ao grupo Bertrand Círculo). O que se deve, sobretudo, à vivência de seu fundador, Mário de Moura, que morou no Brasil durante 40 anos, onde foi proprietário de diversas editoras.

Mário de Moura é considerado um dos principais editores portugueses. Ao retornar a Lisboa, no final dos anos 1980, viu-se novamente envolvido no mundo dos livros e fundou a Pergaminho, já comprovando, desde os primórdios em terras lusitanas, sua grande visão editorial: um dos primeiros autores a serem publicados pela nova editora foi Paulo Coelho, atualmente considerado um dos escritores brasileiros mais bem-sucedidos de todos os tempos. Segundo Beja (2011, p. 31), o primeiro livro vendeu pouco e levou dois anos a esgotar a edição, mas, com os livros seguintes, o autor “acabou por se tornar um dos maiores sucessos de vendas”, atingindo a marca de um milhão de exemplares vendidos nos anos 2000. E um bom método para se comprovar isso é ver as sucessivas edições e reimpressões de seus livros na lista que consta no Apêndice I. Segundo o catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal, o primeiro livro do autor a ser lançado em Portugal foi o romance *O Alquimista*, em 1988, com a segunda edição sendo lançada em 1991. Mas, após 1991, pode-se constatar que o mesmo livro teve seis edições e 33 reimpressões, além de edições especiais (Gold), didáticas e de bolso.

Atualmente, além de Paulo Coelho, a editora, que é detentora exclusiva dos direitos do autor em Portugal e já vendeu mais de 2 milhões de livros seus, também publica outro grande fenômeno de vendas brasileiro, o escritor Augusto Cury, além de nomes muito conhecidos como Leonardo Boff e Zíbia Gasparetto.

Dom Quixote, Relógio d'Água, Campo das Letras e Edições Asa são algumas das editoras que também iniciaram o “flerte” com os literatos brasileiros na época.

Mas, em 2005, uma coleção que fomentou essa expansão da literatura brasileira no país foi o *Curso Breve de Literatura Brasileira*, da editora Livros Cotovia, então dirigida por seu fundador, André Jorge, falecido em 2016. O site da editora não traz informações detalhadas sobre a coleção e a atual editora, Fernanda Mira Barros, não teve disponibilidade para fornecer informações para esta dissertação ao ser procurada por esta aluna. Mas, no site da Wook, uma das principais livrarias *on-line* do país, há a seguinte sinopse sobre a coleção:

CURSO BREVE DE LITERATURA BRASILEIRA é uma coleção de dezasseis volumes concebida para formar, no seu conjunto, uma selecta ou manual de estudo de acordo com um itinerário de leitura coerente e organizado. O critério primordial de selecção privilegia as obras que acrescentam a sabedoria literária ocidental, mas acolhe também aquelas que contribuíram decisivamente para dar à Literatura Brasileira a configuração própria enquanto literatura nacional autónoma. Optou por conjugar a edição autónoma e integral de obras indispensáveis com antologias de períodos, movimentos ou géneros. Procurou-se também privilegiar obras ou autores pouco conhecidos ou de todo desconhecidos em Portugal. Como em qualquer curso, todos os volumes incluem indicações bibliográficas. Será lançado um livro por mês, até Abril de 2006. Já nas livrarias, os primeiros três volumes.²⁴

A coleção foi organizada por Abel Barros Baptista, professor da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, especialista em Literatura Brasileira.

No Quadro 3, obtido a partir da base de registos da BNP, é possível ver todas as obras publicadas. Outra coleção da mesma editora também tem foco nos autores brasileiros, mas, neste caso, dos contemporâneos: a *Sabiá*. O primeiro livro foi impresso em 2007, *A chave de casa*, de Tatiana Salem Levy, e traz ainda escritores como Milton Hatoum e Bernardo Carvalho (Quadro 4).

Quadro 3 – Autores e obras da coleção *Breve Curso de Literatura Brasileira*, conforme registo na base de dados da BNP.

| TÍTULO | AUTOR | ANO |
|--|------------------|--|
| <i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i> | Machado de Assis | 2005 (com novas edições em 2008 e 2013) |

²⁴ Disponível em: <https://www.wook.pt/livro/s-bernardo-graciliano-ramos/173024>

(Continuação)

| | | |
|--|--|--|
| <i>As aves que aqui gorjeiam: a poesia do romantismo ao simbolismo</i> | Antologia de Paulo Franchetti | 2005 |
| <i>Um homem célebre: antologia de contos</i> | Machado de Assis | 2005 (com nova edição em 2013) |
| <i>Seria uma rima, não seria uma solução: a poesia modernista</i> | Org. e apresent. Abel Barros Baptista, Osvaldo Silvestre | 2005 |
| <i>Os ratos</i> | Dyonelio Machado | 2005 |
| <i>O amanuense Belmiro</i> | Cyro dos Anjos | 2005 |
| <i>S. Bernardo: romance</i> | Graciliano Ramos | 2005 |
| <i>Laços de família: contos</i> | Clarice Lispector | 2006 (com novas edições em 2008 e 2013) |
| <i>A menina morta: romance</i> | Cornélio Penna | 2006 |
| <i>Claro enigma</i> | Carlos Drummond de Andrade | 2006 (com nova edição em 2013) |
| <i>A educação pela pedra</i> | João Cabral de Melo Neto | 2006 |
| <i>Conversa de burros, banhos de mar e outras crônicas exemplares</i> | Antologia org. E apresentada por John Gledson | 2006 |
| <i>Teatro desagradável: três peças de Nelson Rodrigues</i> | Selec. e apresentação de Bernardo Carvalho | 2006 |
| <i>Lembranças do presente: o conto contemporâneo</i> | Org. e apres. Alcir Pécora | 2007 |

Quadro 4 - Autores e obras da coleção *Sabiá*, conforme registo na base de dados da BNP.

| TÍTULO | AUTOR | ANO |
|----------------------------------|--------------------|------|
| <i>A chave de casa</i> | Tatiana Salem Levy | 2007 |
| <i>O sol se põe em São Paulo</i> | Bernardo Carvalho | 2007 |
| <i>O filho da mãe: romance</i> | Bernardo Carvalho | 2009 |

(Continuação)

| | | |
|-------------------------------------|------------------|------|
| <i>Suíte dama da noite: romance</i> | Manoela Sawitzki | 2009 |
| <i>A cidadeilhada: contos</i> | Milton Hatoum | 2009 |
| <i>Ó</i> | Nuno Ramos | 2010 |
| <i>Malagueta, perus e bacanaço</i> | João Antônio | 2013 |
| <i>O azul do filho morto</i> | Marcelo Mirisola | 2016 |
| <i>Bangalô</i> | Marcelo Mirisola | 2016 |
| <i>Tempo de espalhar pedras</i> | Estevão Azevedo | 2017 |

André Jorge tinha muito apreço pela literatura brasileira e, em entrevista concedida ao blog *Painel das Letras*, do jornal brasileiro *Folha de S. Paulo*, em 2011, ao ser perguntado sobre a continuidade em editar autores brasileiros, respondeu: “Certamente, e não só na coleção *Sabiá*. [...] Existe uma óbvia curiosidade que, infelizmente, continua procurando o exótico e não a excelência de alguns grandes escritores brasileiros” (Aguiar, 2001).

E a tradição realmente mantém-se na editora, que continua a lançar livros de autores brasileiros, dentro e fora da coleção *Sabiá*, como a obra *É agora como nunca – Antologia incompleta da poesia contemporânea brasileira*, de Adriana Calcanhoto, publicado em 2017.

Em 2010, a Sextante Editora, chancela do Grupo Porto, compra os direitos do autor Rubem Fonseca e passar a editar toda sua obra. Em 2015, a Porto Editora também publica a premiada trilogia do jornalista Laurentino Gomes, *1808, 1822 e 1889*.

Em 2012, a Tinta da China Edições dá partida à atualmente bem conhecida trajetória de divulgação dos literatos brasileiros em Portugal, conforme será visto com mais detalhes no Capítulo 4.

3.4 Iniciativas recentes

Entre os empreendimentos mais atuais, e que possuem uma característica especial que os diferenciam dos demais projetos já citados, estão a Companhia das

Letras Portugal e a Oca Editorial. E a peculiaridade é que não se trata mais de editores portugueses publicando escritores brasileiros, mas de iniciativas que partiram diretamente do Brasil para Portugal.

A Companhia das Letras é uma consagrada editora brasileira, fundada em 1986, por Luiz Schwarcz. Em 2011, o grupo Penguin adquiriu 45% das ações da Companhia e, em 2013, a Penguin fundiu-se com a Random House, dando origem à Penguin Random House, um dos maiores grupos editoriais no mundo, com 18 chancelas no Brasil.

Em 2015, foi criada uma nova chancela, a Companhia das Letras Portugal, com escritório num prestigiado sítio de Lisboa, próximo à Praça Marquês de Pombal. *O irmão alemão*, do famoso cantor e compositor Chico Buarque, foi o livro de estreia. Livro, aliás, que foi muito bem-sucedido em vendas, dado que três anos depois, em 16 de março de 2018, ainda figurava em sétimo lugar no *ranking* de livros mais vendidos feito pelo Portal da Literatura²⁵.

Em comunicado divulgado na época, a Penguin Random House explicou tratar-se de uma “chancela literária dedicada à publicação de autores de língua portuguesa de todas as geografias” (Coelho, 2015). Entre os escritores brasileiros já publicados estão Fernanda Torres, Vinicius de Moraes e Carlos Drummond de Andrade. “A Companhia agora chega a Portugal para mostrar um pouco da sua cara, na terra de José Saramago e de tantos escritores que ligaram ainda mais nossos países”, revelou Luiz Schwarcz para reportagem no portal *Observatório*, na época (Coelho, 2015).

Já a Oca Editorial é uma iniciativa dos editores brasileiros Raquel Menezes (Editora Oficina e atual presidente da Libre – Liga Brasileira de Editoras) e Sérgio Cohn (Editora Azougue). Foi lançada durante a Feira do Livro de Frankfurt e tem o objetivo “de ampliar o diálogo entre Brasil e Portugal através de importantes nomes e obras da cultura e do pensamento brasileiro.”²⁶

Com o desejo de divulgar a cultura brasileira em Portugal, os editores acreditam que, por terem uma língua e uma história em comum, haja um crescente interesse na literatura brasileira. “Queremos atender alguns nichos específicos:

²⁵ <https://www.portaldaliteratura.com/top10.php?pais=portugal>

²⁶ <http://ocaeditorial.pt/>

brasileiros (porque hoje o número de brasileiros em Portugal está crescendo) e os interessados em cultura brasileira, sejam do meio acadêmico ou não”, afirmou Raquel, em entrevista exclusiva para esta dissertação²⁷.

A princípio, a editora irá publicar somente autores brasileiros, notadamente na área de poesia brasileira contemporânea e livros de ensaios. “Estamos preparando uma coleção de ensaios com grandes nomes do pensamento brasileiro”, revelou Raquel.

Outra iniciativa que diz respeito ao incremento da oferta de autores brasileiros em Portugal foi uma parceria, feita em 2016, entre a Bookwire, filial brasileira da empresa alemã especializada em distribuição e *marketing* de *e-books* e audiolivros, e a Wook, a gigante loja virtual portuguesa. Para o diretor da Wook, Rui Aragão, a procura por livros brasileiros (impressos) na Wook sempre foi grande e constante, desde sua criação, em 1999. “A representatividade do catálogo da Bookwire pode proporcionar à Wook a possibilidade de aumentar a oferta para os leitores [de autores brasileiros] e, ao mesmo tempo, concretizar o objetivo de um negócio mais consistente e contínuo neste segmento de mercado [de livros digitais]”, afirmou o diretor em entrevista ao *Publishnews*, portal brasileiro especializado no mercado editorial (Carrenho, 2016).

No mesmo ano, a parceria já havia rendido um aumento de 20% no catálogo em português da Wook, com o acréscimo de 2 mil *e-books* em português enviados diretamente do Brasil (Carrenho, 2016).

²⁷ R. Menezes, comunicado pessoal, 02 de março de 2018.

Capítulo 4

Estudo de caso: Edições Tinta da China



*Livros não mudam o mundo,
quem muda o mundo são as pessoas.
Os livros só mudam as pessoas.*
Mário Quintana

4.1 Literatura com sotaque

Por se destacar no mercado editorial, por seu caráter contemporâneo e por suas ações para promover o intercâmbio cultural entre Brasil e Portugal, a Edições Tinta da China foi a editora escolhida para este estudo de caso sobre autores brasileiros em Portugal.

Fundada em agosto de 2005, foi fruto, como quase sempre é no caso das pequenas e médias editoras, da paixão por livros de sua fundadora, Bárbara Bulhosa. Após sair da Bulhosa Livres, onde trabalhou como livreira durante oito anos, Bárbara quis continuar a trabalhar com livros e teve a ideia de fundar uma editora. Foi cursar uma pós-graduação em Técnicas Editoriais e juntou-se com a amiga Inês Hugon, ex-colega de faculdade, para criarem a Tinta da China. Juntaram seus subsídios de desemprego, através de um apoio do governo de incentivo ao empreendedorismo, e trabalharam durante um ano no sótão da casa de Bárbara. Em novembro de 2005, saía o primeiro livro com o selo Edições Tinta da China: *O pequeno livro do grande terramoto*, de Rui Tavares.

A “história de amor” com os autores brasileiros começou sete anos depois, em 2012, quando publicou dois romances provenientes de além-mar: *De mim já ninguém se lembra*, de Luiz Ruffato, e *Dois rios*, de Tatiana Levy. E até o ano seguinte, mais dois: *Alta ajuda*, de Francisco Bosco, e *Habitante irreal*, de Paulo Scott. “Estava a me interessar por essa nova geração de escritores brasileiros, e não só ficção. Esse primeiro livro do Francisco Bosco são crônicas ensaísticas. Eram autores brasileiros que não estavam publicados cá”, revelou Bárbara Bulhosa durante entrevista exclusiva para esta dissertação²⁸.

No mesmo ano, a editora foi além e fundou a Tinta da China Brasil, com o intuito de divulgar os autores portugueses no Brasil. E isso fez com que ela passasse a conhecer ainda mais os autores e a literatura brasileiros. Atualmente, fazem parte do catálogo da Tinta da China cerca de 15 autores brasileiros (ver Quadro 6 mais adiante),

²⁸ B. Bulhosa, comunicação pessoal, 19 de dezembro de 2017.

sendo o mais recente, Gustavo Pacheco, uma descoberta e uma aposta de Bárbara. Será a primeira vez que ela publicará um novo autor brasileiro.

E essa revelação aconteceu como quase todas as outras: por meio de contactos pessoais. O que mostra a importância, para um editor, em participar de eventos e estar sempre atento às relações estabelecidas nesses eventos, aos contactos com autores e profissionais do meio. “Por isso é que ir aos festivais literários, ir aos sítios, conhecer pessoas, faz muita diferença no andamento do trabalho”, afirma Bárbara²⁹. A editora conheceu Gustavo Pacheco durante uma edição do Folio, o Festival Internacional de Literatura de Óbidos. Na época, o autor trabalhava no Ministério da Cultura do Brasil e procurou-a para dizer que sabia que ela estava a publicar autores brasileiros e, por isso, queria informá-la sobre a linha de financiamento e apoio da Biblioteca Nacional de seu país para editoras no exterior que queiram publicar autores brasileiros. Depois disso, o autor também a ajudou a conseguir estabelecer uma comunicação com Sônia Rodrigues, filha de Nelson Rodrigues, pois há muitos anos Bárbara tinha vontade de publicá-lo, mas ainda não havia obtido sucesso em contactar seus herdeiros. E a descoberta de que Gustavo escrevia deu-se da seguinte forma:

Eu estava um dia a falar com o Gustavo e disse que não estava a perceber uma palavra. Ele disse-me: ‘se tiveres 10 minutos irás entender’. E mandou-me um conto. Eu disse: ‘mas tu escreves?’. Eu adorei o conto e logo publiquei-o na *Granta*. Quando fui este ano ao Brasil [2017] e o encontrei, ele deu-me o manuscrito dele, inédito, e disse: ‘eu queria que foste tu a primeira pessoa a ler. E se quiseres publicas em Portugal e no Brasil’. E eu achei aquilo mesmo muito bom. São contos maravilhosos.

O incentivo que a Biblioteca Nacional oferece faz parte do *Programa de Apoio à Tradução e à Publicação de Autores Brasileiros no Exterior*, conforme visto no Capítulo 2. Trata-se de um edital permanente, lançado em 2015, por meio da Decisão Executiva nº 44/FBN (11/06/2015), com recursos anuais no valor total de R\$ 300 mil. O programa é oferecido a editoras estrangeiras e também de países de língua portuguesa (pertencentes à Comunidade de Países de Língua Portuguesa – CPLP) que desejam traduzir e publicar obras de autores brasileiros no exterior.

²⁹ B. Bulhosa, comunicação pessoal, 19 de dezembro de 2017.

E algumas editoras portuguesas realmente encontraram neste programa um bom incentivo para a publicação de autores brasileiros. A Tinta da China já se beneficiou quatro vezes. Outras também contempladas foram a Cotovia (uma vez), Editora 4 Estações (uma vez), Companhia das Letras Portugal (uma vez), Editora Teorema (uma vez), Editora Afrontamento/Teodolito (duas vezes) e Editora Polvo (três vezes). O Quadro 5 mostra a relação das editoras contempladas pelo edital com os respectivos livros e valores.

Quadro 5 – Editoras, livros e valores contemplados pelo *Programa de Apoio à Tradução e à Publicação de Autores Brasileiros no Exterior*, da Biblioteca Nacional do Brasil, de 2015 até dezembro de 2017.

| EDITORIA | LIVRO | AUTOR | VALOR | ANO |
|--|---|--------------------------------|---------------|--|
| Editora 4 Estações | <i>Armandinho Três</i> | Alexandre Beck | US\$ 2.000,00 | I Reunião de Avaliação – agosto 2015 |
| Editora Companhia das Letras Portugal/ Penguin Random House | <i>O drible</i> | Sérgio Rodrigues | US\$ 2.000,00 | I Reunião de Avaliação – agosto 2015 |
| Editora Teorema/ Texto Editores | <i>Do fundo do poço se vê a lua</i> | Joca Reiners Terron | US\$ 3.000,00 | I Reunião de Avaliação – agosto 2015 |
| Editora Afrontamento/ Teodolito | <i>Essa terra</i> | Antônio Torres | US\$ 2.000,00 | II Reunião de Avaliação – 2015 |
| Editora Cotovia | <i>O azul do filho morto</i> | Marcelo Mirisola | US\$ 1.300,00 | III Reunião de Avaliação – maio 2016 |
| Edições Tinta da China | <i>A vida como ela é</i> | Nelson Rodrigues | US\$ 3.000,00 | III Reunião de Avaliação – maio 2016 |
| Edições Tinta da China | <i>Chega de saudade</i> | Ruy Castro | US\$ 3.000,00 | III Reunião de Avaliação – maio 2016 |
| Editora Polvo | <i>Coisas de adornar paredes</i> | José Aguiar | US\$ 1.500,00 | IV Reunião de Avaliação – outubro 2016 |
| Editora Afrontamento/ Teodolito | <i>Entropia</i> | Alexandre Marques Rodrigues | US\$ 2.000,00 | IV Reunião de Avaliação – outubro 2016 |
| Edições Tinta da China | <i>Antologia da poesia erótica brasileira</i> | Eliane Robert de Moraes (org.) | US\$ 1.200,00 | V Reunião de Avaliação – 2017 |

(Continuação)

| | | | | |
|------------------------|--------------------|--------------------------------------|---------------|--|
| Edições Tinta da China | <i>O casamento</i> | Nelson Rodrigues | US\$ 1.200,00 | V Reunião de Avaliação – 2017 |
| Editora Polvo | <i>O Ateneu</i> | Marcello Quintanilha e Raul Pompeia | US\$ 2.000,00 | VI Reunião de Avaliação – outubro 2017 |
| Editora Polvo | <i>Portais</i> | Octavio Cariello e Pietro Antognioni | US\$ 2.000,00 | VI Reunião de Avaliação – outubro 2017 |

Fonte: Site da Fundação Biblioteca Nacional (<https://www.bn.gov.br/edital/2015/edital-apoio-traducao-publicacao-2015-2017>)

4.2 Escolha de autores, contratos e a língua única

Como já dito anteriormente, para Bárbara Bulhosa os contactos pessoais são a melhor forma de se chegar a novos autores. Foi assim que aconteceu de publicar o primeiro autor brasileiro. Luiz Ruffato disse-lhe que o *De mim já ninguém se lembra* não estava publicado no Brasil, tinha saído apenas uma edição institucional, e mostrou-lhe o livro. “São cartas. É um livro sobre a morte da mãe dele e sobre a família. Achei um livro lindo em si. E com muitos outros aconteceu assim também, as pessoas me foram dando os livros, eu fui lendo e escolhendo aqueles que achava que teriam público cá”, conta Bárbara³⁰.

Cada vez que vai ao Brasil a editora traz uma mala cheia de livros. Além das obras que recebe dos muitos autores brasileiros que desejam publicar seus livros em Portugal, ela também vasculha as livrarias do país. E só em 2017 foram feitas em torno de nove viagens ao território além-mar. “Porque me interessa muito a cultura brasileira, a literatura, então é uma forma de eu estar mais perto do que está acontecendo lá. E porque tenho que ir. Tenho que falar com livreiros, preparar os eventos, participar de eventos, levar os autores portugueses para lá”, revela³¹.

A Tinta da China Brasil não tem um escritório no país. Todo o trabalho editorial é feito cá em Portugal mesmo. Mas no Brasil há uma pessoa encarregada da parte comercial e as várias distribuidoras que disseminam o livro pelo território.

³⁰ B. Bulhosa, comunicação pessoal, 19 de dezembro de 2017.

³¹ B. Bulhosa, comunicação pessoal, 19 de dezembro de 2017.

Cada contrato é feito diretamente com o autor, mesmo que o livro já tenha sido publicado por outra editora no Brasil, e a Tinta da China tem total liberdade de trabalhar no texto, escolher capa, projeto gráfico, bandanas e o que mais achar preciso. Mas, em relação à língua, Bárbara é categórica em dizer que não é necessária nenhuma adaptação de linguagem.

Eu acho que nós temos que insistir para ser natural eu estar a ler um autor brasileiro e saber que estou a ler um autor brasileiro. Como quando estou a ler um autor angolano ou moçambicano. Repare, o Mia Couto, que é um grande sucesso em Portugal e no Brasil, é um autor moçambicano, e não há qualquer adaptação aos livros dele, nem em Portugal, nem no Brasil. Isso quer dizer alguma coisa, quer dizer que funciona. Assim, temos é que muitas vezes ir pelo caminho que nos parece mais difícil, mas eu acho que acaba por de facto ir derrubando essa barreira. (B. Bulhosa, comunicação pessoal, 19 de dezembro de 2017).

Bárbara afirma que na política editorial da Tinta da China está fora de questão adaptar a escrita dos brasileiros para português de Portugal e vice-versa. “Não se faz isso, porque não há tradução, é a mesma língua. Assim se vai aprendendo novas palavras, diferentes tonalidades e isso é a riqueza de um texto. Não vamos nivelar por baixo”, afirmou (Porto Canal, 2017). Para ela, não faz nenhum sentido fazer uma adaptação ou estar a mexer num texto original de um autor brasileiro para que os portugueses o possam entender melhor. “Imagine se nos Estados Unidos e em Inglaterra se fazia uma coisa destas. Ou com a Espanha e Colômbia. Nunca fizeram. Só nós é que conseguimos esta proeza extraordinária de termos traduções”, acrescentou (Porto Canal, 2017).

Essa questão, aliás, é recorrente entre as editoras portuguesas que estão a publicar autores brasileiros atualmente, como visto no Capítulo 2.

As adaptações feitas nos livros da Tinta da China são sempre por critérios editoriais. Por exemplo, ao publicar a *Antologia da Poesia Erótica Brasileira*, de Eliane Moraes, Bárbara optou por reduzi-lo de 600 para 300 páginas, escolhendo as poesias que considerou mais adequadas para receção pelo público português. Outro exemplo citado pela editora são em relação às crónicas: “Quando estou a ver as crónicas do Francisco Bosco, por exemplo, tenho a atenção de publicar as que façam mais sentido para Portugal, de alguma maneira. Assim como faço com o Ricardo Araújo Pereira e o

Pedro Mexia no Brasil”³². E foi isso que também aconteceu com o livro *Meio intelectual, meio de esquerda*, de Antônio Prata, cuja seleção de crônicas não é exatamente igual ao exemplar publicado no Brasil.

Nem mesmo notas de rodapé para explicar uma ou outra expressão diferente são necessárias, na visão de Bárbara:

Se calhar, antes havia, mas hoje, com a tecnologia, não. Para já, nós tiramos muito pelo contexto e, depois, se não soubermos o significado de uma palavra, fazemos um Google e passamos a saber. Por isso, para mim, não faz sentido mexer na língua. Faz sentido pensar que é para um público diferente e, portanto, tem que haver pontes, não é? (B. Bulhosa, comunicação pessoal, 19 de dezembro de 2017).

Além de mudanças na capa e em bandanas, também podem ocorrer alterações específicas para valorizar o público lusitano, como a escrita de prefácios especiais.

4.3 Receção dos leitores e vendas

Publicar autores brasileiros em Portugal pode ser considerado um nicho, ou seja, um campo de atuação específico, um determinado segmento de público que se pretende atingir? Depende. Embora os autores brasileiros publiquem as mais diversas categorias de livros, como romances, ensaios, crônicas e poesias, de modo geral atingem a um público mais bem informado, conhecedor da literatura brasileira. Mas também há os casos de autores brasileiros famosos em outros ramos de atividade que, ao publicarem livros, acabam por arrastar muitos leitores. É o caso da atriz Fernanda Torres (Companhia das Letras Portugal) e do ator Gregório Duvivier (Tinta da China), por exemplo. Não se está a questionar a qualidade da escrita, pois é claro que se não fosse de qualidade não se perpetuaria as vendas de seus livros, mas sim a dizer que personalidades de fama normalmente conseguem mais notoriedade nos *media* e atrair mais interesse do público em geral pelo o que escrevem. E há ainda o caso de autores que já são muito consagrados, com histórico de milhares de exemplares vendidos, como Augusto Cury e Paulo Coelho (ambos da Editora Pergaminho), e Nelson Rodrigues (Tinta da China), entre outros.

³² B. Bulhosa, comunicação pessoal, 19 de dezembro de 2017.

Sob o ponto de vista editorial, da maneira como as editoras trabalham os livros, há vários aspectos em comum em relação ao processo editorial dessas obras. Publicar um autor brasileiro pode ser uma forma de internacionalizar o catálogo de uma editora, diversificar, com a vantagem de economizar com a tradução. Às vezes até mesmo com a revisão, no caso de livros que já foram publicados antes no Brasil, tendo em vista os depoimentos das editoras de que não fazem nenhum tipo de adaptação na linguagem.

Sobre os números de vendas desses autores, de maneira geral as tiragens correspondem à média de tiragem dos livros de autores portugueses, ou seja, entre mil e 3 mil exemplares, no máximo. No caso da Tinta da China, autores como Ruy Castro, Nelson Rodrigues e Gregório Duvivier vendem mais do que a média. Mas, na análise de Bárbara Bulhosa, os autores brasileiros ainda não vendem muito em Portugal: “Mas, lá está, também é para insistirmos. O Antônio Prata é um autor extraordinário, de uma nova geração, que considero um dos melhores cronistas. Mas eu não estou a publicá-los porque encontrei um nicho de mercado que vende muito, não é isso. Mas também não se perde dinheiro com eles”³³.

Segundo a editora, o livro *O Anjo Pornográfico*, a biografia de Nelson Rodrigues escrita por Ruy Castro, esteve em várias listas de livro do ano. O livro *A vida como ela é*, de Nelson Rodrigues, foi eleito um dos livros do ano de 2016 segundo listagem do *Público* e do *Observador*. E as críticas têm sido sempre positivas a diversos dos autores que publica, como Tati Bernardi, Antônio Prata, Francisco Bosco, Gregório Duvivier, Ruy Castro e Nelson Rodrigues.

No Ípsilon, especial sobre cultura do jornal *Público*, a crítica ao livro de Ruy Castro citado anteriormente recebeu a seguinte observação da jornalista Isabel Lucas:

[...] livro que se lê com o fôlego, o efeito surpresa, a emoção e o sentido poético da grande literatura com um protagonista que desafia todas as convenções. [...] Ruy Castro traz o homem e faz querer ler a sua obra. É lê-la e depois agradeçam-lhe por tudo isso. (Lucas, 2017)

³³ B. Bulhosa, comunicação pessoal, 19 de dezembro de 2017.

Ruy Castro recebeu críticas positivas em diversos *media*, por diferentes livros. No portal *Observador*, em junho de 2016, o crítico literário e autor Bruno Vieira Amaral escreveu, ao falar sobre o livro *Chega de Saudade*:

É o melhor historiador do século XX, brasileiro e nem sequer é historiador. As biografias de Ruy Castro, entre as quais a do dramaturgo Nelson Rodrigues e de Carmen Miranda, levam o leitor das ruas de Belo Horizonte no início do século XX às redações dos jornais populares, dos botecos do Rio aos estádios de futebol onde Garrincha passeou o seu génio, sempre com a história do Brasil como pano de fundo. *Chega de Saudade* (Tinta-da-China), as histórias das pessoas que fizeram a Bossa Nova, foi o seu primeiro livro. Publicado originalmente em 1990, chega finalmente a Portugal. (Amaral, 2016)

O próprio escritor Ruy Castro, ao responder a esta aluna sobre como tem sido a receção aos seus livros em Portugal, afirmou: “Sensacional. Já fui até reconhecido na rua em Lisboa”³⁴. Sobre as vendas e o motivo de publicar em Portugal, ele responde, modestamente:

Não espero vendas em Portugal como tenho no Brasil. Os mercados são diferentes, inclusive em tamanho. O que quero é que os livros atinjam as pessoas certas. Tenho livros publicados nos EUA, Inglaterra, Alemanha, Polónia, Espanha, Itália, Japão, Rússia e Turquia, mas o que me interessa mesmo é ser editado e lido em Portugal. Sou um apaixonado pela língua portuguesa, escrevo em português e quero ser lido em português. (R. Castro, comunicação pessoal, 27 de março de 2018)

Outra autora da Tinta da China que revela uma boa surpresa em relação à receção de seus livros é Heloísa Seixas, que publicou *O lugar escuro – uma história de senilidade e loucura*, em 2017. É um livro de memória, que fala sobre sua mãe e a Doença de Alzheimer.

Quando do lançamento, a repercussão foi muito, muito boa, a ponto de me surpreender. Isso inclui grandes reportagens nos principais jornais portugueses. As vendas têm sido razoáveis, nada excepcional, mas o livro está abrindo caminho para a edição de outros livros meus, o que é mais importante. (H. Seixas, comunicação pessoal, 27 de março de 2018)

³⁴ R. Castro, comunicação pessoal, 27 de março de 2018.

Ao falar sobre a aceitação dos livros de autores brasileiros em Portugal, tanto por parte de livreiros como de imprensa, a editora Bárbara Bulhosa inclusive cita o livro de Heloísa Seixas:

O livro da Heloísa é extraordinário. Lá está que eu li e disse ‘isto não existe em Portugal, uma coisa tão séria’. Uma memória da doença e da morte da mãe dela, uma pessoa que está e deixou de estar, não é? Eu li e disse: ‘isso eu quero publicar em Portugal’. Porque o Alzheimer não é diferente se tu és brasileira, portuguesa ou norueguesa, não interessa, é uma questão humana, ou seja, é um problema que nós temos nesse momento, na sociedade, então interessa-me isso. (B. Bulhosa, comunicação pessoal, 19 de dezembro de 2017)

Para Bárbara Bulhosa, as questões de *marketing*, distribuição e venda são exatamente iguais para autores brasileiros, portugueses ou de qualquer outra nação. O que importa é o conteúdo do livro. E isso é o que define a forma como ele vai ser “trabalhado” e aceito. Além da Heloísa Seixas, ela cita outro caso, de um livro que irá publicar do Francisco Bosco sobre liberdade de expressão e os novos movimentos identitários:

Isso está a acontecer muito no Brasil, mas também nos EUA e no mundo inteiro. E aqui também está a começar. A Tinta da China, além de ser uma editora literária, [...] também tem uma linha social-política de temas. Eu acho que nós, enquanto editores, temos a função de divulgar ideias, pôr ideias a serem discutidas. Temos esse poder, de publicar livros. Eu acho que continua a ser o melhor veículo para se discutir ideias, para pensar. Até pelo tempo que ele precisa. E porque hoje em dia, com a informação como temos, tão superficial, estar a pensar num assunto é uma coisa que cada vez acontece menos, não é. Portanto, nesse aspeto, é indiferente se quem escreve um livro é português, brasileiro, interessa-me o tema do livro e a qualidade dele. (B. Bulhosa, comunicação pessoal, 19 de dezembro de 2017)

Outro que é sempre figura presente nos *media* lusitanos é o ator e escritor Gregório Duvivier, que ganhou fama pelo programa *Porta dos Fundos*. Foi uma das atrações do Festival Literário de Óbidos em 2017, onde lançou o livro *Sonetos*, uma mistura de poesia e humor, feito especificamente para o público português e, para já, só lançado em terras lusitanas.

Gregório lançou seu primeiro livro em Portugal em 2015, *Caviar é uma ova*, e, desde então, já pensava em lançar algum inédito por cá, o que se concretizou com

Sonetos: “Eu estou apaixonado pela Tinta da China, acho uma editora muito criteriosa e com um catálogo de autores maravilhoso. Quero muito publicar mais em Portugal, até inéditos” (Coelho, 2015a).

O autor também é exemplo do tipo de evento que a Tinta da China promove como medida de aproximação entre culturas, ao juntá-lo ao comediante português Ricardo Araújo Pereira em divertidos encontros, intitulados “Um português e um brasileiro entram num bar”³⁵. Os dois conversam durante cerca de uma hora, leem trechos de seus livros e são garantia de muitas risadas para o público.

4.4 Uma ponte entre Brasil e Portugal

A Tinta da China está a construir uma “ponte” entre Brasil e Portugal, é o que se pode mesmo dizer. Além do intercâmbio cultural que faz entre os dois países ao publicar autores brasileiros em Portugal e autores portugueses no Brasil, a editora ainda promove diversas iniciativas de aproximação. Entre as quais uma das principais é a revista literária *Granta*.

Fundada em 1889, na Universidade de Cambridge (*The Granta*), nasceu como um periódico de política, humor e iniciativa literária de um grupo de estudantes. Em 1979, renasceu como *Granta* e passou a divulgar a obra de muitos escritores que viriam a tornar-se internacionalmente reconhecidos. Atualmente, possui edições em Espanha, Itália, Bulgária, Noruega e Suécia, entre outros países. A *Granta Portugal*, uma iniciativa de Bárbara Bulhosa, nasceu em maio de 2013, com publicação semestral. “A *Granta* aqui em Portugal já funciona há 5 anos e funciona muito bem. Tem metade dos autores ingleses ou de outra nacionalidade, mas que já publicaram na *Granta* mãe, e metade dos autores portugueses, que nós convidamos a publicar”, conta Bárbara³⁶.

No site da revista,³⁷ há a seguinte explanação:

³⁵ Um desses encontros pode ser visto na íntegra aqui:
<https://www.youtube.com/watch?v=hK0zHiZpHWI&feature=youtu.be>

³⁶ B. Bulhosa, comunicação pessoal, 19 de dezembro de 2017.

³⁷ <http://www.tintadachina.pt/granta/>

[...] Não é uma revista de actualidade, nem jornalística. Os textos que a compõem têm valor pela sua qualidade literária, independentemente do género – ficção, ensaio, reportagem ou outro. A importância dada à escrita, à sua forma, é maior do que a que habitualmente se dá num jornal.

Mas um desafio maior ainda manifestou-se em 2018: a unificação entre a *Granta Portugal* e a *Granta Brasil*, dando início à *Granta Portugal | Brasil*, com publicação simultânea nos dois países e textos de autores lusófonos. Assim, a nova revista irá publicar tanto autores brasileiros como portugueses, em igual peso. “Eles serão publicados exatamente como escreveram, e só textos inéditos. Portanto, é mais uma ferramenta para concretização desse meu objetivo, de ir tentando derrubar a barreira da língua”, revelou³⁸.



Figura 4 – Capa da primeira *Granta Língua Portuguesa*, com o tema Fronteiras.

Após o fim da *Granta Brasil*, em 2015, Bárbara percebeu a oportunidade que tinha em mãos e entrou em contacto com a proprietária da *Granta* inglesa para falar sobre a ideia da unificação. A primeira edição sairá em maio, com o tema Fronteiras.

Porque é exatamente isso que nós queremos derrubar, são as fronteiras. E quero fazer um evento de lançamento em Portugal e no Brasil. O ideal mesmo, aquilo que eu gostava muito, era conseguir levar os autores portugueses lá e trazer cá os brasileiros que estão nesta *Granta*. De maneira a conseguirmos fazer um bocadinho de uma festa da língua, e pô-los a falar. Quanto mais as pessoas estiverem interessadas neste nosso movimento, que não é só meu, há várias pessoas que estão interessadas nisso, melhor. (B. Bulhosa, comunicação pessoal, 19 de dezembro de 2017)

³⁸ B. Bulhosa, comunicação pessoal, 19 de dezembro de 2017.

A *Granta Portugal* tem cerca de mil assinantes e mais as vendas em livrarias e, em seu primeiro número, chegou a vender 8 mil exemplares. É uma montra e tanto para os escritores brasileiros cativarem o público leitor português. Para Carlos Vaz Marques, o jornalista responsável pela *Granta Portugal* e que se manterá à frente da *Granta Portugal | Brasil*, o interesse literário mútuo entre Brasil e Portugal cresceu nos últimos anos: “Qualquer autor português terá o desejo secreto ou confessado de vir a ser publicado e reconhecido no Brasil, e suponho que o mesmo acontecerá com o interesse dos autores brasileiros em serem editados em Portugal”, revelou (Torres, 2017).

Mas Bárbara não fica por aí. Também se prepara para começar a distribuir em Portugal a revista literária brasileira *Quatro cinco um*, a revista dos livros.

Não existe nenhuma revista como aquela, em português. É um bocadinho no modelo *New York Review of Books* ou *The London Review of Books*. E isso não existe cá. E ainda por cima não é sobre autores brasileiros, é sobre literatura em geral e tem todos os temas. Então falei com os donos da revista e propus a distribuição cá. Porque eu acho que isso é importante.

A *Quatro cinco um* é uma revista mensal, lançada em maio de 2017, sobre crítica de livros. Seus editores são Fernanda Diamant e Paulo Werneck e a descrição em seu site³⁹ informa ser uma revista que “cobre cerca de 20 áreas da produção editorial, com resenhas dos lançamentos no país e serviço jornalístico voltado para o leitor de livros.” Tem tiragem de 32 mil exemplares, dos quais 27 mil foram encartados nos exemplares dos assinantes da revista Piauí durante os primeiros 5 meses.

4.5 Perspetivas para o futuro

Como é fácil perceber, inovação é a palavra-chave na vida de Bárbara Bulhosa e sua Tinta da China.

Tens que estar sempre a criar, a inovar, não podes achar que já não preciso fazer nada. Não, tens que estar sempre a trabalhar muito, ser muito criativo. Primeiro porque

³⁹ <http://arevistadoslivros.com.br/conteudos/visualizar/Sobre-nos>

estás num mercado muito competitivo e não tens arma financeira, portanto, tens que ter outras e essas dão mais trabalho. Mas também é o que nos alimenta e é por isso que continuo a fazer isso, porque senão também acho que já me tinha desmotivado e já estava a fazer outra coisa qualquer. (B. Bulhosa, comunicação pessoal, 19 de dezembro de 2017)

Em relação à literatura brasileira, ainda podemos esperar muito mais. Do autor Nelson Rodrigues já foram publicados quatro livros, mas a editora pretende publicar mesmo toda a sua obra, completa. Agora, além dos autores contemporâneos, também pretende trazer para Portugal os clássicos brasileiros, como Graciliano Ramos, Lima Barreto e Rubem Braga (Porto Canal, 2017). Ruy Castro é outro autor já publicado pela Tinta da China mas do qual ainda veremos muitas obras inéditas por cá. “O Ruy é o melhor biógrafo da língua portuguesa, é ímpar o trabalho que ele faz. Vou segui-lo como autor. Pela riqueza da obra dele, vou continuar a publicá-lo sempre. Porque há imensas coisas que eu posso publicar dele e que são muito boas e pertinentes”, revela Bárbara⁴⁰.

A Tinta da China é uma editora independente, de médio porte, que não possui todos os recursos financeiros que um grupo editorial como LeYa e Porto pode oferecer, mas que consegue manter-se bem conceituada entre os leitores e os meios de comunicação portugueses. E isso pode ser creditado à vocação editorial de Bárbara Bulhosa, sempre atenta ao mercado, a agir com inovação e ousadia. E, sobretudo, a meu ver, em razão de sua estratégia de ação ao investir em um nicho até então pouco explorado, o de autores brasileiros contemporâneos, e continuar a incentivar o seu crescimento, por meio das diversas iniciativas de aproximação já citadas.

“Interessa-me muito essa ponte entre Portugal e Brasil, porque eu considero que há um muro na literatura, porque os brasileiros recebem muito melhor a literatura portuguesa do que os portugueses recebem a literatura brasileira”⁴¹.

No Quadro 6, a lista de livros e autores brasileiros publicados pela Tinta da China até o momento (março de 2018):

⁴⁰ B. Bulhosa, comunicação pessoal, 19 de dezembro de 2017.

⁴¹ B. Bulhosa, comunicação pessoal, 19 de dezembro de 2017.

Quadro 6 – Autores brasileiros publicados pela Tinta da China, por data de publicação, até março de 2018.

| AUTOR | | LIVROS | ANO |
|-------|--------------------|--|-------------------|
| 1 | Luiz Ruffato | <i>De mim já nem se lembra</i> | Setembro de 2012 |
| | | <i>Eles eram muitos cavalos</i> | 2018 |
| 2 | Tatiana Salem Levy | <i>Curupira Pirapora</i> | Setembro de 2012 |
| | | <i>Dois rios</i> | Setembro de 2012 |
| | | <i>Paraíso</i> | Abril de 2016 |
| 3 | Francisco Bosco | <i>Alta Ajuda</i> | Maior de 2013 |
| | | <i>Orfeu de bicicleta</i> | Julho de 2015 |
| | | <i>A vítima tem sempre razão?</i> | Janeiro de 2018 |
| 4 | Paulo Scott | <i>Habitante irreal</i> | Fevereiro de 2014 |
| 5 | Fabiano Calixto | <i>Equatorial</i> | 2014 |
| 6 | Scarlett Marton | <i>Nietzsche e a Modernidade - Sujeito, Décadence e Arte</i> | Abril de 2014 |
| 7 | Gregório Duvivier | <i>Caviar é uma ova</i> | Outubro de 2015 |
| | | <i>Sonetos</i> | 2017 |
| 8 | Ruy Castro | <i>Chega de saudade</i> | Junho de 2016 |
| | | <i>O anjo pornográfico</i> | Agosto de 2017 |
| | | <i>Bilac vê estrelas</i> | 2017 |
| | | <i>Carnaval no fogo – crônica de uma cidade excitante demais</i> | Fevereiro de 2017 |
| 9 | Antonio Prata | <i>Meio intelectual, meio de esquerda</i> | Agosto de 2016 |
| | | <i>Nu de botas</i> | Setembro de 2017 |
| 10 | Nelson Rodrigues | <i>O homem fatal</i> | Setembro de 2016 |
| | | <i>A menina sem estrela</i> | Novembro de 2016 |
| | | <i>A vida como ela é</i> | 2016 |
| | | <i>O Casamento</i> | 2017 |
| 11 | Maria Ribeiro | <i>Trinta e oito e meio</i> | 2016 |
| 12 | Heloísa Seixas | <i>O lugar escuro – uma história de senilidade e loucura</i> | Maior de 2017 |

(Continuação)

| | | | |
|----|----------------------|---|------------------|
| 13 | Eliane Robert Moraes | <i>Antologia da Poesia Erótica Brasileira</i> | Novembro de 2017 |
| 14 | Tati Bernardi | <i>Depois a louca sou eu</i> | 2017 |
| 15 | Gustavo Pacheco | <i>Alguns humanos</i> | Março de 2018 |

Conclusão

Esta dissertação teve como objetivo principal analisar a entrada de autores brasileiros no mercado editorial português, com foco nos aspetos editoriais da questão. Por meio de um levantamento histórico parcial, que tinha como meta apenas situações ou factos relevantes que contribuíram para os acontecimentos da atualidade aqui ponderados, da investigação de estatísticas e dados atuais existentes e disponíveis, de entrevistas com editores, autores e demais personagens relevantes para a abordagem, e leitura e estudo de artigos e demais materiais divulgados em meios de comunicação diversos, além da literatura existente sobre assuntos correlatos, foi estabelecido um panorama sobre o aumento da oferta de livros de autores brasileiros, principalmente contemporâneos, na indústria do livro em Portugal.

Tal investigação exploratória foi feita por meio do estudo de caso da Edições Tinta da China, editora escolhida para esta análise por se destacar das demais no aspeto abordado, ao lançar em Portugal escritores brasileiros inéditos no país, mantendo a constância nos últimos seis anos, e ao promover diversas ações com o intuito de favorecer a aproximação cultural entre os dois países.

E no que publicar autores brasileiros difere de publicar autores de outras nacionalidades? As origens históricas do relacionamento entre os dois países, de colonizador e colónia, pode não ter favorecido essa ligação em alguns momentos. Mas não se pode negar que um forte vínculo une as duas nações e que hoje há claramente uma tendência de aproximação cultural, social e económica entre ambas. O facto de falarem a mesma língua oficial, a Língua Portuguesa, embora com diferenças lexicais e de uso, favorece ainda mais essa proximidade. Apesar de no passado essas diferenças na língua terem suscitado a necessidade de uma “tradução”/adaptação do idioma, no presente esta exigência se faz totalmente dispensável. Além do enriquecimento cultural que essa diversidade permite, é patente que não prejudica o entendimento da leitura.

Essa é a percepção da maior parte dos editores que publica autores brasileiros em Portugal no tempo atual. Mas também pode ser constatado por meio do grande

número de brasileiros que está a vir fixar residência no país atualmente, a fugir de uma grande crise que assola o Brasil, e que diz escolher Portugal em razão de “se falar a mesma língua”. Essa é ainda a visão de muitos dos escritores brasileiros, tanto para os que encontram em Portugal a porta de entrada para uma internacionalização da carreira, como para os que já são publicados em outros idiomas, mas acreditam que aumentar o seu público entre falantes da língua materna seja muito mais gratificante.

A falta de transparência e de organização entre os agentes da indústria editorial em Portugal não permite que seja feito um levantamento concreto e um panorama real sobre o funcionamento do mercado. Como já relatado no Capítulo 3, não há um órgão oficial que produza estatísticas sobre número de editoras em funcionamento, número de exemplares produzidos e vendidos, classificação de venda e de produção por linha editorial, números relacionados a leitores e à leitura, entre outros dados. Dados esses que são facilmente obtidos em alguns outros países, inclusive no Brasil, de forma sistemática. Empresas e entidades como a GfK, o Instituto Nacional de Estatísticas (INE) e a Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (DGLAB), além da própria agência portuguesa de ISBN, que funciona na Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL), fornecem alguns dados, com os quais foi feita a análise do mercado editorial em Portugal para esta dissertação, mas não informações completas e sistemáticas que permitam uma análise profunda, temporal e qualitativamente comparativa.

Por isso, e também pela questão do tempo ser curto para uma busca mais completa em outras fontes não oficiais, não foi possível obter os dados desejáveis sobre quantidade de venda dos autores brasileiros em Portugal, nível de leitura da população e um levantamento completo sobre todas as editoras que publicam ou já publicaram autores brasileiros. Entretanto, por meio do quadro produzido no Apêndice II, a partir de um levantamento feito no catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal, é possível ver a quantidade de autores brasileiros já publicados no país e também ter uma ideia sobre as vendas, tendo em vista as sucessivas reimpressões e reedições de alguns livros, muitas delas no mesmo ano de publicação.

A investigação feita também permitiu constatar que casas editoriais como a Tinta da China, independentes e não fazendo parte de um conglomerado com grande

apoio financeiro, como os dois maiores grupos editoriais existentes hoje no país, podem encontrar nichos favoráveis de atuação ao publicar escritores brasileiros. E, ao juntar à sua estratégia ações que favorecem o intercâmbio de conhecimento entre os países, como muito bem faz a Tinta da China por meio da revista *Granta Portugal | Brasil*, da distribuição da revista *Quatro Cinco Um* e dos diversos eventos dos quais participa ou promove unindo autores portugueses e brasileiros de seu catálogo, não só consegue destacar-se no mercado editorial, como promover uma verdadeira difusão da literatura.

Verificou-se também que há muito boa receptividade por parte dos meios de comunicação portugueses, com boa cobertura sobre lançamentos e eventos envolvendo os escritores brasileiros, assim como uma boa crítica por parte de jornalistas especializados, professores universitários, autores e profissionais da área.

Apesar de Portugal ser um país que lê pouco, segundo os dados encontrados e em comparação com outros países da Europa, possui muitas casas editoriais e uma grande produção de livros. Talvez por isso seja necessário diversificar e apostar em novos nichos.

Espero que esta dissertação possa abrir caminho para que futuros trabalhos de investigação explorem, de forma mais minuciosa, as relações editoriais entre os dois países e ajudem a cobrir a lacuna existente sobre as informações do mercado editorial em Portugal. Eis aqui alguns exemplos de assuntos que podem ser pesquisados:

- ❖ Comparação sobre o estudo da literatura brasileira e da literatura portuguesa nas escolas do Brasil e de Portugal.
- ❖ Fatores históricos e estratégias atuais para o intercâmbio e a construção da sinergia entre Brasil e Portugal no mercado editorial.
- ❖ Estudo de caso de algumas editoras que tiveram grande importância durante determinada época e hoje foram incorporadas por grupos editoriais, sumiram ou perderam a influência, como a Livros do Brasil e a Publicações Europa-América.
- ❖ A influência de autores brasileiros (por exemplo, Machado de Assis) na escrita de autores portugueses.

Ao estudar autores brasileiros como um nicho de mercado, é possível estabelecer parâmetros sobre as categorias mais vendidas, tipo de linguagem utilizada, temáticas etc. Por meio da análise do histórico das relações editoriais entre os dois países, também é viável traçar novas estratégias de atuação de maneira a aumentar essa troca. Sem dúvida seria de grande interesse para os agentes operantes na indústria do livro de hoje e do futuro, pois permitiria um aperfeiçoamento do desempenho editorial baseado em factos concretos.

Referências bibliográficas e outras

(formatadas conforme normas da APA 6ª Edição)

- Abreu, M. (2010). Duzentos anos: os primeiros livros brasileiros. In: Bragança, A., & Abreu, M. (Org.), *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros* (Capítulo 2, pp. 41-65). São Paulo: Unesp.
- Anselmo, A. (1991). *A história da edição em Portugal*. Porto: Lello & Irmão.
- Arruda, S. G. (2011). *E agora Portugal...O novo acordo ortográfico – uma ponte entre Brasil e Portugal ou uma batalha linguística?* (Trabalho de projeto de Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, Portugal. Disponível em: RUN Repositório Universidade Nova (<http://hdl.handle.net/10362/6969>)
- Bragança, A. (2010). António Isidoro da Fonseca e Frei José Mariano da Conceição Veloso: precursores. In: Bragança, A., & Abreu, M. (Org.), *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros* (Capítulo 1, pp. 25-39). São Paulo: Unesp.
- Beja, R. M. (2011). *A edição em Portugal (1970-2010): percursos e perspectivas*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Aveiro, Departamento de Línguas e Culturas, Aveiro, Portugal. Disponível em: RIA - Repositório Institucional da Universidade de Aveiro (<http://hdl.handle.net/10773/14375>)
- Bragança, A., & Abreu, M. (Org.). (2010). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Unesp.
- Far, A. E. (2006). *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- George, J. P. (2002). *O meio literário português (1960-1998): prémios literários, escritores e acontecimentos*. Miraflores: Difel.
- Grémio Nacional dos Editores e Livreiros (GNEL). (1945, agosto). *Revista Livros de Portugal*, n.42, p.137.
- Grémio Nacional dos Editores e Livreiros (GNEL). (1966, fevereiro). Editorial. *Revista Livros de Portugal*, n.86, pp.3-4.
- Grémio Nacional dos Editores e Livreiros (GNEL). (1966, junho). *Revista Livros de Portugal*, n.99, p.7.
- Grémio Nacional dos Editores e Livreiros (GNEL). (1966, outubro). 1ª Feira do Livro Brasileiro de Lisboa. *Revista Livros de Portugal*, n.94, pp.3-7.

- Grémio Nacional dos Editores e Livreiros (GNEL). (1966a, outubro). Editorial. *Revista Livros de Portugal*, n.94, p.1.
- Grémio Nacional dos Editores e Livreiros (GNEL). (1969, junho). Bodas de prata da Editorial Livros do Brasil. *Revista Livros de Portugal*, n.126, pp.10-11.
- Grémio Nacional dos Editores e Livreiros (GNEL). (1973). *Relatório de contas da direcção e parecer do conselho geral: ano de 1972*. Lisboa: GNEL.
- Hallewell, L. (2005). *O livro no Brasil: sua história*. (2a ed. rev. e amp.). São Paulo: Edusp.
- Lima, G.C., & Mariz, A. S. (2010). Editora Civilização Brasileira: novos parâmetros na produção editorial brasileira. In: Bragança, A., & Abreu, M. (Org.), *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros* (Capítulo 14, pp.253-270). São Paulo: Unesp.
- Lima, M. R. N. (2013). *O livro editado em Portugal e o mercado brasileiro*. (Dissertação de Mestrado em Estudos Editoriais). Universidade de Aveiro, Departamento de Línguas e Culturas, Aveiro, Portugal. Disponível em: RIA - Repositório Institucional da Universidade de Aveiro (<http://hdl.handle.net/10773/12064>)
- Livros do Brasil. (1961, janeiro-fevereiro). Editorial. *Boletim LBL*, n.1, p.1.
- Livros do Brasil. (1961, julho-agosto). Prémio José Lins do Rego. *Boletim LBL*, n.4, p.16.
- Livros do Brasil. (1961, setembro-outubro). A entrega do Prémio José Lins do Rego. *Boletim LBL*, n.5, p.12.
- Medeiros, N. (2010). *Edição e editores: o mundo do livro em Portugal 1940-1970*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais (ICS).
- Medeiros, N. M. (2011, julho). Edição de livros em Portugal e no Brasil: influência e contra-influência na inversão do poder tipográfico. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História* (12p.). São Paulo: ANPUH.
- Mindlin, J. (2010). Impressão Régia: seu significado e suas realizações. In: Bragança, A., & Abreu, M. (Org.), *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros* (Introdução, pp.19-21). São Paulo: Unesp.
- Neves, J. S. (coord.) (2012). *Inquérito ao Sector do Livro - Parte I - Enquadramento e diagnóstico*. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais.
- Tufano, D. (2008). *Guia prático da nova ortografia - Saiba o que mudou na ortografia brasileira*. São Paulo: Editora Melhoramentos.

- Salla, T. M. (2016, 19 a 23 setembro). Ecos da Belle Époque brasileira em Portugal: a recepção de Coelho Neto em terras portuguesas. *Anais do XV Encontro Abralic* (Associação Brasileira de Literatura Comparada) (pp.1.120-1.131). Rio de Janeiro: Editora da UERJ. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/>
- Verri, G. M. (2006). *Tinta sobre papel: livros e leituras em Pernambuco no século XVIII (1759-1807), volume 1*. Recife: Editora Universitária UFPE.

FONTES DIGITAIS

- Agência Lusa. (2013, 08 de junho). Ano do Brasil em Portugal “ficou muito acima das expectativas”. *RTP Notícias*. Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/cultura/ano-do-brasil-em-portugal-ficou-muito-acima-das-expectativas_n657777
- Aguiar, J. (2011, 25 de maio). Os portugueses leem os brasileiros 2. *Painel das Letras/Folha de S. Paulo*. [blog]. Disponível em: http://paineldasletras.folha.blog.uol.com.br/arch2011-05-22_2011-05-28.html
- Amaral, B.V. (2016, 06 de junho). Ruy Castro: “Caetano disse que este era um livro cafajeste.” *Observador*. Disponível em: <https://observador.pt/especiais/ruy-castro-caetano-disse-que-este-era-um-livro-cafajeste/>
- Baez, B. & Sampaio, J. (2013, 04 de setembro). Com 10% do mercado, autopublicação vira bola da vez. *Portal PUC-Rio Digital*. Disponível em: <http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=22914&sid=55#.WrUcxC7FLIU>
- Barra, L. (2018, 07 de fevereiro). Na hora de entrar em Portugal, o dinheiro dos brasileiros conta. *Visão*. Disponível em: http://visao.sapo.pt/actualidade/sociedade/2018-02-07-Na-hora-de-entrar-em-Portugal-o-dinheiro-dos-brasileiros-conta?utm_source=newsletter&utm_medium=mail&utm_campaign=newsletter&utm_content=2018-02-07
- Bispo, A. A. (2007, novembro-dezembro). O Acordo Cultural Luso-Brasileiro no contexto histórico-político da propaganda, informação e do intercâmbio cultural da década de trinta. *Revista Brasil-Europa*. Disponível em: <http://www.revista.brasil-europa.eu/110/Acordo-Luso-Brasileiro.htm>
- Câmara Municipal de Lisboa (CM-Lisboa). (2012, 21 de setembro). *Ano do Brasil em Portugal*. Disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/participar/noticias/detalhe-da-noticia/article/ano-do-brasil-em-portugal>

- Carita, A. (2017, 26 de outubro). Como lê este país. *Expresso*. Disponível em: <http://expresso.sapo.pt/multimedia/259/2017-10-26-Como-le-este-pais>
- Carrenho, C. (2016, 24 de junho). E-books brasileiros encontram rota para Portugal. *Publishnews*. Disponível em: <http://www.publishnews.com.br/materias/2016/06/24/e-books-brasileiros-encontram-rota-para-portugal>
- Coelho, S. O. (2015, 21 de janeiro). Editora brasileira Companhia das Letras chega a Portugal. *Observador*. Disponível em: <https://observador.pt/2015/01/21/editora-brasileira-companhia-das-letras-chega-portugal/>
- Coelho, S. O. (2015a, 16 de outubro). Gregório Duvalier: “Estou torcendo pela união das esquerdas”. *Observador*. Disponível em: <https://observador.pt/2015/10/16/gregorio-duviver-estou-torcendo-pela-uniao-das-esquerdas/>
- Coutinho, I. (2009, 13 de abril). Mário de Moura, fundador da Pergaminho, cria nova editora livreira aos 84 anos. *Público (ípsilon)*. Disponível em: <https://www.publico.pt/2009/04/13/culturaipsilon/noticia/mario-de-moura-fundador-da-pergaminho-cria-nova-editora-livreira-aos-84-anos-228262>
- Gaudêncio, R. (2017, 20 de março). A Cotovia quer voltar a voar. *Público (ípsilon)*. Disponível em: <https://www.publico.pt/2017/03/20/culturaipsilon/noticia/nao-deixem-morrer-a-cotovia-1765759>
- Instituto Nacional de Estatística de Portugal. (2018). *Portugal em números - 2016*. Lisboa: INE. Disponível em: https://www.ine.pt/ine_novidades/PN_2016/
- Itaú Cultural. (2017). *Oceanos – Prêmio de Literatura em Língua Portuguesa*. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/oceanos/2017/vencedores-e-juri-final>.
- LeYa. (2012, 11 de setembro). LeYa no Rossio – Festival Literário. Disponível em: <http://www.leya.com/pt/noticias/leya-no-rossio-festival-literario/>
- Lucas, I. (2017, 25 de setembro). O mais trágico dos devassos. *Público (ípsilon)*. Disponível em: <https://www.publico.pt/2017/09/25/culturaipsilon/critica/o-mais-tragico-dos-devassos-1786053>
- Moreno, C. (2018, 22 de fevereiro). *Sua língua*. [Blog] Disponível em: <http://sualingua.com.br/2009/06/01/2008-nota-explicativa-do-acordo-ortografico-da-lingua-portuguesa/>

- Portal da Língua Portuguesa. (2018, 22 de fevereiro). *Acordo Ortográfico*. Disponível em: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/acordo.php>
- Porto Canal. (2017, 26 de março). Editora Tinta-da-China quer divulgar "grandes autores brasileiros" em Portugal. *Porto Canal/Lusa*. Disponível em: <http://portocanal.sapo.pt/noticia/117906>
- Resolução da Assembleia da República n.º 83/2000. (2000, 28 de setembro). *Tratado de amizade, cooperação e consulta entre a república portuguesa e a república federativa do brasil*. Disponível em: https://www.sef.pt/portal/v10/pt/asp/legislacao/legislacao_detalhe.aspx?id_inha=4656
- Senado Federal do Brasil. (1948, 03 de setembro). *Decreto nº 25.442*. Disponível em: <http://legis.senado.leg.br/legislacao/ListaTextoSigen.action?norma=448114&id=14228890&idBinario=15772147&mime=application/rtf>
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (2017, junho). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2016*. Disponível em: <http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2016.pdf>
- Silveira, A. F. (2017, 16 maio). A novela que parou a AR estreou-se há 40 anos. *Delas*. Disponível em: <https://www.delas.pt/portugal-transmitia-a-primeira-novela-ha-40-anos/>
- Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL). (2018a). *Produção e vendas do setor editorial brasileiro – Ano base 2016*. Disponível em: http://www.snel.org.br/wp-content/uploads/2017/08/Apresenta%C3%A7%C3%A3o-Pesquisa-Produ%C3%A7%C3%A3o-e-Vendas_2016_1.pdf
- Torres, B. (2017, 1º de julho). Nova “Granta” terá edição simultânea em Portugal e no Brasil. *O Globo*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/nova-granta-tera-edicao-simultanea-em-portugal-no-brasil-21541596>
- Villar, M. (2007, 20 de agosto). Separados pela mesma língua. *Folha de S. Paulo/Blog do Galeno*. [Blog]. Disponível em: <http://www.blogdogaleno.com.br/2007/08/27/separados-pela-mesma-lingua>

SITES CONSULTADOS

No Brasil

Agência Brasileira do ISBN. (2018). Disponível em: <http://www.isbn.bn.br>.

Câmara Brasileira do Livro (CBL). (2018). Disponível em: <http://cbl.org.br/>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2018). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>

Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL). (2018) Disponível em: <http://www.snel.org.br/>

Em Portugal

Academia de Ciências de Lisboa (ACL). (2018). Disponível em: <http://www.acad-ciencias.pt/noticias/detalhe/7>

Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL). (2018). Disponível em: <http://www.apel.pt/>

Biblioteca Nacional de Portugal (BNP). (2018, 24 de março). Catálogo. Disponível em: <http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?profile=>

Companhia das Letras Portugal. (2017). Disponível em: <https://www.facebook.com/companhiadasletrasportugal/>

Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (DGLAB). (2018). Disponível em: <http://livro.dglab.gov.pt>

Edições Tinta da China. (2017). Disponível em: <http://www.tintadachina.pt/>

Livros Cotovia. (2017). Disponível em: <http://www.livroscotovia.pt>

Oca Editorial. (2018). Disponível em: <http://ocaeditorial.pt/>.

ENTREVISTAS PESSOAIS

Bárbara Bulhosa – Editora da Edições Tinta da China, 19 de dezembro de 2017.

Ricardo Anaia – Key Account, GfK Portugal, 22 de março de 2018.

Raquel Menezes – Editora da Oca Editorial, da Oficina e presidente da Liga Brasileira de Editores – Libre, 02 de março de 2018.

Ruy Castro – escritor, publicado pela Tinta da China, 27 de março de 2018.

Heloísa Seixas – escritora, publicada pela Tinta da China, 27 de março de 2018.

VÍDEOS

Zink, R. (2012, 9 mar). *Ler +, Ler Melhor – RTP* [ficheiro em vídeo]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KSCrKwmdiGM>

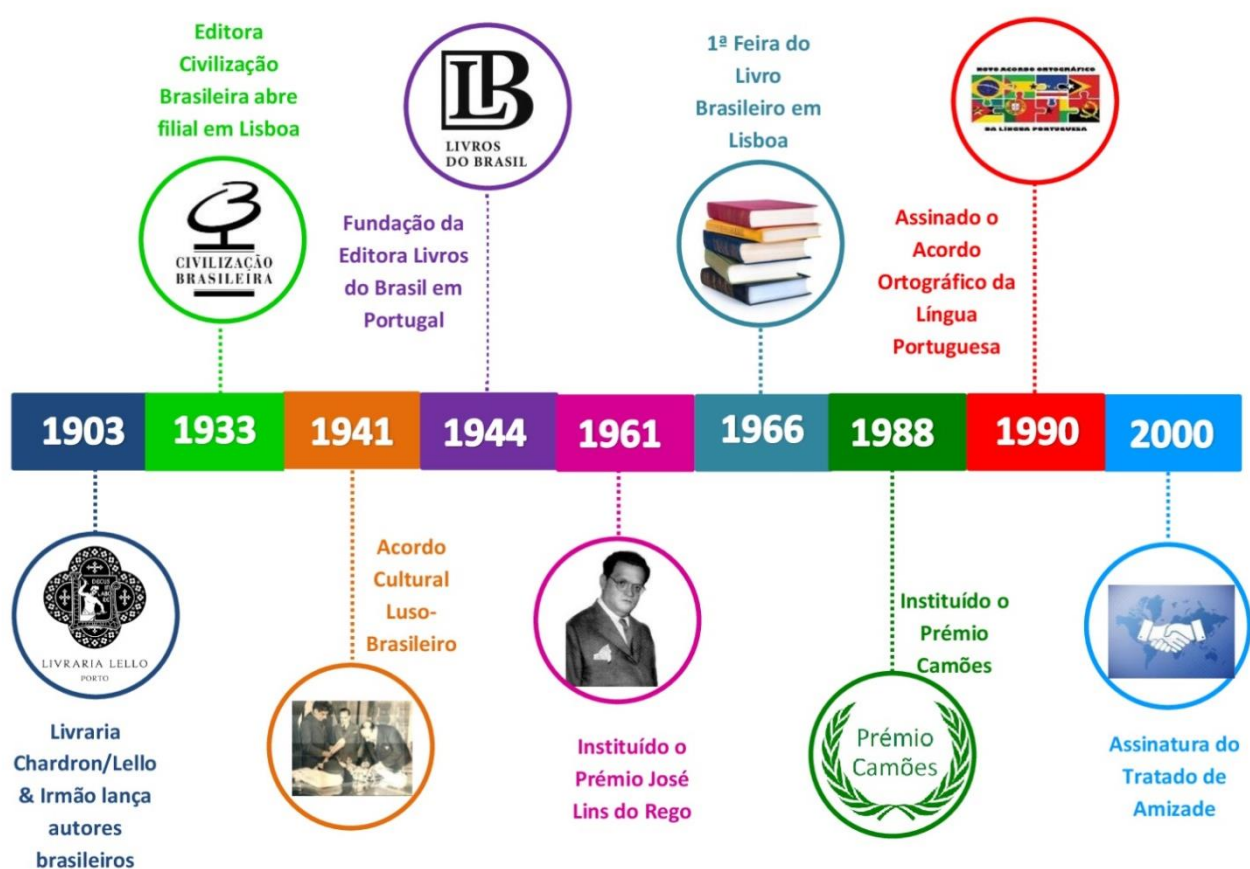
Unibes Cultural. (2017, 21 jun). *Um português e um brasileiro entram num bar – humor de Ricardo Araújo Pereira e Gregório Duvivier* [ficheiro em vídeo]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hK0zHiZpHWI&feature=youtu.be>

Apêndices

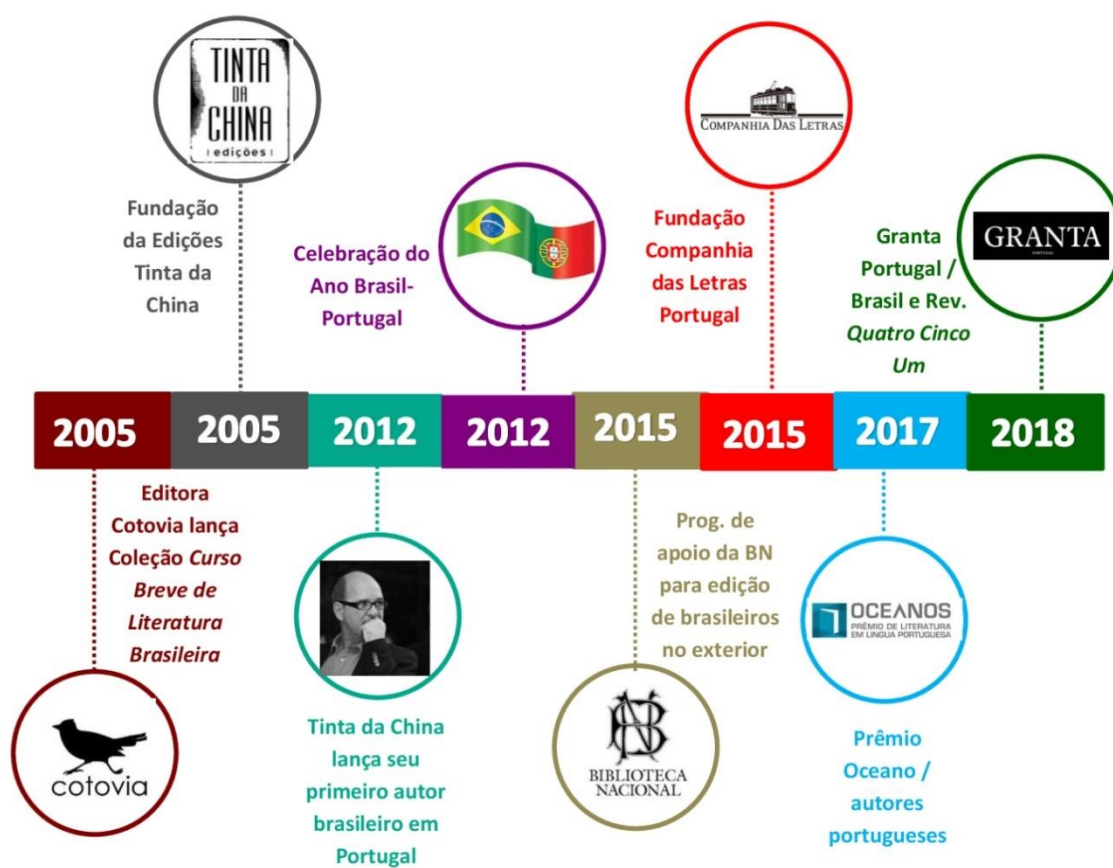


Apêndice I

Linha do tempo com os principais fatores de aproximação e iniciativas pioneiras



(continuação)



Apêndice II

Quadro de autores brasileiros publicados em Portugal, conforme catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal – autor, livro, ano, editora e edições/reimpressões

Este levantamento foi feito por meio de consultas ao catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal. Como não era possível, para esta dissertação, fazer um levantamento completo de todas as obras e autores brasileiros em Portugal, foram escolhidos alguns em função dos seguintes critérios:

- ◆ Autores tradicionais e mais conhecidos dos leitores, que foram citados ao longo desta pesquisa.
- ◆ Livros publicados a partir da década de 1930, a fim de embasar o que foi relatado no Capítulo 3.
- ◆ Autores contemporâneos e obras publicadas pelas editoras citadas ao longo do trabalho.

É possível observar que há algumas falhas de registro, relatadas a seguir, mas que não invalidam o panorama montado, segundo o qual é possível perceber a variedade de autores brasileiros publicados em Portugal ao longo das últimas décadas e inferir a vendagem de acordo com as sucessivas reedições e reimpressões:

- ◆ Livros sem data de edição precisa (apenas com o século ou a década).
- ◆ Publicações com o mesmo número de edição em datas diferentes (provavelmente são reimpressões da mesma edição. Mas também pode ser erro de registro).
- ◆ Publicações sucessivas, em anos diferentes, pela mesma editora, mas sem indicação de que seja uma nova edição. Pode ser falha de registro ou reimpressões. Mas, em alguns casos, pode tratar-se mesmo de uma edição diferente, como um livro de bolso, por exemplo.
- ◆ Também há casos em que há registros de 2ª e 3ª edições, sem ter registro da 1ª edição, ou edições e reimpressões não sucessivas (aparece 2ª edição, depois 5ª edição etc.).
- ◆ E até mesmo caso em que a 4ª edição tem ano de publicação anterior à 3ª edição.

| ANO 1ª EDIÇÃO | AUTOR | LIVRO | EDITORA | NOVAS EDIÇÕES/REIMPRESSÕES |
|---------------|-------------------|------------------------------|------------------|---|
| 19-- | Érico Veríssimo | <i>O retrato</i> | Livros do Brasil | ◆ 1973 |
| 19-- | Érico Veríssimo | <i>O tempo e o vento</i> | Livros do Brasil | ◆ 194(?) - O tempo e o vento – O arquipélago ◆ 1950 ◆ 1954 – O tempo e o vento – O continente – 2ª ed. ◆ 1961 – 3ª ed. ◆ 1962 – O tempo e o vento – O retrato – 3ª ed. ◆ 1962 – O tempo e o vento – O arquipélago ◆ 1973 – O tempo e o vento – O continente ◆ 1976 ◆ 1979 ◆ 198(?) ◆ 1987 |
| 193(?) | José Lins do Rêgo | <i>Banguê</i> | Livros do Brasil | ◆ 1955 ◆ 1975 ◆ 1987 |
| 1940 | Érico Veríssimo | <i>A vida de Joana d’Arc</i> | Livros do Brasil | ◆ 1959 |
| 1947 | Érico Veríssimo | <i>Saga</i> | Livros do Brasil | ◆ 1947 – 4ª ed. ◆ 1955 ◆ 1962 – 4ª ed. ◆ 1966 – 5ª ed. ◆ 1969 ◆ 1973 ◆ 1974 ◆ 1975 (Celidis – Lisboa) ◆ 1976 ◆ 1978 ◆ 1982 |
| 1948 | Machado de Assis | <i>Contos</i> | Livros do Brasil | ◆ 1985 (Lello & Irmão) ◆ 2005 (Alma Azul – Coimbra) |
| 1949 | José Lins do Rego | <i>Eurídice</i> | Livros do Brasil | ◆ 1950 ◆ 1974 ◆ 1988 |
| 1950 | José Lins do Rêgo | <i>Pureza</i> | Livros do Brasil | ◆ 1961 |
| 1950 | Érico Veríssimo | <i>O resto é silêncio</i> | Livros do Brasil | ◆ 1954 – 2ª ed. ◆ 1958 – 3ª ed. ◆ 1974 ◆ 1980 ◆ 1986 |
| 1950 | Érico Veríssimo | <i>A volta do gato preto</i> | Livros do Brasil | ◆ 1950 – 2ª ed. ◆ 1960 – 4ª ed. |

| ANO 1ª EDIÇÃO | AUTOR | LIVRO | EDITORA | NOVAS EDIÇÕES/REIMPRESSÕES |
|---------------|-------------------|------------------------------------|------------------|---|
| 1950 | Érico Veríssimo | <i>Gato preto em campo de neve</i> | Livros do Brasil | ♦ 1959 – 29ª ed.* ♦ 1970 |
| 1950 (2ª ed.) | Érico Veríssimo | <i>Clarissa</i> | Livros do Brasil | ♦ 1955 – 3ª ed. ♦ 1969 ♦ 1971 ♦ 1971 – 6ª ed. ♦ 1974 – 8ª ed. ♦ 1975 – 8ª ed. ♦ 1976 – 9ª ed. ♦ 1977 – 9ª ed. ♦ 1978 – 9ª ed. ♦ 1979 – 9ª ed. ♦ 1981 – 10ª ed. |
| 1950 | José Lins do Rêgo | <i>Menino de engenho- doidinho</i> | Livros do Brasil | ♦ 1971 (Livros do Brasil) ♦ 1971 (Verbo) ♦ 1971 – 2ª edição (Livraria Civilização – Porto) ♦ 1979 – 2ª edição (Livros do Brasil) ♦ 1979 – 3ª edição (Livros do Brasil) ♦ 1988 (Livros do Brasil) |
| 1951 (2ª ed.) | Érico Veríssimo | <i>Música ao longe</i> | Livros do Brasil | ♦ 19(??) – 3ª ed. ♦ 1970 – 4ª ed. ♦ 1978 – 6ª ed. ♦ 1984 – 8ª ed. |
| 1954 | Érico Veríssimo | <i>Noite</i> | Livros do Brasil | ♦ 1970 ♦ 1974 ♦ 1980 – 3ª ed. ♦ 1982 – 3ª ed. |
| 1955 (4ª ed.) | Érico Veríssimo | <i>Olhai os lírios do campo</i> | Livros do Brasil | ♦ 1958 – 3ª ed. ♦ 19(??) – 5ª ed. ♦ 1960 – 6ª ed. ♦ 1962 – 7ª ed. ♦ 1965 – 8ª ed. ♦ 1966 – 8ª ed. ♦ 1968 – 9ª ed. ♦ 1970 ♦ 1971 – 12ª ed. ♦ 1973 (Círculo de Leitores) ♦ 1973 – 13ª ed. ♦ 1974 – 14ª ed. ♦ 1976 – 15ª ed. ♦ 1978 – 16ª ed. ♦ 1980 – 18ª ed. ♦ 1981 – 18ª ed. ♦ 2001 (Dom Quixote) |

| ANO 1ª EDIÇÃO | AUTOR | LIVRO | EDITORA | NOVAS EDIÇÕES/REIMPRESSÕES |
|---------------|-------------------|--|------------------|--|
| | | | | ♦ 2014 (Clube do Autor) |
| 1955 | Érico Veríssimo | <i>Viagem à aurora do mundo: romance da pré-história</i> | Livros do Brasil | ♦ 1975 ♦ 1985 |
| 1955 | Érico Veríssimo | <i>Fantoches e outros contos</i> | Livros do Brasil | ♦ 1973 |
| 1955 | Graciliano Ramos | <i>Vidas Secas</i> | Portugália | ♦ 1960 (Portugália) ♦ 1965 – 2ª edição (Portugália) ♦ 1970 (Europa-América) ♦ 1982 (Europa-América) ♦ 1991 (Caminho) |
| 1956 | José Lins do Rêgo | <i>Pedra bonita</i> | Livros do Brasil | ♦ 1970 |
| 1957 | Érico Veríssimo | <i>México: história de uma viagem</i> | Livros do Brasil | ♦ 197(?) |
| 1957 | Machado de Assis | <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i> | Bertrand | ♦ 1985 (Lello & Irmão) ♦ 1986 (Ulmeiro) ♦ 1987 (Dinalivro) ♦ 1997 (Universitária – Lisboa) ♦ 1999 – 2ª edição (Ulmeiro) ♦ 2005 (Cotovia – Curso Breve de Literatura Brasileira – volume 1) ♦ 2005 – 2ª edição (Cotovia – Curso Breve de Literatura Brasileira – volume 1) ♦ 2007 (Cotovia – Livro de Bolso) ♦ 2008 (Relógio d'Água) ♦ 2008 – 3ª edição (Cotovia – Curso Breve de Literatura Brasileira – volume 1) ♦ 2010 (Dom Quixote) ♦ 2013 – 4ª edição (Cotovia – Curso Breve de Literatura Brasileira – volume 1) ♦ 2014 – 2ª edição (Cotovia – Livro de Bolso) ♦ 2014 (Relógio d'Água) ♦ 2015 (Alêtheia) ♦ 2016 (Guerra & Paz) ♦ 2017 (Relógio d'Água) |
| 1957 | Machado de Assis | <i>Dom Casmurro</i> | Bertrand | ♦ 1960 (Inquérito) ♦ 1965 (Inquérito) ♦ 1984 (Lello & Irmão) |

| ANO 1ª EDIÇÃO | AUTOR | LIVRO | EDITORA | NOVAS EDIÇÕES/REIMPRESSÕES |
|---------------|-------------------|-----------------------------------|---------------------|--|
| | | | | <ul style="list-style-type: none"> ◆ 1984 (Inquérito) ◆ 1997 (Universitária – Lisboa) ◆ 1998 (Publicações Europa-América) ◆ 2003 (Dom Quixote) ◆ 2007 – 2ª edição (Publicações Europa-América) ◆ 2008 (Relógio d'Água) ◆ 2009 (Dom Quixote) ◆ 2013 – 2ª edição (BIS) ◆ 2015 – 3ª edição (BIS) ◆ 2016 (Guerra & Paz) ◆ 2016 (Alêtheia) ◆ 2017 – 4ª edição (BIS) |
| 1957 | Graciliano Ramos | <i>São Bernardo</i> | Ulisseia (Lisboa) | <ul style="list-style-type: none"> ◆ 1960 (Europa-América) ◆ 1983 (Europa-América) ◆ 1991 (Caminho) ◆ 2005 (Cotovia) |
| 1958 | José Lins do Rego | <i>O moleque Ricardo</i> | Livros do Brasil | |
| 1959 (3ª ed.) | Érico Veríssimo | <i>Um lugar ao sol</i> | Livros do Brasil | <ul style="list-style-type: none"> ◆ 1963 – 4ª ed. ◆ 1974 – 6ª ed. ◆ 1976 – 7ª ed. ◆ 1978 – 7ª ed. ◆ 1981 – 8ª ed. |
| 1959 (3ª ed.) | Érico Veríssimo | <i>Caminhos cruzados</i> | Livros do Brasil | <ul style="list-style-type: none"> ◆ 1963 – 5ª ed. ◆ 1971 – 6ª ed. ◆ 1974 – 6ª ed. ◆ 1976 – 7ª ed. ◆ 1982 – 10ª ed. |
| 1959 | José Lins do Rego | <i>Água-mãe</i> | Livros do Brasil | |
| 1960 | José Lins do Rego | <i>Usina</i> | Livros do Brasil | ◆ 1970 |
| 1960 | Graciliano Ramos | <i>Angústia</i> | Europa-América | <ul style="list-style-type: none"> ◆ 1962 (Portugália) ◆ 1984 (Europa-América) ◆ 1991 (Caminho) |
| 1960 | Machado de Assis | <i>Quincas Borba</i> | Bertrand | <ul style="list-style-type: none"> ◆ 1968 (Bertrand) ◆ 1970 (Bertrand) ◆ 1999 (Universitária – Lisboa) ◆ 2017 (Guerra & Paz) |
| 1962 | José Lins do Rego | <i>Riacho doce</i> | Livros do Brasil | ◆ 1992 |
| 1963 | Graciliano Ramos | <i>Antologia do conto moderno</i> | Atlântida (Coimbra) | |
| 1963 | Machado de Assis | <i>Os melhores contos de</i> | Arcádia | ◆ 2003 |

| ANO 1ª EDIÇÃO | AUTOR | LIVRO | EDITORA | NOVAS EDIÇÕES/REIMPRESSÕES |
|---------------|---|--|--------------------------|---|
| | | <i>Machado de Assis – compilação de João Alves das Neves</i> | | |
| 1964 | Graciliano Ramos | <i>Infância</i> | Europa-América | ♦ 1984 (Europa-América) ♦ 1992 (Caminho) |
| 1965 | Graciliano Ramos | <i>Caetés</i> | Portugália | ♦ 1960 (Europa-América) ♦ 1966 (Portugália) ♦ 1984 (Europa-América) ♦ 1991 (Caminho) |
| 1965 | Érico Veríssimo | <i>O senhor embaixador</i> | Livros do Brasil | ♦ 1970 ♦ 1971 ♦ 1973 ♦ 1978 ♦ 1982 (Círculo de Leitores) |
| 1965 | Carlos Drummond de Andrade | <i>Antologia poética</i> | Portugália (Lisboa) | ♦ 2001 (Dom Quixote) ♦ 2002 – 2ª ed. (Dom Quixote) ♦ 2003 – 3ª ed. (Dom Quixote) ♦ 2003 (Círculo de Leitores) ♦ 2007 – 4ª ed. (Dom Quixote) ♦ 2007 (Relógio d'Água) ♦ 2015 – 5ª ed. (Dom Quixote) |
| 196(?) | Machado de Assis | <i>Memorial de Aires</i> | Verbo | ♦ 1997 (Universitária – Lisboa) ♦ 2003 (Cotovia) ♦ 2016 – 1ª ed. Bolso (Cotovia) |
| 1967 | Machado de Assis | <i>Contos escolhidos</i> | Civilização | |
| 1968 | Érico Veríssimo | <i>O prisioneiro</i> | Livros do Brasil | ♦ 1969 ♦ 1971 ♦ 1974 ♦ 1980 |
| 1969 | Vinicius de Moraes | <i>O poeta apresenta o poeta</i> | Dom Quixote | |
| 1970 | Graciliano Ramos | <i>Memórias do cárcere</i> | Portugália (Lisboa) | ♦ 1974 (Círculo de Leitores) ♦ 1983 (Europa-América) ♦ 1993 (Caminho) |
| 1970 | Machado de Assis; adap. Francisca França Bandeira | <i>Quase ministro: teatro radiofónico</i> | Radio Difusão Portuguesa | |
| 1970 | Érico Veríssimo | <i>Israel em abril</i> | Livros do Brasil | ♦ 1970 – 2ª ed. ♦ 1986 – 3ª ed. |

| ANO 1ª EDIÇÃO | AUTOR | LIVRO | EDITORA | NOVAS EDIÇÕES/REIMPRESSÕES |
|---------------|--------------------|---|-------------------------------------|---|
| 1970 | José Lins do Rêgo | <i>Fogo morto</i> | Livros do Brasil | ◆ 1981 ◆ 1990 |
| 1970 | José Lins do Rêgo | <i>Pedra bonita</i> | Livros do Brasil | ◆ 1986 ◆ 1988 |
| 1972 | Jorge Amado | <i>A B C de Castro Alves</i> | Publicações Europa-América | |
| 1973 | Érico Veríssimo | <i>Solo de clarineta: memórias</i> | Livros do Brasil | ◆ 1974 ◆ 1976 |
| 1973 | Érico Veríssimo | <i>Um certo capitão Rodrigo</i> | Editores Associados (Lisboa) | |
| 1974 | Érico Veríssimo | <i>Ana Terra</i> | Clube Português do Livro e do Disco | ◆ 1975 (Editores Associados) |
| 1974 | Machado de Assis | <i>Helena</i> | Publicações Europa-América | ◆ 1979 (Círculo de Leitores) ◆ 1983 (Discolivro) ◆ 1991 (Europa-América) ◆ 1998 (Universitária – Lisboa) |
| 1974 | José Lins do Rêgo | <i>Eurídice</i> | Livros do Brasil | ◆ 1980 ◆ 1988 |
| 1974 | José Lins do Rêgo | <i>Cangaceiros</i> | Livros do Brasil | ◆ 1981 ◆ 1990 |
| 1975 | Jorge Amado | <i>O amor do soldado</i> | Publicações Europa-América | |
| 1976 | Rubem Fonseca | <i>O caso Morel</i> | Bertrand | ◆ 2002 (Público) |
| 1976 | Jorge Amado | <i>O Cavaleiro da Esperança</i> | Publicações Europa-América | ◆ 1978 – 2ª ed. ◆ 1982 ◆ 2008 (Planeta DeAgostini – Lisboa) |
| 1976 | Vinicius de Moraes | <i>O operário em construção e outros poemas</i> | Dom Quixote | ◆ 1976 – 5ª ed. (comp. Alexandre O’Neill) ◆ 1977 – 6ª ed. (comp. Alexandre O’Neill) ◆ 1980 – 7ª ed. (sel. e pref. Alexandre O’Neill) ◆ 1986 (sel. e pref. Alexandre O’Neill) ◆ 2001 – 2ª ed. (sel. e pref. Alexandre O’Neill) ◆ 2005 – 3ª ed. (sel. e pref. Alexandre O’Neill) |
| 1978 | Jorge Amado | <i>Tieta do Agreste</i> | Publicações Europa-América | ◆ 1983 (Círculo de Leitores) ◆ 1990 – 3ª ed. (Europa-América) ◆ 2000 – obra conjunta de Jorge Amado (Dom |

| ANO 1ª EDIÇÃO | AUTOR | LIVRO | EDITORA | NOVAS EDIÇÕES/REIMPRESSÕES |
|---------------|-----------------|--|----------------------------|---|
| | | | | Quixote) ♦ 2007 (Planeta DeAgostini – Lisboa) ♦ 2013 – 2ª ed. (Dom Quixote) |
| 1980 | Rubem Fonseca | <i>Feliz ano novo</i> | Contexto | |
| 1981 | Érico Veríssimo | <i>As aventuras do avião e outras histórias</i> | Verbo | ♦ 1983 |
| 1982 | Jorge Amado | <i>O menino grapiúna</i> | Publicações Europa-América | ♦ 1992 ♦ 2088 (Planeta DeAgostini – Lisboa) |
| 1983 | Jorge Amado | <i>Os subterrâneos da liberdade II - agonia da noite</i> | Publicações Europa-América | |
| 1983 | Rubem Fonseca | <i>A grande arte</i> | Ed. 70 | ♦ 1988 – 2ª edição (Ed. 70) ♦ 1989 (Círculo de Leitores) ♦ 2007 (Campo das Letras) ♦ 2012 (Sextante) ♦ 2012 – 2ª edição (Sextante) ♦ 2013 – 3ª edição (Sextante) |
| 1985 (2ª ed.) | Érico Veríssimo | <i>O urso com música na barriga e outras histórias</i> | Verbo | |
| 1986 | Érico Veríssimo | <i>O resto é o silêncio</i> | Livros do Brasil | |
| 1988 | Érico Veríssimo | <i>Incidente em Antares</i> | Livros do Brasil | |
| 1988 | Paulo Coelho | <i>O alquimista</i> | Pergaminho | ♦ 1991 – 2ª ed. ♦ 1993 – 3ª ed. ♦ 1994 – 4ª ed. ♦ 1995 – 5ª ed. ♦ 1995 – 6ª ed. ♦ 1995 – 7ª ed. ♦ 1996 – 8ª ed. ♦ 1996 – 2ª ed., 1ª reimp. ♦ 2000 – 2ª ed., 13ª reimp. ♦ 2001 – 2ª ed., 16ª reimp. ♦ 2001 – 2ª ed., 19ª reimp. ♦ 2001 – 2ª ed., 20ª reimp. ♦ 2001 – 3ª ed. ♦ 2002 – 3ª ed., 1ª reimp. ♦ 2002 – 3ª ed., 2ª reimp. ♦ 2002 – 2ª ed., 18ª reimp. ♦ 2002 – 2ª ed., 21ª reimp. ♦ 2003 – 3ª ed., 3ª reimp. ♦ 2003 – 3ª ed., 4ª reimp. ♦ 2003 – 2ª ed., 22ª reimp. |

| ANO 1ª EDIÇÃO | AUTOR | LIVRO | EDITORA | NOVAS EDIÇÕES/REIMPRESSÕES |
|---------------|----------------------------|---|----------------------------|---|
| | | | | <ul style="list-style-type: none"> ◆ 2003 – 2ª ed., 23ª reimp. ◆ 2004 – 2ª ed., 24ª reimp. ◆ 2004 – 2ª ed., 25ª reimp. ◆ 2004 – 3ª ed., 5ª reimp. ◆ 2004 – 3ª ed., 7ª reimp. ◆ 2005 – 2ª ed., 26ª reimp. ◆ 2005 – 2ª ed., 27ª reimp. ◆ 2005 – 4ª ed. ◆ 2005 – 4ª ed., 1ª reimp. ◆ 2005 – 4ª ed., 2ª reimp. ◆ 2006 – 2ª ed., 28ª reimp. ◆ 2006 – 2ª ed., 29ª reimp. ◆ 2006 – 2ª ed., 30ª reimp. ◆ 2006 – 4ª ed., 3ª reimp. ◆ 2006 (Círculo de Leitores) ◆ 2006 – 4ª ed., 4ª reimp. ◆ 2006 – 4ª ed., 5ª reimp. ◆ 2007 – 4ª ed., 6ª reimp. ◆ 2008 – 2ª ed., 32ª reimp. ◆ 2008 – 2ª ed., 33ª reimp. ◆ 2008 – 4ª ed., 7ª reimp. ◆ 2009 – material didático (11x17) ◆ 2011 – 3ª ed. ◆ 2012 – 4ª ed. ◆ 2012 – material didático (11x17) ◆ 2013 – 6ª ed. ◆ 2013 – 1ª ed. (11x17) ◆ 2014 – ed. esp. (11x17) ◆ 2014 – 1ª ed., 1ª reimp (11x17) ◆ 2014 – 4ª ed., reimp. ◆ 2015 – 1ª ed., reimp. (11x17) ◆ 2015 – reimp. (Pergaminho) |
| 1989 | Jorge Amado | <i>O sumiço da santa - uma história de feitiçaria</i> | Publicações Europa-América | |
| 1989 | Carlos Drummond de Andrade | <i>Obra poética</i> | Publicações Europa-América | |
| 1990 | Rubem Fonseca | <i>Vastas emoções e pensamentos imperfeitos</i> | Dom Quixote | ◆ 1999 – 2ª edição |

| ANO 1ª EDIÇÃO | AUTOR | LIVRO | EDITORA | NOVAS EDIÇÕES/REIMPRESSÕES |
|---------------|-------------------|----------------------------|----------------|---|
| 1990 | Paulo Coelho | <i>O diário de um mago</i> | Pergaminho | <ul style="list-style-type: none"> ◆ 1993 – 2ª edição ◆ 1994 – 3ª edição ◆ 1995 – 4ª edição ◆ 1995 – 5ª edição ◆ 1998 – 2ª ed., 2ª reimp. ◆ 1998 – 2ª ed., 3ª reimp. ◆ 1999 – 3ª ed. ◆ 1999 – Edição Especial para Palop's ◆ 2000 – 2ª ed., 6ª reimp. ◆ 2000 – 2ª ed., 7ª reimp. ◆ 2000 – 3ª ed., 2ª reimp. ◆ 2001 – 2ª ed., 8ª reimp. ◆ 2003 – 2ª ed., 13ª reimp. ◆ 2004 – 2ª ed., 14ª reimp. ◆ 2005 – 2ª ed., 15ª reimp. ◆ 2005 – 4ª ed. ◆ 2006 – 2ª ed., 16ª reimp. ◆ 2006 (Círculo de Leitores) ◆ 2007 – 2ª ed., 17ª reimp. ◆ 2008 – 2ª ed., 18ª reimp. ◆ 2010 (Bertrand) ◆ 2013 (11x17) ◆ 2014 (11x17) ◆ 2015 – reimp. (11x17) |
| 1990 | Clarice Lispector | <i>Laços de família</i> | Relógio d'Água | <ul style="list-style-type: none"> ◆ 2006 (Curso Breve de Literatura Brasileira - Volume 11 – Cotovia) ◆ 2008 (Cotovia) ◆ 2013 – 3ª ed. (Cotovia) ◆ 2013 – 1ª reimp. (Relógio d'Água) |
| 1991 | Rubem Fonseca | <i>Agosto</i> | Dom Quixote | <ul style="list-style-type: none"> ◆ 2003 – 2ª edição (Dom Quixote) ◆ 2013 (Sextante) ◆ 2016 (LeYa – Coleção Livros RTP) |

| ANO 1ª EDIÇÃO | AUTOR | LIVRO | EDITORA | NOVAS EDIÇÕES/REIMPRESSÕES |
|---------------|------------------|--------------------|----------------|--|
| 1991 | Paulo Coelho | <i>Brida</i> | Pergaminho | <ul style="list-style-type: none"> ◆ 1993 – 2ª ed. ◆ 1995 – 3ª ed. ◆ 1999 – 3ª ed., coleção veredas ◆ 1999 – 3ª ed. ◆ 2000 – 3ª ed., 1ª reimp. ◆ 2000 – 1ª ed., 7ª reimp. ◆ 2001 – 2ª ed., 9ª reimp. ◆ 2001 – 3ª ed., 3ª reimp. ◆ 2001 – 3ª ed., 4ª reimp. ◆ 2002 – 3ª ed., 5ª reimp. ◆ 2002 – 3ª ed., 6ª reimp. ◆ 2003 – 3ª ed., 7ª reimp. ◆ 2004 – 3ª ed., 8ª reimp. ◆ 2004 – 3ª ed., 9ª reimp. ◆ 2005 – 2ª ed., 15ª reimp. ◆ 2005 – 4ª ed. ◆ 2006 – 4ª ed., 1ª reimp. ◆ 2007 – 4ª ed., 2ª reimp. ◆ 2008 – 2ª ed., 18ª reimp. ◆ 2008 – 2ª ed., 19ª reimp. ◆ 2014 (11x17) ◆ 2014 – reimp. |
| 1991 | Chico Buarque | <i>Estorvo</i> | Dom Quixote | <ul style="list-style-type: none"> ◆ 1991 – 3ª ed. ◆ 1991 – 4ª ed. ◆ 1992 – 5ª ed. ◆ 1993 – 6ª ed. ◆ 1998 – 7ª ed. ◆ 2001 – 1ª ed. (Livro de Bolso) ◆ 2012 (BIS – Livro de Bolso) |
| 1992 | Machado de Assis | <i>O alienista</i> | Hiena (Lisboa) | <ul style="list-style-type: none"> ◆ 2001 (Alma Azul – Coimbra) ◆ 2005 – 2ª edição (Alma Azul) ◆ 2007 (Ovni – Entroncamento) ◆ 2008 (Biblioteca Editores Independentes – Lisboa) ◆ 2010 (QuidiNovi – Matosinhos) ◆ 2014 (Porto Editora) ◆ 2014 – 1ª ed., 1ª reimp. (Porto Editora) ◆ 2014 (Cotovia) ◆ 2015 – 1ª ed., 2ª reimp. (Porto Editora) |

| ANO 1ª EDIÇÃO | AUTOR | LIVRO | EDITORA | NOVAS EDIÇÕES/REIMPRESSÕES |
|---------------|----------------------------|---|----------------------------|---|
| | | | | <ul style="list-style-type: none"> ◆ 2017 (Relógio d'Água) ◆ 2017 (Cardume Editores – Matosinhos) |
| 1993 | Carlos Drummond de Andrade | <i>O amor natural: poesia erótica</i> | Publicações Europa-América | |
| 1994 | Graciliano Ramos | <i>Insónia: contos</i> | Caminho | |
| 1994 | Rubem Fonseca | <i>Romance negro e outras histórias</i> | Campo das Letras | |
| 1994 | Paulo Coelho | <i>Na margem do rio Piedra eu sentei e chorei</i> | Pergaminho | <ul style="list-style-type: none"> ◆ 1995 – 2ª ed. ◆ 1995 – 3ª ed. ◆ 1998 – 2ª ed., 3ª reimp. ◆ 1998 – 3ª ed., 3ª reimp. ◆ 1999 – 2ª ed., 5ª reimp. ◆ 1999 – 2ª ed., 6ª reimp. ◆ 1999 – 3ª ed., 1ª reimp. ◆ 2000 – 2ª ed., 7ª reimp. ◆ 2000 – 2ª ed., 8ª reimp. ◆ 2001 – 2ª ed., 12ª reimp. ◆ 2005 – 4ª ed. ◆ 2007 (Círculo de Leitores) ◆ 2008 – 2ª ed., 22ª reimp. ◆ 2008 – 2ª ed., 23ª reimp. ◆ 2014 – reimp. |
| 1995 | Machado de Assis | <i>Cantigas e esponsais</i> | Colares Editora (Sintra) | |
| 1995 | Paulo Coelho | <i>Maktub</i> | Pergaminho | <ul style="list-style-type: none"> ◆ 1997 – 1ª ed., 2ª reimp. ◆ 1998 – 2ª ed. ◆ 1998 – 2ª ed., 1ª reimp. ◆ 2003 – 3ª ed. ◆ 2005 – 3ª ed., 2ª reimp. ◆ 2007 (Círculo de Leitores) ◆ 2008 – 2ª ed., 17ª reimp. ◆ 2008 – 2ª ed., 18ª reimp. ◆ 2014 – reimp. |
| 1996 | Marcelo Rubens Paiva | <i>Feliz Ano Velho</i> | Mandarim | |
| 1996 | Paulo Coelho | <i>O Monte Cinco</i> | Pergaminho | <ul style="list-style-type: none"> ◆ 2000 – 1ª ed., 3ª reimp. ◆ 2000 – 1ª ed., 8ª reimp. ◆ 2000 – 1ª ed., 9ª reimp. ◆ 2000 – 2ª ed. ◆ 2001 – 2ª ed., 3ª reimp. ◆ 2001 – 1ª ed., 11ª reimp. ◆ 2002 – 1ª ed., 12ª reimp. ◆ 2003 – 1ª ed., 13ª reimp. ◆ 2005 – 1ª ed., 15ª reimp. ◆ 2007 (Círculo de Leitores) |

| ANO 1ª EDIÇÃO | AUTOR | LIVRO | EDITORA | NOVAS EDIÇÕES/REIMPRESSÕES |
|---------------|----------------------------|---|--------------------------|--|
| | | | | ♦ 2008 – 3ª ed., 3ª reimp. ♦ 2011 – 4ª ed. |
| 1996 | Jorge Amado | <i>Capitães da areia</i> | Europa-América | ♦ 2009 (BIS – Livro de Bolso) |
| 1996 | Rubem Fonseca | <i>O buraco na parede</i> | Campo das Letras | |
| 1996 (2ª ed.) | Paulo Coelho | <i>As valquírias</i> | Pergaminho | ♦ 1998 – 2ª ed., 3ª reimp. ♦ 1998 – 2ª ed., 4ª reimp. ♦ 1999 – 2ª ed., 5ª reimp. ♦ 2000 – 2ª ed., 6ª reimp. ♦ 2000 – 3ª ed. ♦ 2007 (Círculo de Leitores) ♦ 2011 – 3ª ed. |
| 1997 | Machado de Assis | <i>A mão e a luva</i> | Universitária (Lisboa) | ♦ 2011 (QuidiNovi – Lisboa) |
| 1997 | Chico Buarque | <i>Benjamim</i> | Presença | ♦ 1997 – 2ª ed. ♦ 1998 – 3ª ed. ♦ 2010 (Dom Quixote) 2017 (Companhia das Letras Portugal) |
| 1997 | Nélida Piñon | <i>A república dos sonhos</i> | Presença | ♦ 2014 (Temas e Debates – Lisboa) |
| 1997 | Carlos Drummond de Andrade | <i>Farewell</i> | Campo das Letras (Porto) | |
| 1999 | Machado de Assis | <i>Iaiá Garcia</i> | Universitária (Lisboa) | |
| 1999 | Nélida Piñon | <i>A doce canção de Caetana</i> | Círculo de Leitores | |
| 1999 | Machado de Assis | <i>Esaú e Jacó</i> | Universitária (Lisboa) | ♦ 2008 (Relógio d'Água) |
| 1999 | Machado de Assis | <i>Ressurreição</i> | Universitária (Lisboa) | ♦ 2006 - edição em braille (Santa Casa da Misericórdia - Porto) |
| 1999 | Clarice Lispector | <i>Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres</i> | Relógio D'Água | ♦ 2013 – 2ª ed. |
| 1999 | Milton Hatoum | <i>Relato de um certo Oriente</i> | Cotovia | |
| 2000 | Milton Hatoum | <i>Dois irmãos</i> | Cotovia | ♦ 2017 (Companhia das Letras) |
| 2000 | Paulo Coelho | <i>O demónio e a Senhorita Prym</i> | Pergaminho | ♦ 2000 – 1ª ed., 3ª reimp. ♦ 2000 – 1ª ed., 4ª reimp. ♦ 2000 – 1ª ed., 5ª reimp. ♦ 2002 – 1ª ed., 6ª reimp. ♦ 2002 – 2ª ed. ♦ 2003 – 2ª ed., 1ª reimp. |

| ANO 1ª EDIÇÃO | AUTOR | LIVRO | EDITORA | NOVAS EDIÇÕES/REIMPRESSÕES |
|---------------|-------------------------|--|---------------------|--|
| | | | | <ul style="list-style-type: none"> ◆ 2004 – 2ª ed., 2ª reimp. ◆ 2004 – 2ª ed., 3ª reimp. ◆ 2005 – 1ª ed., 9ª reimp. ◆ 2005 – 3ª ed. ◆ 2007 (Círculo de Leitores) ◆ 2007 – 3ª ed., 1ª reimp. ◆ 2008 – 1ª ed., 10ª reimp. ◆ 2008 – 1ª ed., 11ª reimp. ◆ 2011 (11x17) ◆ 2017 (11x17) |
| 2000 | Luís Fernando Veríssimo | <i>O clube dos anjos</i> | Dom Quixote | |
| 2000 | Augusto Cury | <i>Análise da inteligência de Cristo: mestre dos mestres</i> | Paulinas | |
| 2001 | Rubem Fonseca | <i>A confraria dos espadas</i> | Campo das Letras | ◆ 2003 – 2ª ed. |
| 2001 | Vinicius de Moares | <i>Antologia poética</i> | Dom Quixote | <ul style="list-style-type: none"> ◆ 2002 – 2ª ed. ◆ 2002 – 3ª ed. ◆ 2003 – 4ª ed. ◆ 2004 (Círculo de Leitores) ◆ 2006 – 5ª ed. |
| 2001 | Nélida Piñon | <i>O calor das coisas e outros contos</i> | Círculo de Leitores | |
| 2002 | Cecília Meireles | <i>Antologia poética</i> | Relógio D'Água | |
| 2002 | Rubem Fonseca | <i>Secreções, excreções e desatinos</i> | Campo das Letras | |
| 2002 | Clarice Lispector | <i>A hora da estrela</i> | Relógio D'Água | |
| 2002 | Rubem Fonseca | <i>O doente Molière</i> | Edições Asa | |
| 2003 | Rubem Fonseca | <i>Diário de um fescenino</i> | Campo das Letras | |
| 2003 | Luís Fernando Veríssimo | <i>Comédias para se ler na escola</i> | Dom Quixote | |
| 2003 | Paulo Coelho | <i>Onze minutos</i> | Pergaminho | <ul style="list-style-type: none"> ◆ 2003 – 1ª ed., 1ª reimp. ◆ 2004 – 2ª ed. ◆ 2005 – 2ª ed., 1ª reimp. ◆ 2005 – 2ª ed., 2ª reimp. ◆ 2005 – 2ª ed., 3ª reimp. ◆ 2006 (Círculo de Leitores) ◆ 2006 – 2ª ed., 4ª reimp. ◆ 2006 – 2ª ed., 5ª reimp. ◆ 2007 – 2ª ed., 6ª reimp. ◆ 2007 – 2ª ed., 7ª reimp. ◆ 2008 – 2ª ed., 8ª reimp. ◆ 2008 – 1ª ed., 22ª reimp. |

| ANO 1ª EDIÇÃO | AUTOR | LIVRO | EDITORA | NOVAS EDIÇÕES/REIMPRESSÕES |
|---------------|----------------------------|--|---------------------|---|
| | | | | <ul style="list-style-type: none"> ◆ 2011 – 3ª ed. ◆ 2014 – 3ª ed., 1ª reimp. ◆ 2014 (11x17) ◆ 2015 – 1ª ed., 1ª reimp. (11x17) |
| 2003 | Rubem Fonseca | <i>Romance negro e outras histórias</i> | Campo das Letras | |
| 2003 | Rubem Fonseca | <i>Pequenas criaturas</i> | Campo das Letras | |
| 2003 | Caetano Veloso | <i>Verdade tropical</i> | Círculo de Leitores | ◆ 2017 (Companhia das Letras Portugal) |
| 2003 | Luís Fernando Veríssimo | <i>A mesa voadora</i> | Dom Quixote | |
| 2003 | Carlos Drummond de Andrade | <i>Antes da meia-noite: contos</i> | Dom Quixote | ◆ 2004 – 2ª ed. |
| 2004 | Luís Fernando Veríssimo | <i>Sexo na cabeça</i> | Dom Quixote | |
| 2004 | Chico Buarque | <i>Budapeste</i> | Dom Quixote | <ul style="list-style-type: none"> ◆ 2004 – 2ª ed. ◆ 2004 – 3ª ed. ◆ 2005 – 4ª ed. ◆ 2005 – 5ª ed. ◆ 2005 – 6ª ed. ◆ 2006 – 7ª ed. ◆ 2006 – 8ª ed. ◆ 2006 – 9ª ed. ◆ 2010 – 13ª ed. |
| 2004 | Nélida Piñon | <i>Vozes do deserto</i> | Círculo de Leitores | <ul style="list-style-type: none"> ◆ 2005 (Temas e Debates – Lisboa) ◆ 2007 (Bertrand) |
| 2004 | Augusto Cury | <i>Dez leis para ser feliz</i> | Pergaminho | <ul style="list-style-type: none"> ◆ 2005 – 1ª ed., 1ª reimp. ◆ 2006 – 1ª ed., 2ª reimp. ◆ 2006 – 1ª ed., 3ª reimp. ◆ 2008 – 1ª ed., 6ª reimp. ◆ 2011 – 2ª ed. ◆ 2011 – 3ª ed. ◆ 2012 – 4ª ed. ◆ 2013 – 5ª ed. ◆ 2014 – reimp. ◆ 2015 – 1ª ed., 1ª reimp. |
| 2005 | Dráuzio Varella | <i>Estação Carandiru</i> | Edições Asa | <ul style="list-style-type: none"> ◆ 2005 – 2ª ed. (Palavra – Lisboa) ◆ 2005 – 3ª ed. (Palavra – Lisboa) |
| 2005 | Luís Fernando Veríssimo | <i>O melhor das comédias da vida privada</i> | Dom Quixote | |

| ANO 1ª EDIÇÃO | AUTOR | LIVRO | EDITORA | NOVAS EDIÇÕES/REIMPRESSÕES |
|---------------|----------------------------|---|------------------|---|
| 2005 | Machado de Assis | <i>Um homem célebre - antologia de contos</i> <i>Curso Breve de Literatura Brasileira – Vol. 3</i> | Cotovia | ◆ 2013 – 3ª ed. |
| 2005 | Milton Hatoum | <i>Cinzas do norte</i> | Cotovia | |
| 2006 | Augusto Cury | <i>Doze semanas para mudar uma vida</i> | Pergaminho | ◆ 2006 – 1ª ed., 1ª reimp. ◆ 2006 – 1ª ed., 2ª reimp. ◆ 2006 – 1ª ed., 3ª reimp. ◆ 2007 – 1ª ed., 4ª reimp. ◆ 2008 – 1ª ed., 5ª reimp. ◆ 2011 – 2ª ed. ◆ 2012 – 3ª ed. ◆ 2014 – 1ª ed., reimp. |
| 2006 | Augusto Cury | <i>Filhos brilhantes, alunos fascinantes</i> | | ◆ 2006 – 1ª ed., 1ª reimp. ◆ 2006 – 1ª ed., 2ª reimp. ◆ 2007 – 1ª ed., 3ª reimp. ◆ 2007 – 1ª ed., 4ª reimp. ◆ 2007 – 1ª ed., 5ª reimp. ◆ 2009 – 1ª ed., 6ª reimp. ◆ 2013 – 1ª ed. (11x17) |
| 2006 | Rubem Fonseca | <i>Mandrake, a Bíblia e a bengala</i> | Campo das Letras | |
| 2006 | Nelson Rodrigues | <i>Teatro desagradável – três peças de Nelson Rodrigues (Curso Breve de Literatura Brasileira – Vol.16)</i> | Cotovia | |
| 2006 | Ruy Castro | <i>Rio de Janeiro: Carnaval no fogo</i> | Asa | ◆ 2017 (Tinta da China, sob o nome <i>Carnaval no fogo: crónica de uma cidade excitante demais</i>) |
| 2006 | Carlos Drummond de Andrade | <i>Claro enigma</i> | Cotovia | ◆ 2013 – 2ª ed. |
| 2007 | Tatiana Levy | <i>A chave de casa</i> | Cotovia | |
| 2007 | Nélida Piñon | <i>A casa da paixão</i> | Bertrand | |
| 2008 | Ruy Castro | <i>Era no tempo do rei: um romance da chegada da corte</i> | Asa | |
| 2008 | Cecília Meireles | <i>Romanceiro da Inconfidência</i> | Relógio D'Água | |
| 2008 | Rubem Fonseca | <i>Ela e outras</i> | Campo das | |

| ANO 1ª EDIÇÃO | AUTOR | LIVRO | EDITORA | NOVAS EDIÇÕES/REIMPRESSÕES |
|---------------|-------------------------|--|----------------------------|--|
| | | <i>Mulheres</i> | Letras | |
| 2008 | Luís Fernando Veríssimo | <i>Orgias</i> | Dom Quixote | |
| 2008 | Machado de Assis | <i>A chinela turca</i> | Alma Azul (Coimbra) | |
| 2008 | Laurentino Gomes | <i>1808</i> | Livros d'Hoje (Lisboa) | <ul style="list-style-type: none"> ◆ 2008 – 2ª ed. ◆ 2008 – 3ª ed. ◆ 2008 – 4ª ed. ◆ 2008 – 5ª ed. ◆ 2008 – 6ª ed. ◆ 2008 – 7ª ed. ◆ 2008 (Dom Quixote) ◆ 2009 (BIS – Livro de Bolso) ◆ 2010 – 8ª ed. (Livros d'Hoje) ◆ 2015 – 1ª ed. rev. e ampl. (Porto Editora) |
| 2008 | Augusto Cury | <i>O código da inteligência</i> | Pergaminho | <ul style="list-style-type: none"> ◆ 2008 – 1ª ed., 1ª reimp. ◆ 2009 – 1ª ed., 2ª reimp. ◆ 2009 – 2ª ed. ◆ 2009 – 2ª ed., 1ª reimp. ◆ 2011 – 3ª ed. ◆ 2012 – 4ª ed. ◆ 2013 – 5ª ed. ◆ 2014 |
| 2009 | Drauzio Varella | <i>O médico doente: a experiência de um médico como paciente</i> | Oficina do Livro | |
| 2009 | Jorge Amado | <i>Os subterrâneos da liberdade II - agonia da noite</i> | Publicações Europa-América | |
| 2009 | Luís Fernando Veríssimo | <i>Os espíões</i> | Dom Quixote | |
| 2009 | Milton Hatoum | <i>A cidade ilhada: contos</i> | Cotovia | |
| 2009 | Milton Hatoum | <i>Órfãos do Eldorado</i> | Teorema | |
| 2010 | Jorge Amado | <i>O gato malhado e a andorinha Sinhá</i> | BIS (Livro de Bolso) | |
| 2010 | Rubem Fonseca | <i>O seminarista</i> | Sextante Editora | ◆ 2011 – 2ª ed. |
| 2010 | Laurentino Gomes | <i>1822</i> | Porto Editora | <ul style="list-style-type: none"> ◆ 2010 – 2ª ed. ◆ 2010 – 3ª ed. ◆ 2015 – reimp. |
| 2010 | Luiz Ruffato | <i>Estive em Lisboa e lembrei-me de ti</i> | Quetzal | |
| 2012 | Nélida Piñon | <i>Aprendiz de</i> | Círculo de | |

| ANO 1ª EDIÇÃO | AUTOR | LIVRO | EDITORA | NOVAS EDIÇÕES/REIMPRESSÕES |
|---------------|----------------------------|--|-------------------------------|------------------------------------|
| | | <i>Homero</i> | Leitores | |
| 2011 | Rubem Fonseca | <i>Bufo & Spallanzani</i> | Sextante Editora | ♦ 2012 – 2ª ed. ♦ 2013 – 3ª ed. |
| 2011 | Nélida Piñon | <i>Coração andarilho</i> | Círculo de Leitores | |
| 2012 | Rubem Fonseca | <i>José</i> | Sextante Editora | |
| 2012 | Rubem Fonseca | <i>Axilas & outras histórias indecorosas</i> | Sextante | |
| 2012 | Tatiana Levy | <i>Dois rios</i> | Tinta da China | |
| 2012 | Tatiana Levy | <i>Curupira pirapora</i> | Tinta da China | |
| 2012 | Luiz Ruffato | <i>De mim já nem se lembra</i> | Tinta da China | |
| 2013 | Francisco Bosco | <i>Vai, Brasil</i> | Tinta da China | ♦ 2014 – 1ª ed., 1ª reimp. |
| 2013 | Francisco Bosco | <i>Alta ajuda</i> | Tinta da China | |
| 2013 | Nélida Piñon | <i>Livro das horas: memórias</i> | Temas e Debates (Lisboa) | |
| 2014 | Rubem Fonseca | <i>Amálgama</i> | Sextante | |
| 2014 | Augusto Cury | <i>Armadilhas da mente</i> | Pergaminho | |
| 2014 | Paulo Scott | <i>Habitante irreal</i> | Tinta da China | |
| 2014 | Fabiano Calixto | <i>Equatorial</i> | Tinta da China | |
| 2014 | Scarlett Marton | <i>Nietzsche e a modernidade</i> | Tinta da China | |
| 2014 | Carlos Drummond de Andrade | <i>A rosa do povo: poesia</i> | A Bela e o Monstro | |
| 2015 | Francisco Bosco | <i>Orfeu de bicicleta</i> | Tinta da China | |
| 2015 | Rubem Fonseca | <i>O selvagem da ópera</i> | Sextante | |
| 2015 | Laurentino Gomes | <i>1889</i> | Porto Editora | |
| 2015 | Augusto Cury | <i>Ansiedade: como enfrentar o mal do século</i> | Pergaminho | ♦ 2015 – 1ª ed., 1ª reimp. |
| 2015 | Chico Buarque | <i>O irmão alemão</i> | Companhia das Letras Portugal | |
| 2015 | Fernanda Torres | <i>Fim</i> | Companhia das Letras Portugal | |
| 2015 | Sérgio Rodrigues | <i>O drible</i> | Companhia das Letras Portugal | |
| 2015 | Gregório Duvivier | <i>Caviar é uma ova</i> | Tinta da China | |
| 2015 | Carlos Drummond de Andrade | <i>Contos de aprendiz</i> | Companhia das Letras Portugal | |
| 2016 | Carlos Drummond de Andrade | <i>O amor natural</i> | Companhia das Letras Portugal | |

| ANO 1ª EDIÇÃO | AUTOR | LIVRO | EDITORA | NOVAS EDIÇÕES/REIMPRESSÕES |
|---------------|----------------------------|--|-------------------------------|----------------------------|
| 2016 | Rubem Fonseca | <i>Histórias curtas</i> | Sextante | |
| 2016 | Maria Ribeiro | <i>Trinta e oito e meio</i> | Tinta da China | |
| 2016 | Antônio Prata | <i>Meio intelectual, meio de esquerda</i> | Tinta da China | |
| 2016 | Tatiana Levy | <i>Paraíso</i> | Tinta da China | |
| 2016 | Nelson Rodrigues | <i>O homem fatal</i> | Tinta da China | |
| 2016 | Nelson Rodrigues | <i>A vida como ela é</i> | Tinta da China | |
| 2016 | Ruy Castro | <i>Chega de saudade</i> | Tinta da China | |
| 2016 | Nelson Rodrigues | <i>A menina sem estrela</i> | Tinta da China | |
| 2016 | Vinicius de Moraes | <i>Orfeu da Conceição</i> | Companhia das Letras Portugal | |
| 2017 | Ruy Castro | <i>Bilac vê estrelas</i> | Tinta da China | |
| 2017 | Ruy Castro | <i>O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues</i> | Tinta da China | |
| 2017 | Antônio Prata | <i>Nu de botas</i> | Tinta da China | |
| 2017 | Nelson Rodrigues | <i>O casamento</i> | Tinta da China | |
| 2017 | Heloísa Seixas | <i>O lugar escuro</i> | Tinta da China | |
| 2017 | Gregório Duvivier | <i>Sonetos</i> | Tinta da China | |
| 2017 | Eliane Robert Moraes | <i>Antologia da poesia erótica brasileira</i> | Tinta da China | |
| 2017 | Fernanda Torres | <i>A glória e seu cortejo de horrores</i> | Companhia das Letras Portugal | |
| 2017 | Tati Bernardi | <i>Depois a louca sou eu</i> | Tinta da China | |
| 2017 | Vinicius de Moraes | <i>Livro de sonetos, 1957-1967</i> | Companhia das Letras Portugal | |
| 2017 | Vinicius de Moraes | <i>Livro de letras</i> | Companhia das Letras Portugal | |
| 2017 | Vinicius de Moraes | <i>Para viver um grande amor</i> | Companhia das Letras Portugal | |
| 2017 | Carlos Drummond de Andrade | <i>A rosa do povo</i> | Companhia das Letras Portugal | |
| 2017 | Reinaldo Moraes | <i>Humildade</i> | Companhia das Letras Portugal | |
| 2017 | Nélida Piñon | <i>Filhos da América</i> | Círculo de Leitores | |
| 2018 | Gustavo Pacheco | <i>Alguns humanos</i> | Tinta da China | |
| 2018 | Luiz Ruffato | <i>Eles eram muitos cavalos</i> | Tinta da China | |
| 2018 | Roberto Piva | <i>Sombras dançam</i> | Oca Editorial | |

| ANO 1ª EDIÇÃO | AUTOR | LIVRO | EDITORIA | NOVAS EDIÇÕES/REIMPRESSÕES |
|---------------|----------------------|--|---------------|----------------------------|
| | | <i>neste incêndio: antologia poética</i> | | |
| 2018 | Wilson Alves-Bezerra | <i>Exílio aos olhos, exílio à língua</i> | Oca Editorial | |

* Pode ser erro de registro.

Apêndice III

Guião das entrevistas realizadas

Entrevista Bárbara Bulhosa, editora da Tinta da China

- 1) Quando começou a publicar autores brasileiros em Portugal?
- 2) Por que decidiu publicar autores brasileiros em Portugal?
- 3) Pelo site, a indicação é que atualmente há 14 autores brasileiros no catálogo, correto? Como chegou a esses autores? Como foi a decisão de publicá-los?
- 4) Quais são as categorias dos livros? Como é a escolha dos títulos?
- 5) Numa ordem geral, o quanto vendem esses autores? Estão na média em relação aos autores portugueses?
- 6) Qual é a estratégia de venda, marketing e distribuição? Como consegue alcançar os leitores em Portugal?
- 7) Aliás, quem são esses leitores?
- 8) Você já disse em entrevistas que não é feita nenhuma adaptação na linguagem, pois as diferenças são apenas semânticas e de vocabulário. Mas já sentiu necessidade de fazer alguma nota explicativa sobre um assunto? O Gregório, por exemplo, fala muito sobre a realidade brasileira... Não há dificuldade para entender o contexto?
- 9) Em 2012 foi criada a Tinta da China do Brasil. Há um escritório lá? Onde são produzidos os livros?
- 10) Até o momento, os livros de autores brasileiros publicados aqui são livros que já tinham sido publicados no Brasil. Com exceção do Gregório, que lançou *Sonetos* primeiro aqui, não foi? Como é nessa negociação do livro? É feita diretamente com os autores ou com as editoras que os publicaram? Como funciona?
- 11) Você comentou em uma palestra que irá lançar um autor brasileiro inédito. Como chegou até ele? Quando será lançado o livro?
- 12) Quantas vezes por ano você vai ao Brasil? Que tipo de trabalho você faz lá? Como busca autores? O que observa?

13) Em sua opinião, que fatores contribuem como elementos de aproximação entre os dois países, em termos culturais, que facilitam esse intercâmbio de autores?

14) Tenho observado um movimento maior atualmente de editoras a publicarem autores brasileiros ou até editoras brasileiras que lançam chancelas aqui. Em sua opinião, por que esse movimento? Tem relação com a quantidade de brasileiros que está vindo para cá?

Perguntas para Raquel Menezes, da Oca Editorial:

1) Como surgiu a Oca?

2) Por que decidiu publicar autores brasileiros em Portugal? Quantos e quais já estão publicados aqui?

3) Como é a escolha sobre que autores e livros a publicar por cá?

4) A Oca só publicará autores brasileiros?

5) Qual é a estratégia de venda, marketing e distribuição? Como consegue alcançar os leitores em Portugal? Os livros são bem recebidos?

6) É feita alguma adaptação na linguagem? Acha que é ou não necessário? Como vê a questão essa questão da língua?

7) Normalmente os livros publicados aqui já foram publicados antes no Brasil? Eles são produzidos aqui? Passam por um novo processo editorial?

8) Como é feita a negociação para produção do livro em Portugal? É feita diretamente com os autores? Como funciona?

9) Em sua opinião, que fatores contribuem como elementos de aproximação entre os dois países, em termos culturais, que facilitam esse intercâmbio de autores?

10) Tenho observado um movimento maior atualmente de editoras a publicarem autores brasileiros ou até editoras brasileiras que lançam chancelas aqui. Em sua opinião, por que esse movimento? Tem relação com a quantidade de brasileiros que está vindo para cá?

11) Como avalia o mercado editorial de Portugal, de maneira geral?

Perguntas para autores brasileiros publicados em Portugal

- 1) Como tem sido a recepção aos seus livros em Portugal? [Adendo para Ruy Castro – Já vi muitas críticas positivas, principalmente em relação ao *O anjo pornográfico* (indicado como livro do ano pelo *Observador* em 2017. O *Chega de Saudade* também foi indicado em 2016)].
- 2) Essa recepção se reflete também em vendas? Pergunto isso porque estou fazendo uma análise sobre o mercado editorial português para autores brasileiros e gostaria de ter uma ideia se corresponde às expectativas, se é o esperado, se tem aumentado, enfim, algo como indicador.
- 3) Gostaria de saber sua opinião em relação ao uso da língua portuguesa na vertente brasileira nos textos. Mesmo com todas as diferenças, é um fator que contribui para a divulgação da literatura brasileira em Portugal?
- 4) Por que publicar em Portugal? Minha dissertação é sobre autores brasileiros em Portugal (do ponto de vista editorial), justamente porque percebo que está a aumentar a oferta desses autores por aqui. Por que acha que está a acontecer esse movimento atualmente? Acha que há um aumento do interesse do público português pela literatura brasileira?

Anexos



Anexo I

Artigos e críticas nos meios de comunicação portugueses sobre autores e livros brasileiros

Artigo 1 – Crítica no *Ípsilon/Público* sobre o livro *O Anjo Pornográfico*, de Ruy Castro (Tinta da China)



Durante a conversa com Ruy Castro sobre o seu modo de biografar, ele repete várias vezes a necessidade de ser verdadeiro, objectivo, não embarcar em suposições. O dever do biógrafo é contar os factos e construir uma narrativa capaz de dar vida à personagem de que trata. Mas a vida dele, não a vida do biografado. O biografado está lá no estilo que impõe ao texto o que, no caso de Castro, é um estilo limpo, contaminado pela prosa jornalística, assertiva, irónica e, porque, como referiu, a mão às vezes lhe foge, vai tendendo para expressões rodriguianas no processo de escrita. Exemplifica: “Quando uma pessoa é forçada a ir para algum lugar, alguém a arrasta e ela vai resistindo, ele escrevia que essa pessoa era levada pedalando o ar de tanto fugir.” Castro fala de um “desesperômetro” pequeno-burguês que desafiava o caminho para classificar o modo como Nelson Rodrigues era visto a entrar no novo cinema brasileiro no início da década de 70. Ele escrevia sobre tudo e levava a tragédia e a contradição da sua vida para o que escrevia. Eram os olhos de um apaixonado, sempre. “Se a narrativa de *O Anjo Pornográfico* lembra às vezes um romance é porque não há outra maneira de contar a história de Nelson Rodrigues e da sua família, escreve Ruy Castro na introdução do livro que se lê com o fôlego, o efeito surpresa, a

emoção e o sentido poético da grande literatura com um protagonista que desafia todas as convenções.

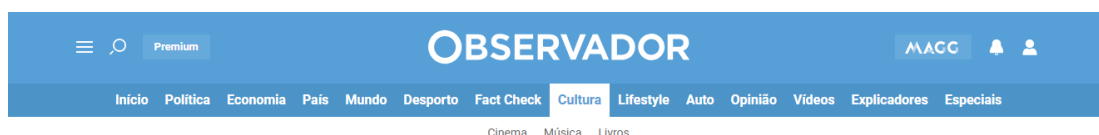
Organizado cronologicamente, *O Anjo Pornográfico* percorre de forma exaustiva e cheia de imagens a vida de um homem, quinto entre 14 irmãos, que desafiou as normas desde cedo e se habituou a olhar pelo buraco da fechadura tudo o que lhe iam dizendo ou que ele intuía que não podia ser visto; capaz de morrer de amor várias vezes e ressuscitar outras tantas para morrer outra vez. São 500 páginas onde o que se conta é a espantosa vida de um homem, o “tarado de suspensórios”, “um perigo a ser evitado”. E nesse espanto cabe tudo. Ou quase. Sexo, morte, fome, doença, traição, ciúme, pobreza, vaidade, prisão, filhos, irmãs apaixonadas, um pai tirano...

Foram 68 anos que começaram a 23 de Agosto de 1912, no Recife, e terminaram a 21 de Dezembro de 1980, no Rio de Janeiro, cidade onde Nelson Rodrigues viveu quase toda a sua vida e faz parte da sua identidade. Uma identidade, sublinhe-se, onde faz sentido aplicar o termo exagero. Não havia meio termo, modorra, coisas tépidas na existência de alguém tão amado e odiado, de quem um amigo disse: “Com o Nelson, só a tiro!” Aos olhos da normalidade tudo parece um exagero. O sucesso e o fracasso, como num romântico fora de tempo. Ruy Castro traz o homem e faz querer ler a sua obra. É lê-la e depois agradeçam-lhe por tudo isso.



Fonte: <https://www.publico.pt/2017/09/25/culturaipilon/critica/o-mais-tragico-dos-devassos-1786053>

Artigo 2 – Crítica *Observador* sobre o livro *Bilac vê estrelas*, de Ruy Castro (Tinta da China)



CRÍTICA DE LIVROS

Bilac e o génio do homem brasileiro

★★★★★ 28/1/2018, 18:44 1

O biógrafo de Nelson Rodrigues e Carmen Miranda publica em Portugal “Bilac Vê Estrelas”, uma ficção que fará o leitor entrar bem-disposto em 2018. E isso não é pouco.

Partilhe [f](#) [t](#) [g+](#) [in](#) [e](#)

 Nuno Costa Santos

Título: “Bilac Vê Estrelas”

Autor: Ruy Castro

Editora: Tinta da China

Mais sobre

CRÍTICA DE LIVROS
LIVROS
LITERATURA
CULTURA



Batido no trabalho biográfico, Ruy Castro dá aqui um passeio pela ficção. É um divertimento, na forma e no conteúdo, este *Bilac Vê Estrelas*, editado pela Tinta da China. Parte de figuras reais para as enovelar numa narrativa burlesca passada na Belle Époque do Rio de Janeiro, envolvendo o poeta, contista e jornalista Olavo Bilac e o seu amigo José do Patrocínio, personalidade decisiva no movimento abolicionista no Brasil. O protagonista, Bilac, histórico cultor do parnasianismo no país, eleito pela revista *Fonfon* “o príncipe dos poetas brasileiros”, é posto numa situação que inclui um dirigível imaginado por Patrocínio e cobiçado por dois aeronautas franceses, Eduarda Bandeira, uma espiã portuguesa com um “lindo sotaque lisboeta, cortado por gargalhadas francas e musicais” e Maximiliano da Gama, “mineiro, padre e bon vivant”.

O autor de *Chega de Saudade – A História e as Histórias da Bossa Nova* abandona a sua vocação biografista. As figuras nesta novela são reais, fruto de pesquisa e estudo,

mas há delírio na trama. E comédia. Como aqui: “Tentando disfarçar o estrabismo, Bilac decidiu passar o resto da vida de perfil”. Ou na descrição da sala de uma vidente famosa em Paris: “O ambiente já seria quase irrespirável se não fosse agravado pelo odor que se desprendia de Madame Labiche elle-même: um misto, talvez, de bodum de tarântula com urina de perereca”.

Após uma espécie de introdução desenhada com o fito de dar umas pinceladas sobre um certo Rio de Janeiro do início do século XX, passado nas confeitarias (em especial na Colombo), e de uma notícia, manifestamente exagerada, da morte de Patrocínio, a narrativa encontra o seu gatilho quando este partilha com o comparsa o seu objectivo de deixar uma marca no mundo: “Só me resta coroar minha vida com uma façanha que provará definitivamente o gênio do homem brasileiro”. Faz uma pausa antes de rematar:

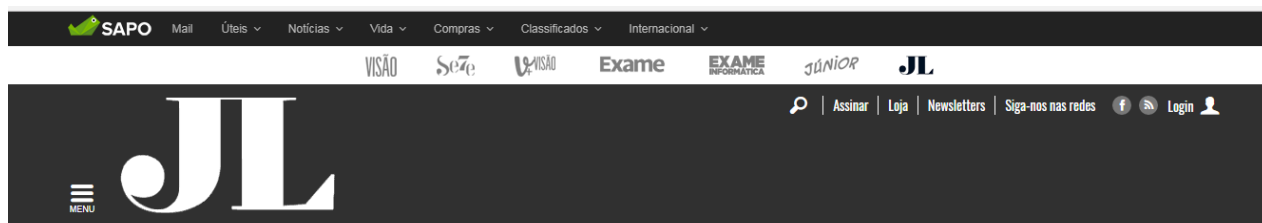
Estou construindo um balão”. No gesto aponta como exemplo Santos-Dumont, com o seu aeróstato, que descolara de Saint-Cloud para contornar a torre Eiffel e no fim pousar no Jardin d’Acclimatation. Diz: o seu balão voará à noite, a uma velocidade ainda mais rápida do que aquele. E com maior resistência e leveza. Bilac primeiro desconfia, mas depois entusiasma-se, e muito, manifestando o seu contentamento em laudatórias prosas de jornal. E até comenta, à mesa, impressionando os comensais, que “os dirigíveis são a poesia entre nuvens”.

Depois vem a cobiça dos planos alheios por parte dos dois ambiciosos de serviço, nomeados como Deschamps e Valcroze. E é com a intervenção destes que entra na acção a espiã lusitana, que, depois de ter sido discípula de Gabriele D’Annunzio, manteve amoroso relacionamento com um tal de Alfred Jarry. Não é esse o único nome de enciclopédia a figurar nestas aventuras. Em Paris – cidade importante aqui, além do Rio – a história faz-se de outros encontros. Bilac embate em Gertrude Stein quando a autora transporta fruta para inspirar quadros de Picasso e Juan Gris e ainda janta faisão com Georges Méliès.

Entre necessidades materiais para prosseguir a empreitada e maroscas para surripiar trabalho alheio, aprofunda-se a narrativa. Tratando-se de Ruy Castro, que além de ter escrito as famosas biografias de Nelson Rodrigues, Carmen Miranda e Garrincha, é o autor, entre outros, do livro de textos curtos, crónicas e contos, *Amestrando Orgasmos* (Objetiva, 2004), há, ocasionalmente em *Bilac Vê Estrelas* uma forma directa, desabrida, de contar a lascívia. Num livro em que Eça de Queirós é uma referência (Bilac vem a Lisboa abraçar a estátua do escritor e acaba a mirá-la com a maior das admirações), existe uma cena de sexo envolvendo um padre que, no momento, faz um recital em latim. O verbo é solto e o palavreado descomplexado. Segue, sempre fluente, para contar alguma ocorrência ou fazer uma observação divertida.

Fonte: <https://observador.pt/2018/01/28/bilac-e-o-genio-do-homem-brasileiro/>

Artigo 3 – Crítica JL sobre o livro *Sonetos*, de Gregório Duvivier (Tinta da China)



Gregório Duvivier: Agora, em Portugal, Sonetos.....

PUBLICIDADE

JORNAL DE LETRAS | 11.12.2017 às 16h28



JORNAL DE LETRAS Entrevista ao autor Gregório Duvivier sobre o seu novo livro *Sonetos*.

É um voluminho tendo como título, apenas Sonetos. Autor Gregório Duvivier (GD), chancela Tinta da China, a chegar aos escaparates nos próximos dias. Na contracapa, três parágrafos, a propósito, no último dos quais se lê: "Gregório Duvivier prova, neste livro, que não é apenas autor de sketches estúpidos para a Porta dos Fundos - também sabe escrever sonetos perfeitamente imbecis." Com 31 anos, GD é, de facto, humorista e guionista, um dos principais autores - mas também ator - daquela série, veiculada pelo YouTube, com um enorme sucesso no Brasil, e que será mesmo um dos canais com mais visualizações em todo o mundo. Êxito que 'extravasou' para os palcos e para fora do país, mormente através de um grupo de comédia integrado por três dos seus elementos, que já deu espetáculos em muitas cidades de Portugal, tendo GD representado também entre nós o espetáculo Uma Noite na Lua. Mas Duvivier (filho do músico e artista plástico Edgar Duvivier e da cantora Olivia Byington), além de tudo isto, de ator de cinema e teatro, é escritor, com vários livros publicados, e assina uma coluna semanal na Folha de São Paulo, um dos maiores diários do Brasil. Estes Sonetos, na linha do Bocage satírico, brejeiro ou mesmo pornográfico, são publicados primeiro em Portugal, e só depois no Brasil - e o JL ouviu o autor sobre eles, o humor, o seu trabalho.

Jornal de Letras: Os seus poemas têm humor, e alguns dos seus sketches têm sensibilidade literária. De que forma é que o poeta e o autor de sketches de *A Porta dos Fundos* se complementam?

Gregório Duvivier: Nos dois casos, você tem pouco tempo pra ganhar o leitor. É preciso, como dizia Cortázar sobre o conto, vencer por nocaute. No caso do soneto, tem a restrição da forma: são decassílabos rimados. E no Porta não precisa rimar, mas temos outras restrições. Não posso escrever sobre dragões e prédios desabando porque não cabe no nosso modesto budget. Nos dois casos, a restrição liberta e te permite falar coisas que na liberdade total não te ocorreriam.

O trabalho sobre a linguagem é uma das marcas de *A Porta do Fundos*. Que cuidados tem, comparativamente, ao moldar as palavras de um sketch e de um soneto?

O sketch precisa ser fiel à maneira como as pessoas falam. O soneto, não. Gosto muito dessa liberdade da poesia. Não é preciso imitar a linguagem falada, ou qualquer linguagem, podemos inaugurar uma nova linguagem, em que tudo é permitido. Gosto muito disso.

Porque escreve sonetos, o que lhe agrada no 'formato'?

Gosto muito do tamanho. Um soneto nunca cansa. E gosto porque é popular, mesmo quem não gosta de poesia já ouviu algum soneto. Das formas fixas, é a mais difundida. O 'Soneto da Fidelidade', do Vinicius, virou até pagode no Brasil ("que seja eterno enquanto dure"). Como a ideia é brincar com formas clássicas, subvertendo-a, a subversão fica mais engraçada quando se conhece a forma original. Não seria tão engraçado subverter o rondó, porque é muito provável que o leitor nunca tenha lido um rondó. A subversão só funciona quando conhecemos o objeto subvertido.

Os seus sonetos revelam uma vivência contemporânea, mas um estilo satírico, erótico e burlesco, próprio de Bocage. É uma das suas referências? Quais são as suas referências?

Sim! Bocage está entre os maiores. "Aqui dorme Bocage, o putanheiro /passou a vida folgada e milagrosa/comeu, bebeu, fudeu sem ter dinheiro." Gregorio De Matos, o "boca do inferno", também escrevia poemas muito engraçados, e muito corajosos para a época. Mais recentemente, temos Glauco Mattoso, sonetista perfeito, e muito produtivo, com uma obra vasta em decassílabos - e não por isso pomposos ou herméticos, muito pelo contrário. Escreve sonetos ao mesmo tempo hilários e perfeitos. Em língua inglesa, Dorothy Parker foi insuperável.

Rima Harold Pinter com esfínter, estrepe com Whatsapp, Cacete com Goethe... Seduz-lhe a liberdade e a transgressão na escrita?

Sim, acho que o humor é subversão. E poesia também, de outra maneira. Tanta a piada quanto o poema são feitos do mesmo material, que é o espanto com o mundo, e por isso vão tão bem juntos. O poeta e o comediante têm o mesmo tipo de olhar, aquele de quem não está entendendo nada.

Fonte: <http://visao.sapo.pt/jornaldeletras/2017-12-11-Gregorio-Duvivier-Agora-em-Portugal-Sonetos>

Artigo 4 – Entrevista na *Rádio Renascença* sobre o livro *A glória e seu cortejo de horrores*, de Fernanda Torres (Companhia das Letras Portugal)



ENTREVISTA

Fernanda Torres. O Brasil é um "trem desgovernado"

05 fev, 2018 - 15:52 • Maria João Costa

A atriz brasileira assina o seu segundo romance, "A Glória e o seu Cortejo de Horrores". "Sempre fiz teatro, cinema e televisão, um pouco aliviando a repetição, e agora a literatura entrou nessa roda", diz em entrevista à Renascença.

A atriz brasileira assina o seu segundo romance, "A Glória e o seu Cortejo de Horrores". "Sempre fiz teatro, cinema e televisão, um pouco aliviando a repetição, e agora a literatura entrou nessa roda", diz em entrevista à Renascença.

"A Glória e o seu Cortejo de Horrores" é o segundo romance da atriz e escritora Fernanda Torres e conta a história de Mário Cardoso, um ator de meia-idade caído em desgraça. O título do livro é inspirado numa frase que a sua mãe, a atriz brasileira Fernanda Montenegro, "sempre" lhe disse. A obra, agora editada pela Companhia das Letras reflete sobre o Brasil de ontem e o de hoje

"A Glória e o seu Cortejo de Horrores" tem como personagem principal um ator. Usou como ingredientes para a escrita do seu segundo romance um universo que conhece por dentro.

Acho que este livro partiu de uma reflexão minha sobre a potência que a arte, o teatro e o cinema tinham no final do século XX e o poder de influência da arte nos dias de hoje, que acho que diminuiu. Achei que poderia contar esta história através de um

ator. É claro que tem a minha experiência ou uma experiência estendida pela minha memória que guardo de atores que conviveram com os meus pais, os meus próprios pais e atores com que convivi. É a minha experiência, mas é também a experiência da arte no Brasil e no mundo nas últimas quatro décadas.

No livro há também a inspiração da sua experiência na representação da peça “Rei Lear”, de William Shakespeare. Tal como com a personagem Mário Cardoso, a sua representação também não correu bem.

Tinha 18 anos e fiz a Cordélia. Foi um “Rei Lear” que não deu certo! Os fracassos são tão curiosos, talvez até mais para a literatura do que os grandes êxitos. Era um “Rei Lear” péssimo! Eu fui acometida de acessos de riso. Passei um mês a ter risos incontrolláveis em cena. Foi aí que surgiu a ideia do primeiro capítulo. É a história de um ator que faz esse terrível “Rei Lear”. Ele é também o produtor do espetáculo e é obrigado a tirá-lo de cena porque ri em cena e aquilo leva-o à ruína.

Ser artista é uma condição que se cola à pele. Envelhecer artista é um desafio?

Acho que o envelhecimento do artista é bem-vindo. Você ganha uma certa maturidade. Quando se é novo é-se muito ansioso. Um ator é feito dos papéis que enfrenta. Por um lado, na juventude, você tem a garra e qualquer papel é um papel, tem mais chances de trabalho porque se é menos exigente, mas com a idade você torna-se mais exigente e maduro. Não tenho o sentimento de que as minhas oportunidades diminuíram por causa da minha idade, pelo contrário. Acho que aprendi com a vida a perder a ansiedade e a ser mais madura nos meus trabalhos.

E o Mário Cardoso, a sua personagem, também soube envelhecer?

Esse Mário tem uma altura em que ele se torna um ator cínico. Encontra um grande êxito na televisão e acomoda-se. Isso é terrível para ele porque quando acorda, tenta reinventar-se no teatro e o mundo mudou, é tarde demais. Ele paga severamente esse cinismo e por ter tratado, como diz no livro, a sua profissão como um emprego.

O título, "A Glória e o seu Cortejo de Horrores", é inspirado numa frase da sua mãe, a atriz Fernanda Montenegro.

A minha mãe sempre falou essa frase e eu sempre a achei curiosa. Os meus momentos de maior sucesso eram sempre acompanhados de uma ansiedade terrível em que parecia que era impossível viver aquilo como felicidade. Havia um enorme tormento no grande êxito, parecido com o tormento do fracasso. Um tem uma alegria e um sentimento de não caber em si e o fracasso tem uma melancolia terrível. Eu sempre gostei desta frase da minha mãe: "A Glória e o seu Cortejo de Horrores"!

Neste livro está também um retrato de um certo Brasil. A arte de hoje no Brasil, a forma como os artistas são olhados no contexto atual, também contaminou a sua escrita?

Sem dúvida. É sobre o Brasil e sobre o mundo que mudou. Tem uma hora em que o Mário Cardoso só encontra emprego numa novela bíblica que é um fenómeno que acontece atualmente no Brasil. Ele fala isso, que o canal evangélico é o único que sobrevive às redes sociais porque oferece um mundo ordenado. Toda a outra cadeia de produção de que ele faz parte está ruindo para dar lugar a "blogueros". Eu acho que essa massificação da arte e o atropelo à maneira de produzir arte foi produzido pela tecnologia. A música foi a primeira a sentir isso, depois foram a literatura e o teatro a sofrerem com isso. Também é uma visão do Brasil nas últimas quatro décadas.

Em que medida há esse retrato do Brasil?

Ele começa por fazer teatro político, de resistência à ditadura na universidade; depois conhece o "desbunde" da revolução de costumes; faz um cinema herdeiro do cinema novo. O livro vai atravessando todas as fases da cultura brasileira.

E para onde vai este Brasil de hoje?

O Brasil anda um trem desgovernado. É um ano de grande incógnita. É um país que sempre viveu em convulsão, seja económica ou política. Há um traço trágico no Brasil. Durante 20 anos conhecemos uma certa estabilidade democrática e económica. Foi um prazer enorme viver isso, mas ao mesmo tempo eu via com grande desconfiança. Achava que aquilo não era normal. Então agora que voltamos à convulsão política, eu acho que o normal, no Brasil, é isso. Sobreviveremos, mas é um ano muito duro.

Quando está a escrever sente saudades de representar? Ou hoje é mais escritora que atriz?

Um ofício salva você do outro. Existe uma enorme solidão no ato de escrever, que considero uma bênção. Tenho um enorme prazer no silêncio, na solidão e na imaginação da escrita. Por outro lado, quando escrevo muito tempo termino com uma enorme saudade da relação coletiva. Sentia falta da convivência com os outros atores, produtores, diretores e equipa. Esse ano, acho que vou trabalhar muito como atriz. Volto para ao Brasil para fazer uma série, tenho dois filmes encaminhados.

Eu sempre fiz teatro, cinema e televisão, um pouco aliviando a repetição, e agora a literatura entrou nessa roda. Todo o processo da imaginação à literatura. Às vezes, acho que a literatura é tudo o que um ator imagina entre falas. Um ator não é apenas aquilo que ele diz, é o que ele imagina quando diz que dá a "nuance" à fala. Por isso, acho que o subtexto é algo próximo da literatura.

Fonte: <http://rr.sapo.pt/noticia/104866/fernanda-torres-o-brasil-e-um-trem-desgovernado>

Artigo 5 – Campanhas da Companhia das Letras Portugal em sua página no Facebook

Companhia das Letras Portugal adicionou 2 novas fotos. 26 de janeiro às 18:15

Não há nenhuma boa razão para perder esta festa. É o nosso terceiro aniversário e vamos celebrar com os nossos autores, leitores, amigos e todos os que se quiserem juntar a nós. Além disso, há ainda uma convidada especial: a actriz e autora Fernanda Torres que lerá excertos do seu novo romance e conversará com Simone Duarte. Imperdoável não ir. No bar da Barraca, dia 30, a partir das 21h.

Companhia das Letras Portugal 26 de janeiro às 11:10

"Responsável pela comunhão do lirismo, da poesia e da música, o poeta abraça o sentimento para afastar a solidão. (...) Estes sonetos reunidos são, assim, para serem lidos, memorizados e amados. Não haverá melhor forma de homenagear Vinicius." LIVRO DE SONETOS, de Vinicius de Moraes, no Deus Me Livro

"Livro de Sonetos" | Vinicius de Moraes | deusmelivro

Sobre os sonetos de Vinicius diz-se que são "bons arrimos para a memória", em que é necessário aliar o coração à disciplina. À primeira vista, o soneto parece ser um dos exemplos mais rígidos dentro da poesia devido à sua forma fixa: quatro...

DEUSMELIVRO.COM

Artigo 6 – Reportagem no JL sobre o livro *Antologia incompleta da poesia contemporânea brasileira*, de Adriana Calcanhoto (Cotovia), e poesia brasileira

SAPO Mail Úteis Notícias Vida Compras Classificados Internacional

VISÃO SÓ VISÃO Exame EXAME INFORMÁTICA JÚNIOR JL

Assinar Loja Newsletters Siga-nos nas redes Login

Nova poesia do Brasil: Pós-tudo-enfim-por-vir

LETRAS | 22.08.2017 às 16h41



PUBLICIDADE

O livro *É agora como nunca - Antologia incompleta da poesia contemporânea brasileira*, chega agora às livrarias. Trata-se de uma coletânea, publicada pela Cotovia, do que há de mais recente na poesia brasileira.

ANTÓNIO CARLOS CORTEZ

Depois da publicação de *Naquela Língua*, com chancela da Elsinore, a Cotovia publica, passados poucos meses, uma outra coletânea do que de mais recente, na poesia, se escreve no Brasil: *É agora como nunca - Antologia incompleta da poesia contemporânea brasileira*, com organização e apresentação de Adriana Calcanhoto. Alguns poetas aqui reunidos comparecem naquela 'reunião' e outros têm já algum reconhecimento crítico, participando em revistas e publicando em editoras que, no eixo Rio/São-Paulo/Brasília, têm presença no mercado. Publicar-se agora esta nova

coletânea é sinal de que há uma atenção quanto ao que do outro lado de lá se faz. E talvez não seja secundário registrar certas semelhanças de discurso e de intenção entre várias vozes portuguesas e brasileiras, porque tal significa que nesse mercado dos leitores de poesia, em particular aqueles que a leem e têm entre os 20 e os 30 anos, há um padrão de preocupações, ou se quisermos de formas de estar perante o poético, que formam um gosto, uma estética, uma linhagem. Julgo ser necessário cartografar esse gosto, determiná-lo, tanto quanto possível, à luz de mudanças sociais que vão ocorrendo a nível global e que, em Portugal e no Brasil, assumem especificidades de facto. Nas oscilações próprias de algo tão indistinto quanto o gosto (que se deve discutir, diga-se), a lição de Gillos Dorfles permanece atual: cada época tem o seu gosto, mas o gosto, se é reflexo da época, constrói a própria época e nela participa.

Alterações políticas recentes (no Brasil a rutura com as políticas de Lula-Dilma e a passagem para um governo não legitimado pelo voto e com tintas de autoritarismo, como é o caso do de Temer); a sensação de que o esfacelamento social é sinal de esfacelamento da própria ideia de poesia nobre ou nobilitante, cada vez mais arreigada à ideia de que tudo, no hodierno mundo estilhaçado, é relativo; a escolha por um dizer imediato, instantâneo, contemporâneo porque tudo se resume a um estar aqui sem grandes preocupações metafísicas, o corpo, o sexo, o desencontro, os cafés, as compilações de poesia que se leem e deitam fora, o poema/história, escrito para ser lido entre ironia, sarcasmo, autopunição ou pedrada atirada à cara de quem ouve, isso tudo se inscreve numa postura que é pós-moderna, decetiva. Essa a linhagem destes autores.

Tal está a par da derrisão das últimas crenças neoclássicas (Estado, Deus?) que pudéssemos vislumbrar. E o poeta, vivendo no grande Titanic que é o planeta, pode escrever, como Josoaldo Rêgo, que temos os dias contados, mesmo que haja quem sonhe, a ler Machado, “a liberdade das coisas calma” (Sylvio Braga). Ao lermos Alice Sant’Ana, Marília Garcia, Angélica Freitas ou Fabiano Calixto, Thiago E, e ainda Victor Heringer, as mais originais vozes poéticas, com Bruna Beber e Domingos Guimaraens, mergulhamos num universo de linguagem marcadamente sanguíneo, feito de naufrágios quotidianos.

Um poema de Guimaraens isso mesmo destaca: “na hemorragia em fúria das ondas/ estes gigantes de sal e lágrima/ que se elevam da planície espelhada/ como navios suicidas// no desfalecer da espuma em sangue e luz/ nas tensões de fluorescências inconcebidas/ na potência do rugir desta concha terra/ na visão destes fluidos deslizantes// no estrondo do explodir dos corais/ no desespero dos braços marinhos/ em se agarrarem à última réstia de areia/ me encontro aqui/ naufrago na terra” (p.110). Por isso, como escrevem Leandro Durazzo e Bianca Lafroy, a vida da poesia vive de uma pergunta permanente: até onde é possível dizer a dor com palavras que não são objetos reais, concretos que possam albergar, ir contra, destruir ou reconstruir o real absurdo?

Mais alegórica do que metafórica, mais auto-depreciativa que celebratória, esta poesia coloca na mesa o funcionamento do texto: Bruna Beber questiona a crise da representação, declarando, consciente, que “todas as leituras de poesia/ são equivocadas”. Partindo de cenas do dia-a-dia, Bruna cultiva o poema como resistência ao tédio, o mesmo sucedendo com Bruno Molinero que faz do poema a reportagem efabulada de uma realidade queimada. A linguagem pode sobressaltar esse tédio, jogando-se contra o real a ambiguidade que o desmonta (“se o leite por acaso caísse/ da sua mão no chão da secção de laticínios/ bastava eu perguntar seu nome e fazer/ alguma piada envolvendo a expressão horar/ pelo leite derramado” (p.27)), lê-se em Gregorio Duvivier.

Electrocardiogramas, estes poemas também se pretendem jogados contra a literatura (Ismar Neto), contra o fácil que a poesia pode conter (“fazer poemas como edifícios/ por onde ninguém suba”, diz Leo Gonçalves), às vezes com imagens e jogos de significante que bloqueiam o literal e o suspendem. Neste particular vale a pena ver o exercício de Thomaz Ramalho que escreve sobre o acordo ortográfico, esse “desacordo fonético”, e faz do texto o espaço de reinvenção gráfica, semântica, inventivando essa “poesia-concreta-piada”. Paródia, brincadeira, o registo é, não raro, familiar, corrente, jogo inconsequente (Corsaletti e a figuração do poeta, visto por um outro como equívoco coveiro, avatar de uma qualquer imagem vinda do oitocentismo), fraseado simples, sem grandiloquências, apontamento fotográfico (Omar Salomão: “Brincadeira no ombro/ sem camisa/ coberto de poeira/ devagar/ desce a ladeira” (p.105)). O que significa, então, escrever um poema bem contemporâneo? Não ler Barthes nem

os clássicos e preferir a inação de um poema que se basta na sua forma de linguagem. Daí o lado performativo surpreendente na prática textual desta geração nova. Temos textos breves (Ramon Nunes Mello), poemas que herdaram qualquer coisa do futurismo-dadaísmo (Marília Garcia) também porque praticam o verso longo, o poema-prosa (as lições de Baudelaire e de Aloysius Bertrand continuam em voga no que tange à escrita da prosa em forma de poema, ou vice-versa?). Mas resta saber se o poema feito prosa não é essa pausa que encaminha as palavras para esse silêncio que a poesia persegue (Flávio Morgado isso mesmo questiona). Carina Castro e Donny Correia (poeta a seguir com muita atenção, pelo fundo erótico-lírico e certa construção imaginística), Catarina Lins, Christovam Chevalier, Laura Liuzzi, eis outros a ter em conta. Como escreve Adriana Calcanhoto na breve apresentação este livro mostra bem a lógica do poético como “provocação no pós-tudo-enfim-por-vir”.

Fonte: <http://visao.sapo.pt/jornaldeletras/letras/2017-08-22-Nova-poesia-do-Brasil-Pos-tudo-enfim-por-vir>

Artigo 7 – Reportagem no *Observador* sobre os livros do ano de 2017



Final de ano e as contas habituais: dez colaboradores e críticos do Observador apresentam os títulos favoritos de 2017, entre os romances, os ensaios históricos e as biografias.



Entre as escolhas feitas pelos críticos e colaboradores do Observador, apenas um livro surge em mais do que uma lista, precisamente o que abre este especial: *O Anjo Pornográfico*, a biografia de Nelson Rodrigues escrita por Ruy Castro e que este ano foi publicada em Portugal pela Tinta-da-China.

Apesar disso, os 30 livros escolhidos refletem diferentes géneros e formatos, épocas, assuntos e autores. É o habitual balanço literário que o Observador assina no final de cada ano.

Bruno Vieira Amaral

“O Anjo Pornográfico”, de Ruy Castro (Tinta-da-China)

Quem nada conhece de Nelson Rodrigues, da sua vida e da sua obra, das suas crónicas geniais à úlcera que amansava com pires de leite, das tragédias familiares às polémicas políticas, pode começar por aqui, por esta extraordinária biografia da autoria de Ruy Castro, que atravessa praticamente um século da história do Brasil acompanhando um dos seus autores fundamentais.

“O Anjo Pornográfico”, de Ruy Castro (Tinta-da-China)

A vida de Nelson Rodrigues é das Arábias. Ruy Castro, porém, está à altura da empreitada. Biografa-o com uma erudição e um poder evocativo impressionantes, os enquadramentos são deliciosos sem perder nunca o fio à vida, percebe a mente do seu biografado e a daqueles que o rodeavam. Nelson Rodrigues não podia ter melhor Boswell.

[as escolhas de Carlos Maria Bobone:]

João Pedro Vala

“O Casamento”, de Nelson Rodrigues (Tinta-da-China)

Quem por um segundo, quando pensa em casamentos, hesita entre imaginar mulheres bonitas a dançar o “Single Ladies” enquanto lutam por um ramo de flores ou, em alternativa, um serão de Inverno bem passado a ver um filme à lareira com a sua cara-metade, só teria a ganhar se repetisse para si todos os dias de manhã: “Só um débil mental pode casar-se na presunção de que o casamento é divertido, variado, ou simplesmente tolerável. É divertido como um túmulo. O casamento é o máximo da solidão com a mínima privacidade. Só o cinismo redime um casamento”. Dito isto, *O Casamento* de Nelson Rodrigues é talvez o elogio ao matrimónio mais bonito e comovente que já foi escrito em língua portuguesa.

Miguel Freitas da Costa

“O Anjo Pornográfico”, de Ruy Castro (Tinta da China)

A exaustiva e documentada história de Nelson Rodrigues, da sua vida, da sua obra e do seu mundo contada brilhantemente, sem nunca nos cansar, por Ruy Castro. É a primeira edição em Portugal do livro publicado no Brasil em 1992 – mas nunca é tarde quando a sina é boa.

Fonte: <https://observador.pt/especiais/dos-malandros-e-dos-poetas-os-30-melhores-livros-que-lemos-em-2017/>

Anexo II

**Anúncio da Editora Livros do Brasil na Revista
Livros de Portugal, editada pelo Grémio Nacional
dos Editores e Livreiros (GNEL) – agosto de 1945
(nº 42, p. 137)**

Livros do Brasil, Lda.

*Importadores do livro brasileiro * Exportadores do livro português*

EDITORES

RUA VITOR CORDON, 29 / LISBOA

Representantes exclusivos para Portugal e
Colónias dos seguintes editores brasileiros:

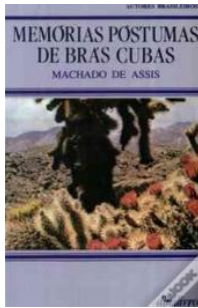
Livraria do Globo, de Pôrto Alegre
Irmãos Pongetti, do Rio de Janeiro
Livraria Martins Editora, de São Paulo
Casa Editora Vecchi, do Rio de Janeiro
Companhia Melhoramentos, de São Paulo
Empresa Gráfica «O Cruzeiro», do Rio de Janeiro
Companhia Editora Leitura, do Rio de Janeiro
Livraria Editora José Olímpio, do Rio de Janeiro
Livraria Editora Guanabara, do Rio de Janeiro

Em depósito permanente, tôdas as edições brasileiras

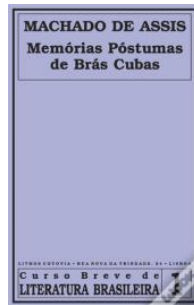
Descontos especiais para tôdas as livrarias, enviando-se catálogos a quem os solicitar

Anexo III

Exemplos de capas de livros de autores brasileiros ao longo dos anos (em editoras portuguesas)



Dinalivro, 1987



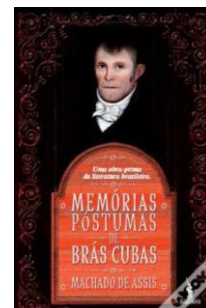
Cotovia (Curso Breve de Literatura Brasileira), 2005



Cotovia (Livro de Bolso), 2007



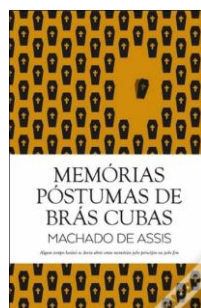
Relógio d'Água, 2008



Dom Quixote, 2010



Alêtheia, 2015

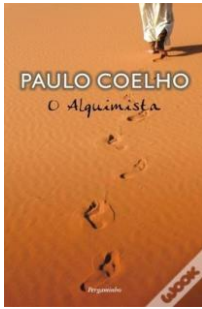


Guerra & Paz, 2016

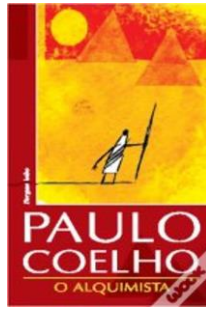


Relógio d'Água, 2017

Fonte: site Wook.



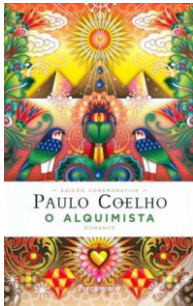
Pergaminho, 2000



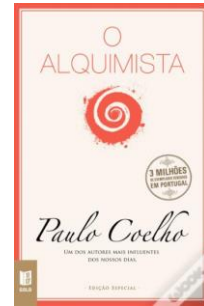
Pergaminho
(Edição Compacta), 2005



11x17 (Livro de Bolso),
2013



Pergaminho (edição
comemorativa), 2013



11x17 (Livro de
Bolso/especial gold)

Fonte: site Wook.